

J. ARTHUR MONTENEGRO

---



# FRAGMENTOS HISTORICOS

---

HOMENS E FACTOS

DA

GUERRA DO PARAGUAY

---

— 1.<sup>a</sup> SERIE —

---

**RIO GRANDE**

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA RIO-GRANDENSE  
(R. STRAUCH)

—  
1900

N. Excmo. Sr. General José J  
Farwanda  
Off.  
Alberto F. Rodrigues

Pelotas, Maio 1911.

Wohl man also auch blickt, ist Lüge in der  
Geschichte: die Muse Klio ist mit der Lüge  
so durch und durch inficirt, wie eine Gasseu-  
hure mit der Syphilis.

Estas proposições com que é por Koeler synthetizado o pensamento do Schopenhauer sobre o valor da Historia em suas relações com a philosophia e a sciencia, não significam que a Historia seja um ramo emprestavel do conhecimento; nem se poderia imaginar fosse semelhante ideia sustentada mesmo por Schopenhauer.

Mas uma cousa fica ahi com vehemencia accentuada: *é que innumeradas são as difficuldades com que se luta na historia.* Esta vem de facto ordinariamente contaminada de erros. Nos contemporaneos a paixão disvirtua, o interesse corrompe a apreciação dos acontecimentos; nos posteros a distancia exagera ou suprime verdades e factos e a imaginação tomando o lugar da razão vê os homens e as cousas através de um prisma exagerado e illusorio, dando a tudo as proporções da lenda e do mysterio.

Demais entre os contemporaneos ha conflictos de paixões ou pugilato de interesses; entre os posteros luta de doutrinas. De todo o modo se pode, pois, affirmar que ha na historia *luta pela verdade*, do mesmo modo e nas mesmas condições que ha na sociedade — *luta pela vida.* Mas por isso não fica diminuido, pelo contrario, ainda mais sobresahe o valor da historia, sendo que ao historiador compete, particularmente,

além do merito dos serviços que presta. a gloria do lutador.

Disto mesmo eu vejo uma prova no presente trabalho com que inicia o Sr. Arthur Montenegro a publicação do resultado de seus longos estudos sobre a guerra do Paraguay.

Veja-se o artigo que vem sob este titulo — *A Epopéa Paraguaya*. Publicado este importante estudo no *Correio Mercantil* de Pelotas, logo se sahio um official do Exercito impugnando-o<sup>(1)</sup>, á guisa de critico; e se bem que fosse extremamente infeliz em suas arguições que aliás não contestavam os factos historicos, mas apenas alguns conceitos externados pelo autor quanto ao valor de certos expedientes de tactica moderna. foi todavia com grande arrogancia que terminou pondo em duvida a autoridade do Sr. Montenegro para a empreza collosal a que metten hombros com relação á guerra do Paraguay.

Infeliz e precipitado. o critico nem sequer soube intrepetar com fidelidade o pensamento do autor. pois para combatel-o começa por emprestar-lhe ideias que aliás não foram por elle sustentadas, como por contestar-lhe principios que elle é o primeiro a reconhecer.

Precipitação ou má fé?

Impossivel será resolver; porém, como quer que seja, a violencia da opposição demonstra perfeitamente que o fim do critico não foi, de certo, o esclarecimento da verdade. Mas de todo modo isso deu lugar a que o Sr. Arthur Montenegro voltasse á carga. adduzindo novos esclarecimentos e *tornando por essa fórma de uma evidencia irresistivel a verdade dos factos que expõe.* <sup>(2)</sup>

Resultado: a impugnação não foi inutil e o critico, ou tivesse realmente duvidas em seu espirito e pro-

---

(1) Veja—o I do Appendice sob o epigraphe—*Assumptos Militares*.

(2) *Ibid.*—o II do Appendice, resposta ao artigo acima.

cedesse do boa fé. ou fizesse opposição systematica por interesse ou mania, como não raro succede, de todo modo prestou um serviço concorrendo para tornar mais fecundo o esforço do pensador e dar maior intensidade e vigor ao brilho da verdade.

Independente de toda e qualquer impugnação, nota-se nos trabalhos do Sr. Arthur Montenegro pronunciada tendencia (e isso mesmo é o que constitue uma das feições characteristics do seu methodo) para averiguar, para entrar no exame dos menores detalhes, para deixar tudo fóra de duvidas, de modo a dar ás suas narrações um gráo tal de certeza que a gente ao lê-las não possa deixar de ficar convencida.

Parece que o illustre escriptor tem consciencia clara e distincta das imperfeições inherentes ao conhecimento historico e por issó se esforça por tornar mais vivas as tintas do quadro que traceja, deixando bem saliente a figura dos individuos e reduzindo ás suas legitimas proporções as cousas e os factos.

E' isso mesmo o que se observa a todo instante nos *Fragmentos* que melhor se poderiam chamar *Quadros Historicos*. D'ahi a autoridade com que nos falla; d'ahi o tom de convicção com que se exprime o autor, o que dá ás suas narrações inestimavel valor, notando-se que elle como que faz esforços para transportar seu proprio ser para a historia, como se pretendesse dar vida e alma aos quadros que representa.

Nota-se de facto entre os historiadores o seguinte: — que uns procuram interpretar, por assim dizer, a consciencia humana, para fazer com rigor deducção das leis que obedecê a successão dos acontecimentos — *são os historiadores philosophos*; que outros pretendem como que representar em quadro os homens e as cousas, esforçando-se por arrancar do passado a lembrança dos factos, legando-os á humanidade como um thezouro e restituindo-lhe por este modo, senão a vida pelo menos a immortalidade da memoria — *são os historiadores artistas*.

O Sr. Arthur Montenegro é desta ultima classe.

Abrangendo em suas investigações apenas um periodo da nossa historia, pois todos os seus quadros giram em torno da guerra do Paraguay, principal objecto de suas locubrações. vê-se que o seu objectivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a deducção dos destinos da civilisação brazileira, mas apenas arrancar do olvido a memoria dos nossos heróes, apresental-os á posteridade taes quaes foram e sobretudo fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da Patria.

Por este lado apresenta-se o Sr. Arthur Montenegro não sómente como artista que figura quadros, mas tambem e principalmente como juiz que premeia e condemna. Aqui apparece por uma das multiples faces o destino moral da historia, sendo que assim considerada é como tribunal que a historia funciona.

Considerando-se debaixo deste ponto de vista, uma cousa logo se salienta de modo pouco commum nos trabalhos do Sr. Arthur Montenegro: — a imparcialidade, a rectidão, a justiça. Isto quer se trate dos brazileiros, quer se trate do inimigo da Patria.

A coragem dos paraguayes nos é apresentada, não raro, em taes condições que chega a tomar as proporções do heroismo, se bem que em regra se mostrassem sem disciplina e pouco conhecedores da arte da guerra.

Si se tratasse de um historiador parcial e pouco justo, é mais que provavel que o valor do inimigo não fosse assim reconhecido e apregoado. Isto tratando-se do povo; e tratando-se dos individuos é sempre com maxima imparcialidade que o historiador os julga e aprecia.

Veja-se com que severidade nos é pintada a historia romanesca por um lado, mas por outro lado repulsiva de M.<sup>me</sup> Lynch; veja-se como sobresahe diante dos quadros do Sr. Arthur Montenegro o heroismo da

Piriquita; veja-se com que vigor nos é apresentada a figura delicada e tragica de Camerino.

Outra cousa se torna digna de grande reparo nestes *Fragmentos*: é que o autor, descrevendo episodios da guerra do Paraguay, não só se mostra conhecedor da arte da guerra, como perfeitamente familiarisado com os usos, costumes e habitos da vida militar. Isto se explica facilmente quando é sabido que o Sr. Arthur Montenegro já pertenceu ao Exercito, tendo feito os estudos necessarios para se mostrar possuidor do conhecimento technico da materia.

Seja como fôr, é isto uma circumstancia valiosissima, pois é com perfeita autoridade que se pode occupar com assumptos militares.

Demais conhece por experiencia pessoal os segredos da vida do soldado e do marinheiro. Por isso é com vivo sentimento que nos pinta em seus quadros as emoções violentas porque passa na guerra o coração do homem, quer de enthusiasmo, quer de terror.

Transporta-nos ás alegrias da victoria por parte do que triumphá; constrange-nos a alma as angustias da derrota por parte do que é vencido; estremecemos ao toque de corneta no começo da lucta; ouvimos o gemido dos moribundos, depois de findo o combate. Depois entra nas mais minuciosas circumstancias, repete o que diz o soldado, falla de seus pequenos interesses, de suas rixas, das difficuldades com que luta, de tudo que lhe diz respeito; conta anedoctas, explica a origem dos appellidos dos generaes, escreve a historia dos chefes, escreve a historia dos soldados: em uma palavra tão minucioso se mostra, falla com tanta segurança, e sobretudo tão ao vivo nos descreve tudo o que se passa, que, lendo-o, tão identificados nos fazemos com o assumpto, que nos chega a parecer que tomamos parte como o autor na vida dos acampamentos.

Entretanto trata-se aqui apenas de uma serie de episodios, mais é quanto basta para que se possa desde logo fazer ideia precisa do immenso valor da grande

obra que está sendo preparada pelo Sr. Arthur Montenegro sob o titulo de *Historia da Guerra da Triplice Alliança contra a Republica do Paraguay*.

E', porém, cedo ainda para apresentar sobre esta obra opinião definitiva. Basta, por emquanto, que felicitemos o autor, pelos seus preciosos — *Fragments* —, dando ao mesmo tempo, pelo apparecimento desta obra, parabens á litteratura patria e especialmente aos que se interessam pelo estudo da historia nacional.

Ceará, Março de 1900.

*R. de Farias Brito.*



# HOMENS E FACTOS



# A EPOPEA PARAGUAYA (1)

(Carta aberta ao Dr. Pedro Osorio)

« Parece-me que esse pequeno povo bloqueado pela munição aliada desde o começo da luta até o fim, absolutamente reduzido aos seus próprios recursos, apresentando-se em campo um contra dois, fazendo tres nações estacaram irresolutas durante mezes e mezes, quando tinham á sua disposição todos os portos do mundo. — parece-me que esse povo devia merecer da parte dos historiadores mais justiça, sem que por isso o amor proprio dos adversarios se julgasse offendido. »  
(Carta do Dr. Pedro Osorio ao autor. — *Ilugi*, 8 de Julho de 1896)

Tem razão, meu amigo. em exaltar o valor desse povo original, que, batido pelo numero, esmagado pela força bruta do canhão aliado, soube salvar a honra, lutando até a ultima trincheira levantada á margem desse historico rio Taquaras que assignala no coração da America do Sul pungente interrogação ao futuro... e Cerro Corá será antes um monumento levantado á bravura, ao patriotismo e á fidelidade paraguaya, que um labéo lançado pela historia á degradação moral do povo.

Penso assim e si me fôr permittida a ventura de concluir o livro que elaboro sobre essa campanha, verá, meu bom amigo, que faço inteira justiça a esse povo heroico que extinguiu-se quasi, defendendo com rara abnegação o sólo patrio.

E esses restos do grande exercito, ultimos veteranos daquelles 80.000 homens sob cujas baionetas devia erguer-se um imperio, podiam repetir em Aquidaban as memoraveis palavras de Francisco I em Pavia:

Perdeu-se tudo, menos a honra!

\* \* \*

Os repetidos desastres soffridos pelas armas paraguayas, têm sua explicação em *causas* moraes e mate-

---

(1) Publicado, em Pelotas, no «Correio Mercantil» de 19 de Julho de 1896.

riaes. Nestas, poderosamente influio a antiquada organisação tactica do exercito que não correspondia então ás exigencias da guerra moderna; ao pessimo e variado armamento que possuia e, finalmente, a extrema ignorancia do seus bravos generaes e chefes superiores, guindados ás culminancias do mando, não pelo merito real, mas pelo capricho do Marechal Solano Lopez.

Para demonstrar ligeiramente o primeiro ponto, basta dizer que a infantaria, principal arma do campo de batalha, seguia a antiga ordenança hespanhola, dividindo-se em tres classes *a mesma unidade administrativa e de combate*, isto é. em cada batalhão de 800 a 1000 homens, as duas companhias da frente eram de *caçadores*, as quatro do centro de *fuzileiros* e as duas ultimas de *granadeiros*.

Afigure-se, meu amigo que, pela ordenança antiga, cada una dessas classes deviam operar em terreno apropriado á sua especialidade; por exemplo: em logar accidentado ou coberto de matto carrasquenho, *os caçadores de todos os corpos*, compostos dos homens mais baixos e ageis, eram lançados para a frente a engajar o combate<sup>(1)</sup>; os *fuzileiros* empenhavam-se quando o inimigo manobrava em planicies ou se pronunciava em derrota, aos *granadeiros* — reserva geral — competia vibrar o ultimo golpe: éra o exercito de Xerxes esperando a sahida do sól...

No caso de victoria tudo marchava bem, como se vio em Corrales e no Estero Ballaco nas primeiras

---

(1) A nossa actual tactica de combate arremeda esse systema com os taes «atiradores» e seu cortejo de «reforço» e «apoio»; ordem imprestavel para as campanhas da America do Sul, onde por muito tempo ainda a cavallaria terá acção decisiva no campo de batalha.

Os allemães só a empregaram uma vez, no principio da guerra com a França e bem caro pagaram o ensaio.

A 6 de Agosto de 1870, em Saarbrücken, a 5.<sup>a</sup> divisão prusiana perdeu em dez minutos 1600 homens cortados á espada pelos dezeseis esquadrões da divisão Frossard.

Entre nós temos um exemplo recente: No combate de Passo Fundo os gaúchos de Prestes Guimarães espatifaram o valente e infeliz 30.<sup>o</sup> de infantaria sorprendido nessa formatura.

Esse factó bem devia influir para que fosse banida de nossa ordenança semelhante pratica — como ordem inicial de combate —, porque nos pode accarretar tremendo desastre em campanha regular.

O emprego de «atiradores» devia ser restringido a operações especiaes e o futuro dirá se tenho razão.

---

A nota acima provocou pela imprensa a discussão que inclui no—*Appendice*— deste livro e para a qual chamo a attenção do leitor.

horas do dia; mas pronunciando-se a derrota, tudo éra confusão: jámais essas companhias destacadas em pontos differentes podiam se reunir a seus corpos e, na retirada em massa, sem norte, accósados pela baioneta ou pela metralha, estabeleciam a desordem nas reservas; d'ahi o sacrificio immenso de vidas que seguia-se a cada acção, porque soldado sem formatura regular, embora valente e disciplinado, torna impossivel qualquer resistencia.

Esse defeito tactico foi o preludio da derrota de Tuyoty que a bravura dos alliados transformou em tremendo desastre.

Nesse dia, em que o nome do *legendario gaúcho* vóu à immortalidade, trinta e dois mil alliados foram aggreddidos por vinte e quatro mil paraguayos; a nossa superioridade numerica, porèm, não teve acção decisiva no resultado da luta, por que apenas 23.000 a 24.000 homens combateram realmente; muitos corpos não tiveram occasião de queimar uma escórva, outros se limitaram ápoiar a primeira e segunda linha de batalha. O numero, portanto, contrabalançou-se e só podemos resistir com vantagem a primeira e formidavel investida do inimigo, desaperebidos como estavamos, devido á ordem de castramentação que adoptára Osorio, acampando o exercito em tres linhas paralellas.

Dezeseis batalhões brasileiros e todo o Segundo Corpo do Exercito Argentino ficaram de reserva e no entanto o inimigo perdeu 13.000 homens de suas melhores tropas!

A derrota se pronunciou nas fleiras paraguayas precisamente ás 12 horas do dia, quando a cavallaria do Resquin, metralhada de frente e flanco pela artilharia Mallet, recuou desordenada sobre as columnas de infantaria que acabavam de transpor extenso e profundo banhado e no mesmo momento em que Osorio á frente da divisão Argollo reforçava o flanco defendido pelo general Antonio de Sampaio dos ataques impetuosos do general Eduvigés Diaz.

A infantaria na frente da vanguarda, desembaraçada de seus ginotes, ainda avançou impulsionala sómente pela bravura individual, mas já tacticamente desorganizada; a 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> divisões completaram no flanco esquerdo a derrota do inimigo.

Não houve um só batalhão paraguayoy que carregasse *em ordem unida*; eram companhias destacadas que se atiravam loucamente sem communhão de esforços, sem determinado objectivo, contra a triplice linha de

baionetas aliadas que por todos os lados offerciam a mesma potencia defensiva.

Tres vezes atacaram os paraguayos, quatro columnas operaram, mas foram esforços isolados que se esterilizarão ante a cohesão dos aliados.

Riachuelo e Tuyoty foram tremendos desastres que inclinaram decisivamente a victoria para a causa da alliança: nesta perderam o Marechal a flor do seu exercito, naquella vio aniquilada a sua marinha de guerra; no entanto a nossa inferioridade era patente n'uma e n'outra acção e todas as vantagens da aggressão e da surpresa eram dos contrarios; mas em suas fileiras imperava pratica carunchosa exigindo formalidades exultas que o canhão da alliança vantajosamente dispensou, aniquilando aquelle arrojo inconsiderado, cego, violento que caracterisou o soldado paraguayos nessa luta de cinco longos annos.

Em Riachuelo, vemos o plano de batalha profundamente alterado pelo incidente do *Iberá* nas Tres Bocas: Pedro Meza, devendo atacar pela madrugada, só se apresentou ás 11 horas da manhã diante da esquadrilla do Barroso, perdendo assim as vantagens que lhe dariam a surpresa e a abordagem no escuro da noite.

O velho chefe paraguayos perdeu a serenidade ante a atrevida resolução de Barroso que o foi atacar nas posições vantajosas que escolhera; nenhuma manobra ordenou para engajar a luta: nos galopes da capitanea paraguayos nenhum signal se desfraldou para indicar acção de cada navio e sómente á superioridade da marcha de seus barcos, ao seu pouco calado e consequente facilidade de evoluções sobre baixios de estreitos e tortuosos canaes, poude lutar com vantagem durante algum tempo: limitou a sua unica manobra tactica em cortar a linha brazileira na altura do penultimo navio, abordando com tres canhoneiras a historica *Parnahyba*.

O grave ferimento que recebera, obrigando-o a passar o commando ao valente Robles, o qual, dirigindo abordagem, não poude mais assignalar evolução alguma aos navios que combatiam em grupos isolados, permittio a *manobra de ariete* audazmente iniciada pelo talhamar do *Amazonas*, cobrindo assim de louros a fronte veneranda de Barroso, que se vio imitado um anno depois, em Lissa, pelo almirante Tegethof com o esporão do *Ferdinand Max*. (1)

(1) Barroso, mettendo a pique os navios paraguayos a golpes de talha-mar, não inventou a theoria do ariete que

Em Tuyoty se nota a mesma ausencia de cohesão no ataque dividido o exercito em quatro columnas, que deviam avançar pelas alas, frente e retaguarda dos alliados, vemos a mesma falta de simultaneidade no conjuncto da operação e cada general atacando, não no momento combinado, mas quando desembaraçaram a sua frente na planicie; Resquin atira a cavallaria nos banhados da frente da artilharia Mallet, Marcó obrigado e mudar de direcção para apoiar a divisão Diaz valentemente combatida pela divisão Sampaio, e Barrios só desembocando no Potreiro Pires ás 3 horas da tarde, — tudo isso junto aos incidentes varios que sobrevem no meio da acção, fizeram perder todas as probabilidades de triumpho para as armas paraguayas.

\* \* \*

Parece que no espirito do Marechal Solano Lopez se arraigou a ideia de vencer o Brazil só pelo numero, pela força bruta das grandes massas armadas.

Sabia que o Imperio não tinha exercito e que os poucos soldados que mantinha em armas operavam na Republica do Uruguay contra os *blancos*, seus alliados; se lembrava talvez da campanha de 1827 em que difficuldades internas obrigaram ao primeiro Imperador áccetar una paz pouco honrosa, depois de uma luta em que os exercitos belligerantes deram o singular espectaculo de fugir um do outro após um encontro em que reconheceram a impossibilidade do sahir um

---

constituiu posteriormente, como hoje o torpedo, o supremo argumento das batalhas maritimas.

*Nilul novi sub sole.*

Quatrocentos e oitenta annos antes de Christo, na batalha de Salamina, o grego Themistocles empregou pela primeira vez esporões de bronze contra os navios do persa Ariamenes.

O «invento» se conservou esquecido 2345 annos. E' de presumir, porém, que Barroso, saecudido por fortissima emoção em meio de batalha, não tivesse calma bastante para se lembrar de gregos e persas se degladiando nas costas da Attica junto á lendaria ilha Coluri... é mais racional suppôr que a manobra da «Amazonas», em Riachuelo, fosse inspiração do momento e nunca imitação de um principio tactico mais velho que a christandade.

Barroso tinha nervos como outro qualquer: não é possível que um individuo, sópezando os destinos da Patria no fragor de uma batalha, no momento em que procura arrancar a victoria do adversario, possa recordar factos escondidos na historia pelas brumas espessimas de vinte e tres seculos...

O *ariete moderno* derivou-se portanto da manobra da fragata «Amazonas»: a gloria é de Barroso:

vencedor e outro vencido. E nesta crença deu o golpe sobre Matto Grosso e depois dirigio suas tropas para o Rio Grande do Sul, esquecido de que começava a campanha com gravissimo erro strategico e que o Imperio estava consolidado, tendo á sua frente um monarcha da estatura moral de D. Pedro II.

\*

No quartel general paraguayo predominou a astucia do selvagem para a guerra de emboscadas, de sorpresas, de ciladas; no rancho-palacio de Passo-Pocú não existio a acção intelligente da sciencia militar para as operações estrategicas. (1) Imperou estulta vaidade de improvisado general, em cujas mãos poder descriptivo, amplo, sem limite algum nas leis divinas ou humanas, produziu esse phenomeno social de um povo inteiro subjugar-se com extrema dedicação a uma só vontade...

Ao espirito sagaz do Marechal Solano Lopes escaparam os ensinamentos das campanhas navaes de Nelson e continentaes de Napoleão, em que os adversarios afferrados a preconceitos tacticos, seguindo *systemas* mais ou menos bem combinados, consagrados em leis e regulamentos especiaes, soffreram tremendos desastres, sem coragem de romper com essas praticas antiquadas, a cujo *exacto comprimento* attribuiam uma ou outra victoria obtida a caro custo, como si na guerra podessem ser immutaveis os sucessos e previstos todos os casos em regulamentos militares.

Singular espectaculo, na verdade, apresentou o Marechal Solano Lopez com *o seu modo* de fazer a guerra, com essa mistura de principios que applicou ás operações: alliou á ordenança hespanhola do tempo

---

(1) Ao iniciar a campanha o exercito brasileiro se achou no sólo paraguayo nas mesmas condições das tropas inglezas no sul da Africa diante dos boers.

Como os inglezes, tambem iamoz fazer guerra *scientifica*, baseada em principios tactico-estrategicos, segundo o uso corrente. Antes, porém, de passarmos o Paraná, os combates da margem esquerda avisaram de que a guerra alli seria guerra de indios, guerra á americana — de chatas contra couraçados, de abordagens, de sorpresas, de ciladas, luta corpo a corpo, em que a coragem individual quasi sempre decidia...

Os generaes brasileiros tiveram extrema difficuldade em se amoldar áquelles «costumes» desconhecidos do mundo civilisado: aprenderam debaixo de fogo. D'ahi a extrema lentidão das operações e a explicação do character singular que apresentou o conjuncto dos sucessos.

de Francia á tactica dos indigenas do Chaco. E o exercito paraguayo, a despeito de sua ingente bravura, de sua não igualhada obediencia, foi sacrificado á ignorancia de seu chefe, que se arvorou em general quando militarmente era incapaz de bem discernir um plano de campanha; prova o systema que seguio, até a passagem do Paraná, de operar em *columnas destacadas* contra o inimigo que manobrava na *ordem profunda*, ordem esta preconizada pelos tacticos de todos os tempos e tão habilmente aproveitada pelo general Bonaparte na sua admiravel campanha de 1800, e hoje seguida em todos os exercitos modernos, como nos dá frisantes exemplos a guerra de sessecção nos Estados Unidos, a do Holstein e a da França em 1870.

Caro custou o seu erro e os alliados começaram a guerra destruindo em Yatahy e Uruguayana as duas columnas, a flor do seu exercito, que elle atirou isoladas no valle do Uruguay.

O Marechal Marmont diz com razão:

... «Entre dois exercitos, cuja força, estado moral, sejam identicos, as probabilidades são iguaes. Para tornal-as favoraveis, porém, combina-se movimentos estrategicos de maneira que o inimigo, enganado no objectivo da campanha, divida as suas forças. Então o general mais habil reúne rapidamente suas forças, ataca o adversario e a superioridade numerica que soube adquirir, facilita em grande parte a victoria.

«A superioridade numerica no momento do combate, é de extrema importancia: verdade é que a qualidade das tropas deve merecer mais consideração que o numero, porém, no estado actual dos exercitos o numero e o conjuncto dos meios concorrem poderosamente para a victoria.» (1)

Taes principios eram conhecidos pelo Marechal Lopez (2); entretanto quem conhece os successos dessa

---

(1) Vid. Marmont — De l'Esprit des Institutions Militaires.

(2) A obra de Marmont foi mandada traduzir pelo Marechal Lopez e profusamente distribuida no exercito. Encarregou-se da traducção o tenente Gregorio Benitez que tão saliente papel representou nesta guerra e foi impressa em Besançon em 1863.

Attribuo á influencia dessa obra uma parte dos desastres soffridos pelos paraguayos, porque taes doutrinas concorreram para perturbar ainda mais o espirito de individuos sem nenhum preparo, que agiam n'um verdadeiro caos de «cousas militares».

Durante essa guerra só conheço uma manobra verdadeiramente tactica empregada pelos paraguayos n'um campo de batalha. Foi quando o general Cabalero em Campo Grande (16



guerra sabe que tudo foi feito em sentido contrario, com excepção de dois unicos ataques em que empregou elementos respeitaveis, obedecendo a um plano verdadeiramente estrategico — Riachuelo e Tuyoty, cuja victoria em qualquer delles o faria senhor da situação; tudo mais que emprehendeu foi cercado de erros gravissimos que se provam com as consequentes derrotas, quando é certo que no principio da luta todas as vantagens eram suas.

Outro erro de caracter estrategico, pesando tambem no resultado do tremendo prelio, foi commettido pelo marechal dictador, além dos já apontados: a guerra de posições, a guerra de fortaleza, immobilizando o magnifico exercito que extinguiu-se em sortidas estereis, que talvez decidisse a sorte da guerra n'uma só batalha campal, em 16 ou 17 de Abril de 1866. quando o general Osorio affrontou-o com 10.000 homens apenas, tendo na retaguarda o caudaloso Paraná.

Não é sem muita razão que o contr'almirante Fincati (1) diz que aquelle principio verdadeiramente fundamental foi o segredo de Annibal, de Cezar e de Bonaparte em suas admiraveis campanhas e será a primeira condição da victoria, quer os homens empreguem a elasticidade das catapultas, quer utilisem a expansão dos gazes nas carabinas e canhões.

Foram essas, meu amigo, as principaes causas que no meu entender influiram para o exterminio do maior exercito que tem visto a America do Sul — exercito aguerrido, disciplinado, obediente como nenhum outro no mundo, capaz dos mais alevantados feitos, mas felizmente para a nossa Patria e para a humanidade, guiado por um empyrico.

de Agosto de 1869), atacado de flanco, operou audaz mudança de frente, debaixo de fogo, com a qual sahiria vencedor si commandasse tropas cujo moral não estivesse tão abatido por uma serie ininterrupta de desastres.

Mudando rapidamente a artilharia do flanco esquerdo para reforçar o direito, negou aquella ala ao ataque de frente que lhe levava os brazileiros, e ás 3 horas conseguiu estabelecer a linha de batalha na perpendicular de sua primitiva posição, para abrigar-se nos barrancos do arroio Juquery, do outro lado do qual já se achavam suas carretas de bagagem e munições.

É a situação tornou-se tão critica que o genero brasileiro desempainhou a espada para guiar as columnas de ataque, atirando-se no meio da refrega, provocando o episodio que Pedro Americo immortalisou n'uma tela primorosa.

(1) Fincati — «Aphorismos Militares».

## OS COMBATES DO CHACO

(Carta aberta ao Tenente-Coronel Dr. Rodolpho Brasil. (1))

---

Peço-vos, meu caro amigo, o especial obsequio de euviar-me uma narrativa epistolar dos acontecimentos do Chaco, na Campanha do Paraguay, salientando os combates em que tomaram parte o Sr. Marechal Prota-então major, e o meu amigo Coronel Marceano de Magalhães, então tenente de artilharia.

Trata-se de esclarecer uma duvida suscitada entre ambos, e o Coronel Marceano, por meu intermedio, appella para a vossa esclarecida e autorizada opinião.

(Carta do Dr. Rodolpho Brasil ao autor, Porto Alegre 10<sup>de</sup> Agosto de 1896.)

As operações militares realizadas no Chaco, revestiram-se da mais alta importancia, não só pelos ensinamentos que nos trouxe a tactica empregada naquelles singulares combates de escaleres e canôas, no ultimo periodo daquelle drama pavoroso, de que não ha exemplo na historia militar de todos os tempos, como pelas vantagens estrategicas colhidas no principio com o fechamento completo do sitio posto ao quadrilatero paraguayo, que nos deu a posse immediata da grande fortaleza de Humaytá, pouco depois transformada em nossa base accidental de operações contra as novas linhas de Pikiciry.

A occupação do promontorio fronteiro a Humaytá, começou no dia 1.<sup>o</sup> de Maio de 1868 com o desembarque alli, no Anday, da divisão argentina do Coronel Ignacio Rivas e no Yaussy da brigada brasileira do Coronel João de Barros Falcão; o terminou pela rendição da guarnição da fortaleza, a 5 de Agosto seguinte, na Isla-Poi, dando-se repetidos e sangrentos combates nesses 96 dias de fogo continuo, em que a guerra peculiar á America do Sul desenvolveu a sua extraordinaria fecundidade no invento dos meios de acção, no imprevisto dos successos, tomando cada combate accção propria, singularmente caracteristica, jámais omittidos em outras campanhas.

---

(1) Publicado, em Pelotas, no «Correio Mercantil» de 3 de Setembro de 1896.

guerra sabe que tudo foi feito em sentido contrario, com excepção de dois unicos ataques em que empregou elementos respeitaveis, obedecendo a um plano verdadeiramente estrategico — Riachuelo e Tuyoty, cuja victoria em qualquer delles o faria senhor da situação; tudo mais que apprehendeu foi cercado de erros gravissimos que se provam com as consequentes derrotas, quando é certo que no principio da luta todas as vantagens eram suas.

Outro erro de character estrategico, pesando tambem no resultado do tremendo prelio, foi commettido pelo marechal dictador, além dos já apontados: a guerra de posições, a guerra de fortaleza, immobilizando o magnifico exercito que extinguiu-se em sortidas estereis, que talvez decidisse a sorte da guerra n'uma só batalha campal, em 16 ou 17 de Abril de 1866, quando o general Osorio affrontou-o com 10.000 homens apenas, tendo na retaguarda o caudaloso Paraná.

Não é sem muita razão que o contr'almirante Fincati<sup>(1)</sup> diz que aquelle principio verdadeiramente fundamental foi o segredo de Annibal, de Cezar e de Bonaparte em suas admiraveis campanhas e será a primeira condição da victoria, quer os homens empreguem a elasticidade das catapultas, quer utilizem a expansão dos gases nas carabinas e canhões.

Foram essas, meu amigo, as principaes causas que no meu entender influiram para o exterminio do maior exercito que tem visto a America do Sul — exercito aguerrido, disciplinado, obediente como nenhum outro no mundo, capaz dos mais alevantados feitos, mas felizmente para a nossa Patria e para a humanidade, guiado por um empyrico.

de Agosto de 1869), atacado de flanco, operou audaz mudança de frente, debaixo de fogo, com a qual sahiria vencedor si comandasse tropas cujo moral não estivesse tão abatido por uma serie ininterrupta de desastres.

Mudando rapidamente a artilharia do flanco esquerdo para reforçar o direito, negou aquella ala ao ataque de frente que lhe levava os brasileiros, e ás 3 horas conseguiu estabelecer a linha de batalha na perpendicular de sua primitiva posição, para abrigar-se nos barrancos do arroio Juquery, do outro lado do qual já se achavam suas carretas de bagagem e munições.

E a situação tornou-se tão critica que o genera lbrasileiro desempainhou a espada para guiar as columnas de ataque, atirando-se no meio da refrega, provocando o episodio que Pedro Americo immortalisou n'uma tela primorosa.

(1) Fincati — «Aphorismos Militares».

## OS COMBATES DO CHACO

(Carta aberta ao Tenente-Coronel Dr. Rodolpho Brasil. (1))

Peço-vos, meu caro amigo, o especial obsequio de enviar-me uma narrativa epistolar dos acontecimentos do Chaco, na Campanha do Paraguay, salientando os combates em que tomaram parte o Sr. Marechal Frota' então major, e o meu amigo Coronel Marceano de Magalhães, então tenente de artilharia.

Trata-se de esclarecer uma duvida suscitada entre ambos, e o Coronel Marceano, por meu intermedio, appella para a vossa esclarecida e autorisada opiniao.

(Carta do Dr. Rodolpho Brasil ao autor, Porto Alegre 10<sup>de</sup> Agosto de 1896.)

As operações militares realizadas no Chaco, revestiram-se da mais alta importancia, não só pelos ensinamentos que nos trouxe a tactica empregada naquelles singulares combates de escaleres e canoas, no ultimo periodo daquello drama pavoroso, de que não ha exemplo na historia militar de todos os tempos, como pelas vantagens estrategicas colhidas no principio com o fechamento completo do sitio posto ao quadrilatero paraguay, que nos deu a posse immediata da grande fortaleza de Humaytá, pouco depois transformada em nossa base accidental de operações contra as novas linhas de Pikiciry.

A occupação do promontorio fronteiro a Humaytá, começou no dia 1.<sup>o</sup> de Maio de 1868 com o desembarque alli, no Anday, da divisão argentina do Coronel Ignacio Rivas e no Yaussy da brigada brasileira do Coronel João de Barros Falcão; e terminou pela rendição da guarnição da fortaleza, a 5 de Agosto seguinte, na Isla-Poi, dando-se repetidos e sangrentos combates nesses 96 dias de fogo continuo, em que a guerra peculiar á America do Sul desenvolveu a sua extraordinaria fecundidade no invento dos meios de acção, no imprevisto dos successos, tomando cada combate feição propria, singularmente caracteristica, jámais empregados em outras campanhas.

---

(1) Publicado, em Pelotas, no «Correio Mercantil» de 3 de Setembro de 1896.

A magnitude do assumpto exige grande desenvolvimento, longas explicações para tornal-o ao alcance dos que não conhecem os detalhes dessa campanha, o que não posso fazer neste momento em que tenho a saude profundamente alterada.

Cumpro acrescentar que todo o IV volume de minha obra sobre a Campanha do Paraguay (*Cerco do Quadrilatero*) exige ainda muito retoque, muita *lima* para que se possa extrahir copia da parte correspondente aos successos do Chaco.

Entretanto, para demonstrar boa vontade em cumprir ordem tão lisongeira, farei rapida analyse dos serviços prestados pelo Major Falcão da Frota e tenente Botelho de Magalhães no combate do dia 2 de Maio de 1868, que, a meu ver, revestiram-se de muita importancia em consequencia do perfeito conhecimento profissional revellado no emprego opportuno da *especialidade* de cada um delles, ante a ousada e perigosa posição que nesse dia occupára a brigada Barros Falcão — em terreno completamente desconhecido, crivado de mattas e entre estas boqueirões, lagoas, e banhados, onde a cada passo um punhado de homens decididos podia desbaratar uma forte columna.<sup>(1)</sup>

Principiarei pelo tenente Marceano Botelho de Magalhães.

\* \* \*

No momento do desembarque da brigada do Coronel João de Barros Falcão, enquanto algumas companhias dos 1.º, 3.º e 8.º de infantaria ajudadas pela bateria allemã<sup>(2)</sup>, desalojavam os paraguayos que se

---

(1) Leonidas não teve privilegio para o feito homerico das Termopylas. Os annaes militares registram muitas resistencias heroicas em passagens estreitas.

Entre outras, me occorre a defeza do desfiladeiro de Sapucahy, na Cordilheira, onde o general Cabalero repelliu o ataque do general João Manoel que dispunha de forças muito superiores (8 de Junho de 1869).

Recentemente, em Maio de 1882, o capitão Szmrecsanzi com a 18.ª companhia do regimento imperial de engenheiros, defendeu valerosamente o desfiladeiro de Kan, na Crivoscia, atacado por numerosas tropas da rebellião dalmata.

Nestes dois feitos os defensores impediram totalmente a realisação do objectivo das forças atacantes.

(2) Essa bateria foi organizada em S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul, com voluntarios «teuto-brazileiros».

tinham entrancheirado na matta fronteira e em fóssos que previamente construíram, o Tenente-Coronel Tiburcio de Souza recebia ordem de proteger o desembarque do resto da columna e limpar os flancos da posição dos piquetes inimigos.

Tiburcio, que tinha indole verdadeiramente guerreira<sup>(1)</sup>, estendeu a ala esquerda do 16.º de infantaria com a frente para o sul e conduziu em pessoa a ala direita na direcção do norte para os lados do Timbó, onde a abra da matta indicava o caminho de retirada do inimigo. Ahi empenhou-se em sério reccontro com a columna do Major Orzuza que avançou celere com o visível intento de lho cortar a retirada e reconquistar a posição de Yuassy.

Nesse momento em que o 16.º media-se com forças muito superiores, o capitão Amphrisio Fialho<sup>(2)</sup>, commandante da bateria allemã, se apresenta com um canhão, chegando a tempo de metralhar o inimigo a 50 passos de distancia, obrigando-o a recuar promptamente tangido pelo effeito inesperado das lanternetas.

Ao tenente Marceano de Magalhães competia marchar para o flanco ameaçado com o canhão que funcionou tão a proposito.

O commandante da bateria não podia abandonal-a para ir tão distante levar o auxilio de pequena fracção de sua força, deixando ao seu immediato a direcção de maior numero de boccas de fogo aonde o combate era mais renhido. Essa infracção do regulamento (e da hermeneutica — porque a lei suppõe o superior como mais habil e com mais conhecimentos) propositalmente commettida pelo capitão Amphrisio, como elle confessa em suas *Memorias*, deu ensejo, entretanto, para o tenente Marceano de Magalhães provar ao exercito que já era digno de um commando isolado.

O capitão Amphrisio Fialho, gravemente ferido nessa occasião, teve de entregar o commando ao 1.º te-

---

(1) Phrases do meu amigo Visconde de Taunay em carta que me dirigiu em 14 de Julho de 1896, e accrescenta: — Era de valor militar inexcedível e de vastissima intelligencia, inclinada um tanto á emphase. Os successos não o ajudaram e estou certo que se vivesse em epochas de crise social e de conturbação, teria representado papel em extremo saliente e decisivo.

(2) Falleceu a 3 de Abril de 1896, em Montevidéo. Agitadissima a vida desse official em consequencia de desmedida ambição que foi seu traço característico. Deixou umas memorias — *Meio Seculo de Recordações* — onde teve a franqueza de dizer a verdade núa e crúa.

nente Marceano de Magalhães, que nesse momento, na vanguarda, esmagava os contrarios em todos os pontos em que se emboscavam, permittindo assim o inicio dos trabalhos de sapa para a segurança do campo.

Como vê, meu amigo, o papel da artilharia, quer no flanco direito, quer na frente do campo de Yuassy, foi poderoso, decisivo quasi, concorrendo efficazmente para o feliz resultado da dupla operação que era levada a effeito diante de um inimigo ousado, perfeitamente senhor da topographia local, enquanto os nossos, manobrando no desconhecido, eram embaraçados pelos proprios vaqueanos. (1)

Convém advertir que mais importantes seriam os serviços do tenente Marceano, si desmedida ambição pelo *majorato* não dominasse o capitão Amphisio Fialho, que, na esperança de alcançar *a todo custo* tão desejado posto, cerceou acção de seu immediato que se vio até o momento de assumir o commando da bateria tolhido em qualquer iniciativa naquelle singular combate, ferido sem plano preconcebido, onde acção individual, espontanea, de cada chefe de fracção representava o penhor da victoria.

A historia do *majorato* do capitão Amphisio Fialho é longa, interessante e synthetisa bem o espirito de emulação que lavrou no exercito durante a porfiada campanha de 1864—70. Basta dizer que, ao organisar-se a expedição que devia operar no Chaco, o capitão Fialho empenhou-se com o general Osorio, commandante do 3.º corpo do exercito, para designar a sua bateria, dizendo ao assistente quando se retirava do quartel general:

*Desta vez ou saio Major, ou levo o diabo.*

\* \* \*

O Major Falcão da Frota prestou serviços de incontestavel relevancia, como chefe da secção de engenharia que acompanhou a expedição.

Auxiliado pelos tenentes Gamboa e Eduardo de Moraes, delineou rapidamente o systema de fortificação adaptavel em semelhante terreno, serviço feito com extrema rapidez, sob vivo fogo da fuzilaria inimiga, ficando o campo devidamente coberto e artilhado ás 4 horas da tarde.

---

(1) O official paraguayano que servia de guia ás nossas tropas, confessou ignorar completamente a topographia do terreno alem da clareira onde operavamos e que descortinava-se do rio.

Concluída a construcção do reducto, e sómente protegido pela companhia do capitão Castello Branco, explorou ao rumo de NO a parte septentrional da Laguna-Verá, poucos dias depois theatro de sangrentos combates entre a nossa flotilha de escaleres e as canôas paraguayas — e todo o terreno adjacente até encontrar a direcção do caminho que se necessitava para operar a junção das duas columnas — brasileira e argentina — que realisou-se na tarde de 3 de Maio, depois de penosos trabalhos de aberturas de picadas nas mattas virgens do Gran-Chaco, em que o cerrado entrelaçamento de cipós, grossos, vigorosos, dirigidos em todos sentidos, attestava a extrema fereza daquella opulenta vegetação.

Ainda depois de reunidas as duas columnas, fortificou o campo argentino, considerado mais estrategico para as operações que os alliados iam emprehender e destruiu o primeiro entrincheiramento, abandonado no dia 2.

---

Durante os sangrentos successos que se desenrolaram nos pantanos do Gran-Chaco, em frente ao baluarte paraguay, esses dois officiaes tiveram occasião de prestar assignalados serviços, mas nenhum revestio-se do valor dos que acabo de mencionar ligeiramente e quasi de memoria.

No entanto posso estar em erro, porque são nullos os meus conhecimentos em assumptos tão elevados que exigem estudos bem complexos, mas avanço áffirmar que sem o effeito da artilharia tão prompto e decisivo, sem o concurso das trincheiras e reductos que promptamente abrigaram os nossos infantes cansados por uma luta de nove horas, outro teria sido o resultado da audaciosa expedição levada a effeito pelo Coronel João de Barros Falcão.

« . . . Agradeço-vos o espectral obsequio que me fizestes, enviando me a luminosa resposta aos quesitos que vos formulei em minha primeira carta, a proposito de uma questão historica entre os brs. Prota e Marceano de Magalhães.

« O meu amigo, Coronel Marceano, ficou contentissimo com a solução esplendida que destes á amistosa contenda: encarreguei-o de mostrar o vosso julgamento como arbitro competentissimo ao Br. Marechal Falcão da Prota.

*Rodolpho Brasil.»*

---



## O CORONEL AMARAL FERRADOR

---

### I

Comandava em chefe os exercitos alliados o Marechal Marquez de Caxias.

Revestido de poderes extraordinarios que jámais foram conferidos a outro general brasileiro, Caxias era o verdadeiro soberano daquelles 50.000 homens estendidos em volta do quadrilatero paraguay.

Tinha á suas ordens a mais poderosa esquadra que até então sulcára as aguas do Prata, Paraná e Paraguay. O thesouro militar estava a sua disposição e a nenhum limite ficavam sujeitas as despesas que entendesse realizar. Tinha a faculdade de promover até o posto de coronel e o accésso ao generalato dependia exclusivamente de sua informação....

Podia alterar, como entendesse, todas as disposições regulamentares e da legislação militar, si assim conviesse a boa marcha de guerra e fosse exigida pela tremenda responsabilidade que pesava sobre seus hombros.

As sentenças de pena ultima pronunciadas pelos conselhos de guerra e confirmadas pelas Juntas de Justiça Militar, podiam ser por elle mandadas executar si assim entendesse convir á segurança e diciplina do exorcito e da esquadra, antes mesmo de subir em recurso de graça á sancção do poder moderador que no passado regimen, sob a egide do art. 98 da Constituição, era a chave de toda a organização politica do Imperio — *une force qui les remettre a leur place* — em relação aos demais poderes do Estado.

De sua vontade, de suas combinações, dependia o destino de quatro potencias que alli se enfrentavam em tremendo prelio e, si entendesse, quem lhe cercaria o direito de lançar 50.000 homens contra 200 bocas de fogo e 30.000 baionetas, produzindo horrosa hecatombe ao pé daquellas temerosas fortificações?

Commandava o 2.<sup>o</sup> corpo do exercito brasileiro acampado em Tuyoty, o marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.

Bahiano illustre, valente, temerario nos combates, de sangue frio admiravel nas mais perigosas e arriscadas situações. tinha todos os predicados dos grandes cabos de guerra.

Muito religioso, onde acampava com alguma permanencia, tratava logo de erigir um rancho-capella para o culto divino e, fosse onde fosse, mesmo ao alcance das balas paraguayas, todos os domingos as forças de seu commando assistiam ao sacrificio da missa, chovesse embora agua do céu ou granadas dos canhões inimigos. Elle dava o exemplo; sempre impertubavel. o peor lugar, o ponto mais exposto lhe pertencia: fosse na missa, fosse nos combates.

Mais de um official fez testamento antes de entrar em fóрма para assistir á *missa do Argollo*, como diziam em intimidade.

Embirrava com a cavallaria rio-grandense, cujos habitos, imminantemente livres e expansivos, com extrema difficuldade se amoldavam á ferréa disciplina que elle mantinha na infantaria do norte.

Nesse tempo, fins de 1867, andava de *nariz torcido* com o Marquez de Caxias (que aliás muito o pressava), porque trazia a *gaúchada* na palma das mãos.

E havia razão para isso.

Cercava-se Humaytá: a infantaria e a artilharia guardavam os entrincheiramentos da linha de aproxes; todo o serviço de exploração e reconhecimentos pesava sobre a cavallaria, que, na série de brilhantes combates por ella sustentados em volta do quadrilatero, destruiu totalmente a magnifica cavallaria paraguaya que desde então desapareceu do theatro das operações.

O interior do paiz era devassado, explorado, revolvido em todos os sentidos; os recursos do inimigo córtados, tomados, destruidos, e os maldictos gaúchos, cada vez mais atrevidos nas expedições e insubordinados no acampamento, assaltavam trincheiras, arrazavam fortificações e até a laço se apossavam de barcos do inimigo!

Argollo, como bom brasileiro, tudo applaudia, reverenciando a bravura desses homens esforçados, mas *mordia-se* por não poder *completal-os*, chamando ás leis do Conde de Lippe essa gaúchada desabrida e rebelde a tudo quanto é formalidade regulamentar. -

Paisanos arrastados pelo amor da patria ao thea-

tro da guerra, sem garantia militar para o seu futuro, entendiam que vencendo o inimigo cumpriam a unica obrigação moral contrahida espontanea e livremente.

Caxias, profundo observador do coração humano, que conhecia os habitos rio-grandenses desde a guerra dos *farrapos*, que sabia apreciar o valor desses *guascas* desde a guerra contra Rozas, deixava as cousas correr *sem aperto nem arrouxo*, certo de encontrar nesses temiveis centauros a obediencia e a dedicação necessarias ao triumpho da causa que defendia.

## II

Um dos mais *rebeldes* cavallarianos, era o coronel José do Amaral Ferrador.

Gaúcho de uma bravura levada á temeridade, cahiu nas graças do Marquez de Caxias pelos actos, arrojados que praticára em anteriores combates.

De nenhuma instrucção, mas de intelligencia viva e sagaz, sabia fingir-se ainda mais ignorante quando queria fazer das suas espirituosas diabruras.

Uma tarde, no quartel general de Tuyó-Cué, estavam em agradavel palestra o Marquez de Caxias, os generaes Enrique Castro, chefe das forças uruguayas, Gelly y Obes, commandante do exercito argentino, Fonseca Costa, chefe do estado-maior do commando em chefe, e muitos outros officiaes.

Ferrador, n'um canto, observava tudo . . .

Para o grupo se dirigiu o marechal Argollo Ferrão, trajando o seu tradicional casacão escuro, chapéo de castor com grandes abas e grosso bastão na mão esquerda: apparencia perfeita de venerando capuxinho . . .

Ferrador levantou-se e, perfilado, dirigiu a palavra ao generalissimo:

— *Seu Marquez*, tenho um grande favor p'ra pedir a *Vossa Incellencia* o desejo saber se me attende . . .

— Diga o que deseja, Sr. Ferrador; a um official como o senhor, difficilmente negarei o que estiver ao meu alcance . . .

— Já que *Vossa Incellencia* é Imperador em *commissão*, bem podia nomear o seu general Argollo — Bispo de Tuyoty.

## III

Na manhã do 18 de Julho de 1868, Amaral Ferrador foi ao Chaco visitar alguns amigos que faziam parte da divisão que alli operava.

De chegada, porém, se incorporou a uma expedição que sahia para explorar as restingas e picadas que desembocavam no campo inimigo do Timbó.

O coronel Martinez de Hóz, com o batalhão argentino *Caçadores de Riojas* (Gaspar Campos), apoiado pelos 3.º e 8.º de infantaria brasileiros; mandou uma companhia de *Riojas* explorar a picada da esquerda e, em pessoa, seguiu a da direita com o resto desse batalhão.

Essas picadas desembocavam em um rincão, onde o general Cabalero com 1900 homens se emboscou á espera dos alliados: logo que os argentinos ali chegaram, Cabalero cercou-os, aprisionando-os após renhida luta. (1)

A companhia do *Riojas*, que seguira pela esquerda, sustentou vivo fogo em retirada, ás ordens do tenente, mas o capitão \*\*\* *disparou* para as reservas logo que viu o perigo em que estava mettido.

Ao approximar-se dos corpos brasileiros, que haviam entrado em forma para o que dêsse e viesse, o capitão \*\*\* se dirige ao coronel Ferrador e diz com a voz abalada pelo *cansaço*:

— Mi coronel, los soldados me hão abandonado. Yo tuve que retirar prompto.

— Sim, disse Ferrador, e a prova é que *Usted* chegou primeiro que elles.

---

(1) Esse combate tomou o nome de Acuitasa e o marechal Lopez creou uma medalha para premiar os que nelle tomaram parte.

A medalha tem a forma de «Cruz de Malta», de oito pontas, tendo no anverso a legenda: — A la decision y bravura, e no reverso — Acuitasa 18 de Julio 1868.

Essa medalha nunca foi cunhada e as que existem são de prata gravadas a buril.

---

## O MAJOR BENTO LUIZ DA GAMA

---

Durante toda a semana santa do anno de 1868, trabalhou-se activamente na construcção de um espaldão para receber a bateria de grossos canhões que á força de perseverança conseguimos levar de Tuyoty a a Tuyó-Cué, atravez dos immensos areiaes e profundos esteiros daquella região selvagem, que até então singularmente auxiliára a defeza dos paraguayos.

Eram dois grossos morteiros de onze pollegadas, e quatro canhões raiados Withworth de 32 — dos que os paraguayos denominavam *fiú* — pelo ruido especial que em sua rotaçào fazia a bala rompendo as camadas de ar durante a curvelinea trajectoria, — ali postados sob o commando do capitão João Baptista Marques da Cruz (1); os quaes, juntamente com todas as baterias do exercito alliado, na extensa linha do cerco, deviam *romper alleluia*, bombardeando a faco do quadrilatero paraguayó — Passo Pocú —, que ficava em frente ao acampamento do 3.º corpo do exercito, do commando do general Osorio.

Como catholicos que eram os quatro povos belligerantes, tacito e mutuo consenso determinon aos exercitos que alli se enfrentavam completa abstenção de qualquer hostilidade naquelles dias de recolhimento religioso, em que a liturgia romana commemora os martyrios do inimitavel Jesus.

No entanto, se o canhão emudecera e o fuzil se

---

(1) Morto heroicamente nessa mesma bateria, a 6 de Julho seguinte, quando dirigia outro bombardeio. Uma bala de canhão levou-lhe a cabeça, no momento em que conteirava uma peça.

Marques da Cruz muito se distinguira na epica e lendaria Retirada da Laguma, em Matto Grosso, durante a qual seus companheiros, augurando-lhe brilhante futuro, o chamavam Marquez da Cruz.

encostára ao sarillo, os instrumentos de sapa trabalhavam com febril actividade nos dois campos, tornando mais formidaveis, mais resistentes aquellas extensas muralhas de terra:— do lado dos paraguayos *fechura-se* o quadrilatero, completando as linhas de defeza que principiavam em Curupaity, seguindo para o NO, pelo Estero Rojas, Espinillo, Passo Canôa, Angulo, Passo Poçu, a ligar-se a Humaytá na altura de Paré-Cué; os brasileiros e argentinos levantavam reductos e espaldões para abrigar a artilharia, que não cessava um só dia a missão destruidora contra a fortaleza de Lopez.

\* \* \*

Um tiro de canhão partido do couraçado *Brasil*, navio almirante, foi o signal de *alleluia* convencionado para toda a linha de cerco: tresentas boccas de fogo (190 dos alliados) responderam á senha, troando sinistramente desde Curuzú a Paré-Cué e de Curupaity a Humaytá, engajando-se cerrado, contínuo, frenetico, o bombardeio memoravel do dia 11 de Abril de 1868.

O 50.<sup>o</sup> batalhão de voluntarios, formado a poucos passos do espaldão, protegia a bateria do capitão Marques da Cruz, cujos artilheiros, electrizados pelos acórdes harmoniosos do hymno nacional, trabalhavam com febril actividade aos gritos de — *Viva o Brasil!* Os officiaes desse corpo, satisfeita a curiosidade provocada pelo magestoso e solémne espectaculo que offerecia aquelle grande bombardeio, reuniu-se no flanco direito, e enquanto a musica tocava conversavam elles sobre o thema predilecto dos acampamentos — *as cousas da patria*.

Repentinamente, o major fiscal, Bento Luiz da Gama, destacando-se do grupo, disse aos companheiros: — *Cada um falla de sua amada! Eu tambem tenho saudade de minha Eulina, e é ao som das granadas que vou dar expansão ao meu estro...*

E a despeito da opposição dos companheiros e até da ameaça do commandante tenente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, sentou-se na crista da trincheira, de costas para as baterias paraguayas — *que nos mandaram uma bomba de dois em dois minutos*, e nessa arriscadissima posição, onde qualquer outro não tinha coragem para se *equilibrar*, escreveu as seguintes quadrinhas, verdadeiro improviso, inspirado pelo echo de tresentas boccas de fogo ao som do hymno da patria:

Vagando, Eulina, por um solo imigo,  
Sem que contigo possa amor fruir;  
Os dias vél-o, ás noitès ou deliro,  
E nesse giro só me apraz carpir.

Quando da noite se desdobra o manto,  
Eu soffro tanto, como ninguem soffreu;  
Volvo a barraca, e no chão deitado  
Eis-me prostado, som chegar Morpheu...

Assim soffrendo, vão passando as horas  
Té que a deshoras me torno febril...  
Visões phantasticas, tudo se me afigura  
Sor creatura desgraçada e vil...

Brada a corneta, o alarma é dado,  
Já levantado no meu posto estou.  
Grito ao sargento:— *Forma essa gente!*  
E assim dormente revestil-os vou.

*Suspende armas!* mando em delirio  
— E' um martyrio, mas o que fazer?  
*Marcha em dobrado!* grito *Alto frente!*  
E ouço estridente o tambor bater...

Maldirei a hora em que, esquecendo amor,  
Anjo de dôr, me tornei soldado,  
Deixando beijos e caricias mil  
Por soldo vil, tão amargurado!

Ao criterio do leitor deixo julgar o sangue frio do major Gama, que conseguiu fazer no meio da metralha, *sentindo* o esvoaçar sinistro da morte — o que eu não seria capaz de produzir no remanso do meu gabinete. (1)

Têm graves erros de metrificacão essas quadrinhas, não ha duvida, mas o pensamento é claro e demonstra perfeitamente a *normalidade da circulaçào* no momento em que o seu autor traçava aquellas estrophes á sua amada.

Em minha opinião, o major Gama provou ser máo poeta *debaixo de fogo*, mas ser de uma temeridade pouco commum.

---

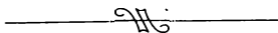
(1) Disse-me um amigo «entendido» que essa poesia era uma parodia de não sei que producção de um dos nossos grandes poetas.

Parodia ou não, o major Gama a escreveu na crista da trincheira, como me affirmaram diversas testemunhas.

Por muito menos Argereau ganhou em Arcole o bastão de Marechal de França e o *surgento* Junot, no cerco de Toulon, deu o primeiro passo para cingir-se com a corôa do Ducado de Abrantes.

Um, mercê de sua força hercúlea, teve a honra de agarrar Bonaparte pela gólla e arrancal-o do pantano em que ia-se afogando; o outro *agradeceu* a uma bala a areia que atirou sobre o papel em que acabára de escrever: factos trivialísimos entre nós, mas que a França decanta em todos os tons...

Se o nosso major pertencesse a qualquer outro exercito europeu, a sua façanha estaria até hoje ignorada?...





## O TENENTE MARIZ E BARROS

---

### I

Esplendida a manhã de 20 de Fevereiro de 1859. Garbosa corveta, prôa ao norte, veleja mar em fóra singrando rapida as alturas da Ilha Grande.

Gavêas e papafigos enfunados pela fresca brisa de NNO. imprimem oito nós ao formoso barco cujo tallamar córte altaneiro aquelles mares de esmeralda com a poetica magestade do branco e saudoso aleyone.

No horizonte nenhuma véla suspeita; nenhum navio negreiro cruza nessas paragens vigiadas pela veleira *Campista*, mandada pelo jovem Mariz e Barros — o terror desses piratas de carne humana, miseraveis algozes de uma raça infeliz. (1)

---

O vigia dás gavêas assignala uma véla a E.

Immediatamente Mariz e Barros occupa a ponte; cada qual guarda o seu posto, o a corveta — ligeira gaivota deslizando a flor dás ondas — manobra no sentido de reconhecer o navio que apparece ao longe.

Eram oito horas da manhã.

A's 10 estava á vista um lugar desconhecido, navegando a todo panno.

Conformação e pintura do casco, disposição do apparelho, rapidez de manobras, denunciando essa precisão technica peculiar aos corsarios, tudo induz a crer estar ao alcance dos telescopios um navio negreiro, desconhecido nos marés do Brazil.

---

(1) A maior parte dos nossos vasos de guerra e todos os navios da estação naval da Inglaterra, no Atlantico Meridional, cruzavam nas costas do Brazil, perseguindo os navios que se empregavam no trafico de africanos — esse commercio odioso que a Lei de 7 de Novembro de 1831 aboliu sob penas rigorosas,

Mariz e Barros manda içar a flammula e bandeira; um tiro de canhão firma a intimação de *chegar à falla*.

O navio suspeito, porém, continúa impassível a sua derrota.

Segundo e terceiro tiro da *Campista*.

Nada!

O pirata faz-se ao largo, virando em redondo e augmentando o panno.

Impaciente, tremendo de raiva ante a expectativa de perder a presa. Mariz e Barros grita á equipagem:

— *Larga tudo. Fóra cutellos e varredouras...*

E a corveta, obedecendo aos intuitos do fogoso commandante e da árdida guarnição, atira-se veloz sobre a crista espumante das vagas, encurtando precipite o espaço que a separa do mysterioso barco que veleja no bórdo do mar.

No convéz brasileiro prepara-se tudo para o combate: guarnições a postos, apóz o *safa geral*, só esperam o signal do chefe pelo apito do guardião para fulminar o barco negreiro que parecia zombar da pequena corveta — mostrando seis largas portinholas e a bocca escura de outras tantas caronadas...

Duas milhas apenas separam os contendores.

Então do passadiço da *Campista* se vê, a olho nú, alteroso navio armado em guerra, guarnecido de numerozo pessoal... mas a *Campista* avança sempre.

Subito amaina o vento!

O panno, momentos antes entesado pelo fresco terral, bate agora ao compasso do balanço, ao som plangente dos gemidos das retrancas, em sua eterna luta com as escôtas.

A raiva se apodera de todos.

Do commandante ao ultimo grumete se nota o furor do despeito, a ira da impotencia, o desejo agora de combater a todo transe...

— *Escaleres ao mar e á abordagem*, ordena o moço commandante.

Sôa o apito, gemem as talhas nos cadernaes e n'um abrir e fechar de olhos dois terços dos homens da *Campista*, vinte e oito bravos, guarnecem dois escaleres. Vinte e dois remos fendem as aguas e, á voga larga, quaes velozes cetaceos, vôam os barcos ao encontro do navio pirata, que nesse momento, percebendo a manobra dos brasileiros, parou atravessando...

A' meia amarra do navio suspeito, Mariz e Barros mandou *levar remos*.

De pé, no castello do primeiro escaler, espada em punho, prestes a ensinar aos seus homens o caminho da luta, grita:

— *A' abordagem!* . . .

Então viu-se uma scena magestosa, digna dos heróes de Plutarco:

O commandante contrario, rodeado de seus officaes, no passadiço do *Beacon*, levanta vóz firme e sonora:

Hurrah! . . .

Hurrah! . . . responde a maruja trepando ás vergas, ao mesmo tempo que ao penól da fragata era levantado o pavilhão de guerra da orgulhosa Albion.

Ao som do pifaro e tambor, em marcha batida, ergue-se tambem ao gallope grande do vaso britanico o pendão auri-verde do Brasil; vinte e um tiros de canhão saúdam aquelle rasgo de heroismo de um punhado de valentes.

O barco suspeito era a fragata ingleza *Beacon*, chegada ha pouco da Europa e que nessas alturas crusava tambem em perseguição dos navios negreiros.

Seu commandante, tenente Edward Parsons, vira a gallardia do jovem chefe brasileiro, e admirado de sua resolução de tomar de abordagem, com duas duzias de homens, um barco artilhado, deixára que elle se aproximasse para recebê-lo com essa triplice saudação que o marinheiro sabe tributar aos feitos de audacia e valor.

## II

Sete annos depois. Antonio Carlos Mariz e Barros, honrando o nome glorioso que usava, recebia a sagração de heróo na luta travada entre o Brasil e o Paraguay.

Commandando o couraçado *Tamandaré*, o primeiro barco desse genero construido na America Latina, assignalou-se entre os mais ousados, desde que a esquadra brasileira enfrentou as fortificações paraguayas, que seu pae, o benemerito almirante Visconde de Inhaúma,

teve a gloria de arrasar em tres annos de combates diarios.

Nos vapores argentinos *Cuchabuco* e *Buenos Aires*, comboiados pela canhoneira *Henrique Martins*, seguiram em exploração. Paraná acima, os generaes Osorio, Mitro e Flores, para escolher o local onde devia desembarcar o exercito alliado na costa paraguaya.

O forte Itapirú, auxiliado por uma chata, rompeu vivo fogo contra o couraçado *Tamandaré*, que, avançando das Tres-Bocças, tomára posição a uma milha da fortaleza para proteger a passagem da esquadriha exploradora.

A's 3 horas da tarde o navio almirante fez signal de retirada, e no momento em que o *Tamandaré* tocava atraz para ganhar o canal, por não poder dar volta no lugar onde estava, uma bala de 68, acertando na *cortina de correntes* que protegia uma portinhola, penetrou na casamata, fazendo horrivel destroço . . .

Trinta e quatro pessoas, entre officiaes e praças, foram victimadas pelo projectil e pelos élos da corrente que voaram em todas as direcções.

Mortos, horrivelmente mutilados, ficaram logo o immediato do navio 1.º tenente Vassimon, o commissario Accioly, o escrivão Alpoim e dez imperiaes marinheiros.

Mortalmente feridos cahiram: o commandante Mariz e Barros, o 1.º tenente Silveira e quatro navaes.

Feridos, entre outros, o 2.º tenente Victor Delamare e Dyonisio Manhães Barreto. Este ultimo, assumindo o commando, apesar de ferido, levou o couraçado até o ancoradouro da esquadra nas Tres Bocças.

« . . . Si algum Miguel Angelo do nosso seculo quizer pintar o quadro mais saugrento e heroico de uma scena de guerra, converta a sua téla na casamata de prôa do *Tamandaré*, e atire aqui e alli, em diversos planos — braços, pernas, cabeças esmigalhadas, corpos fracturados e vermelho de sangue què lhes jorra das feridas e alaga o soalho e salpique as paredes de destroços saugrentos de carne e miólos. No segundo plano estenda o corpo do bravo Vassimon, o do commissario Accioly, o do escrivão Alpoim, completamente desfigurados. E com as tintas mais vivas de Raphael ou Rubens, colloque no primeiro plano, de um lado o 1.º tenente José Ignacio da Silveira sem um braço e sem uma perna arrancada pelo quadril, com a physionomia calma e serena parecendo nada soffrer, aper-

tando a mão do Visconde de Tamandaré e nãrrando-lhe todo o tragico acontecimento e, logo após, morrendo, abraçado com a imagem do Senhor Crucificado, expirando-lhe nos labios um — *adeus!* De outro lado, o 1.º tenente Mariz e Barros, com uma perna partida e apenas pendurada pelos tendões e que elle arranca como se descalçasse uma bota, rindo, com esse rir do athleta que tem em menospreço a vida, e a olhar para o conselheiro Octaviano e para o almirante que, compungidos pela vista deste quadro tão afflictivo, estão ao mesmo tempo assombrados do estoico heroismo desses bravos que não se deixam supplantar nem pela ideia da morte.»

. . . . .  
. . . . .

No dia seguinte, 28 de Março de 1866, expirava no hospital de sangue de Corrientes o jovem e heroico marinheiro.

Tiveram de amputar a perna dilacerada; offereceram-lhe chloroformio; recusou:

*Prefiro um charuto; deem-m'o acceso e cortem...*

E fumou tranquillamente durante a dolorosa operação!

A' meia noite sentiu approximar-se o momento supremo: beijou o retrato da esposa, recordou os filhinhos e por ultimo disse ao Dr. Carlos Frederico:

*Mande dizer a meu pae que eu soube sempre honrar o seu nome.*

E finou-se o heróe!



# CONSEQUENCIAS DO DESASTRE DE CURUPAITY

---

## I

Depois do desastroso assalto que levamos ás formidaveis trincheiras de Curupaity, houve tremenda reacção no espirito que até então animara a triplice alliança.

A consequente paralisação das operações, como que contaminou em todos o desanimo que *pareceu* se apoderar dos generaes que se viam com um exercito de paisanos em frente a uma nação inteira armada e aguerrida; sem meios de remonta em um paiz topographicamente desconhecido, crivado de fortificações tão formidaveis que uma dellas — uma só — pôde com vantagem repellir ousado ataque de 19.000 homens, após bombardeio de poderosa frota couraçada.

Tres potencias, embora aparentemente, estacavam irresolutas diante do formidavel quadrilatero!

Não fôra a energia do gabinete Zaccarias<sup>(1)</sup> que, accumulando em pouco tempo consideraveis recursos diante daquellas fortissimas linhas, entregou a direcção da guerra a um vulto da estatura moral do eminente Caxias, e um desastre tremendo remataria o drama sanguinolento, que teve o seu epilogo quatro annos depois nas margens lodosas do Aquidaban.

A nossa mais forte alliada, a Republica Argentina, envolta n'uma guerra civil, era obrigada a retirar da frente do inimigo a maior parte do seu exercito, para suffocar temerosa rebelião de caudilhos que atacavam pela base o edificio social...

Venancio Flores — o valente e audaz guerrilheiro que encarnava o élo mais forte, senão unico, que prendia á alliança a Republica do Uruguay, Flores —

---

(1) Zaccarias de Góes e Vasconcellos, presidente do conselho de ministros, governou de 3 de Agosto de 1866 a 15 de Julho de 1868 — que foi o periodo mais critico de toda a guerra.

amigo sincero do Brasil, que abrisse a campanha aureolando-se com os louros de decisiva victoria, — cahia aos golpes do punhal assassino... na rua mais transitada de Montevideo!...

E não bastavam esses successos *domesticos* para procrastinar a guerra: no horisonte diplomatico nuvens mais negras, mais carregadas de vapores, accumulavam-se prenunciando medonho cataclismo...

De um lado as republicas do Pacifico — o Chile, Perú, Bolivia, Equador — ameaçando intervir na contenda com protestos contra o tratado da alliança que julgavam attentatorio á integridade territorial do Paraguay; do outro lado os Estados Unidos do Norte, preparando poderosa esquadra para apoiar o Paraguay<sup>(1)</sup>, ameaçava derrocar céos e terras em defeza de Solano Lopez; do outro, enfim, as impertinencias dos commandantes de navios de guerra das potencias europeas, provocando constantes conflictos nas linhas de bloqueio, o que podia trazer graves complicações, ainda mais entenebreciam esse quadro desanimador.

Por toda parte difficuldades a vencer: de todos os lados embaraços bem sérios, questões bem melindrosas, antepondo-se ao objectivo civilisador da triplice alliança e exigindo dos generaes e dos diplomatas muita prudencia e criterio.

\* \* \*

Nas fileiras do exercito o desanimo era latente. Murmurava-se baixinho por toda parte e os generaes alliados eram o alvo onde iam quebrar-se esses contra-choques Moraes nascidos no implacavel tribunal que se chama — fogão do soldado — e que mysteriosamente invadia todo o campo...

Entretanto, a mais rigorosa disciplina era mantida em sua plenitude pela austeridade de Porto Alegre, pela tenacidade de Argollo, pela firmeza de Polydoro e pela calma de Mitre.

Mas... murmurava-se sempre!

A' indolencia dos generaes era levada toda a culpa da situação, sem se indagar dos complexos factores que de toda parte surgiam para crear aquella atmosphera desagradavel, aquello indizivel mal estar que a todos revoltava.

---

(1) Em meu livro — Campanhas de Uruguay e Paraguay — e em meu livro — A Historia do Brasil — trata-se da intervenção americana em Montevideo e do movimento de...

Nunca soffreu tantas accusações a tradicional indolencia da nossa administração; nunca esse característico do luso-brasileiro foi tão acerbamente censurado, tão combatida essa imprevidencia que forma o attributo mais sensível da nossa nacionalidade: — todos queriam avançar contra aquelle formidável dorso de terra e leiva que constituia os entrincheiramentos paraguayos, cujo mutismo insolente provocava crispções nervosas naquelles bravos e soffredores soldados.

E' que o patriotismo e o amor proprio offendidos, exigiam uma victoria estrondosa, capaz de vingar o desastre de Curupaity.

\* \* \*

Por essa epocha. Outubro de 1866, um desses *gaiatos* que maldizem de tudo e de todos, escreveu a seguinte poesia e, pela calada da noite, fel-a distribuir pelas barracas da officialidade do 2.º corpo do exercito que acampava em Curuzú.

E' uma espirituosa critica aos nossos generaes — que custou ao seu autor, o capitão \*\*\* (1), não poucos sustos a principio e afinal oito dias de *descanso* na guarda do exercito:

Já cantaram do Brazil  
Os seus lindos palmeiraes,  
O seu céo, as suas flores,  
Os seus ribeiros, os seus crystaes...  
Porém eu, poeta novo,  
Não quero enganar o povo:  
— Vou cantar os generaes...

Pobre Europa! Quão mesquinha  
E' a fôfa historia tua!  
— Queres saber quem foi Nelson?  
Um bom mestre do falúia:  
— E o que fez Napoleão?  
Não passou de um fracalhão  
Que foi preso na Cafúia... (2)

---

(1) Occupa hoje saliente posição na administração do paiz (1899). Em sua especialidade, tem innegável reputação firmada e foi o unico official que teve promoção por merecimento scientifico.

Não posso declinar o nome, mas... é facil advinhar.

(2) Allusão ao desterro de Santa Helena.



O nosso Tamandaré?  
Isso sim, fia mais fino!  
Nem o sabio *mal das vinhas*,  
Com elle compete em tino!  
Té mesmo em telegraphia.  
Mostrou tal sabedoria  
Que me fez repicar sino. (1)

Barão do Herval: que talento!  
Polydoro: que finura!  
Porto Alegre: genio raro!  
Na guerra que tanto dura!  
E a não ter genios assim  
E' plantar roças de capim  
E mandar vender rapadura...

Malakoff... que fofice  
P'ra quem vio Itapirú!  
Nem Marengo ou Austerlitz  
Se compara a Curuzú!  
— Viva, pois, o heróe guerreiro  
Do Rio Grande, o primeiro.  
— Neto da velha Suçú... (2)

Me dirão os taes francezes:  
— Onde está Curupaity?...  
Lhes respondo: — Waterloo  
Segurou teu Javalý...  
— Não foi cansaço, foi brio.  
Mesmo o tempo era tão frio  
Como nunca estove alli...

Patria! Sêde agradecida,  
Tens mui guapos generaes.  
— Que merecem por seus feitos  
Mil estatuas colossaes.  
Mas... tenho grande receio.  
Que não busquem algum meio  
De trancal-os nos curraes.

---

(1) Esse verso denunciou o autor... Dias antes o almirante Tamandaré foi á estação telegraphica de Itapirú para telegraphar ao general Polydoro sobre materia urgente. E o capitão\*\*\* encarregado do telegrapho teve nessa occasião uma «rusga» com o velho marinheiro sobre o modo de manipular o apparelho electro-magnetico de Siemens, então em uso.

(2) Appellido familiar da veneranda avó do Visconde de Porto Alegre, segundo me informaram.

Appareceu divergencia sobre quem era o autor desta poesia, infelizmente provocada por um *anonymo*.

No jornal *A Reforma* (Porto Alegre) de 4 de Julho de 1899, um *Veterano* affirma ser autor desta satyra o capitão do 4.º batalhão de artilharia — *Visconde de Albuquerque*, que, com todo o seu batalhão, foi aprisionado a 3 de Novembro de 1867 e pereceu de fome e máos tratos durante a penosa retirada do exercito paraguayoy de Humaytá para o Tebiquary.

Accrescenta que a poesia tinha *outros* versos e cita os seguintes :

Calem-se Gonçalves Dias,  
Magalhães, Mendes Leal.  
Qu'eu vou cantar um canto.  
.....  
.....  
.....  
Vou cantar os generaes.

O Zé Auto, que talento,  
O Kelly -- que monobrista.  
No Drago, tanta prudencia  
Com as granadas á vista.

O Andréa, esse sim,  
Valente como elle não ha;  
Nem mesmo o forte Murat.  
A vinte e quatro de Maio  
Como elle affrontou a morte!  
Vi-o passar como um raio  
Bem por perto do *Transporte*.



Enganou-se o illustre *Veterano*: os versos que citou em seu artigo são de uma das muitas parodias, imitações ou mutilações áquella satyra que appareceram por aquelle tempo, criticando no mesmo rythmo ora a officialidade de uma divisão, ora a de uma brigada e até de batalhões ou regimentos que, na maioria dos casos, não se divulgou além do respectivo acampamento.

O *Echo do Sul* n. 65 de 21 de Março de 1867. na terceira columna da segunda pagina. publica a poesia tal qual eu a obtive de meu amigo major Thomaz Francisco da Costa, um dos veteranos dessa guerra, da qual conserva gloriosas cicatrizes.

O commendador Thomaz de Mello Guimarães, então alferes ajudante do 6.º batalhão de infantaria e actualmente 1.º Notario da cidade do Rio Grande, possuidor de extraordinaria reminiscencia, me affirma tambem ser autor da poesia o capitão Visconde de Albuquerque, a quem pessoalmente conheceu; mas tenho base para discordar dessas duas opiniões, já pela informação de quem me deu copia da poesia, já por um facto que pertence ao dominio da logica:

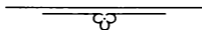
O capitão Albuquerque *nunca servio no telegrapho*. como pois conciliar o verso do poeta quando trata do almirante Tamandaré:

... Té mesmo em telegraphia  
Mostrou tal sabedoria  
*Que me fez repicar sino!*

versos esses que precisamente descobriram seu autor?

Quem se não o encarregado da estação telegraphica *mais proxima do rio* teria occasião de *repicar sino* no apparelho *Siemens*. rusingando com o velho almirante?

Sinto deveras não ter autorisação para declinar o nome do autor, mas é facil advinhar pelas minhas notas...



## CAXIAS E PARANAGUÁ

---

### I

O revéz do Curupaity, a retirada do general Flores do theatro da guerra, a revolução federalista na Republica Argentina, a desharmonia entre Polydoro, Porto Alegre, Tamandaré e os generaes alliados, a intriga — até então sopitada por um tal ou qual *pudor nacional* — explodindo sem rebuço nos acampamentos onde ia se reflectir com paixão as vicissitudes da politica interna — todo esse conjuncto de desgraças, ameaçando os destinos da patria e compromettendo a *situação militar* da campanha, repercutio de chofre no seio do gabinete, cujos membros, empenhados na defesa nacional, em meio de complicações ingentes, mal podiam de momento avaliar o *estado* da guerra que se feria a 300 leguas de distancia.

A situação, entretanto, se definia clara e positiva: a alliança precisava mais de uma cabeça que dirigisse a guerra com acerto e vigor, que refreasse as paixões, restabelecesse a disciplina, tornando homogeneo aquelle fraccionado exercito, que de elementos materiaes ou de reforço de tropas.

E só existia um general na altura dessa missão — o Marquez de Caxias — apontado desde muito pela opinião publica como unico capaz de levar a guerra a bom termo; mas, sendo elle *conservador*, dois ministerios *liberaes* so tinham succedido no poder, deixando-o no *esquecimento*, porque não tiveram civismo bastante para romper com os prejuizos dominantes entre os partidos que em sua ferrea intransigencia não admittiam collaboração do adversario em circumstancia alguma da vida nacional.

Caxias, vencedor de quatro campanhas, organisador, prudente, circumspecto, já tinha um nome com tanto prestígio que por si valia um exercito. Nenhum general dos tres paizes alliados reunia as qualidades

politico-militares do eminente cabo de guerra, mas tal era a força das paixões politicas da epocha que nem o gabinete de 31 de Agosto (1), nem o de 1.º de Maio (2) se lembraram do velho e experimentado guerreiro para commandar o exercito que se batia esterilmente no Paraguay.

\* \* \*

Zaccarias de Góes e Vasconcellos, presidente do conselho de ministros, João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro da guerra, mostraram em tão grave momento um rasgo de patriotismo e desprendimento de tal magnitude que só por si bastaria para os immortalisar, si outros serviços ao paiz já lhes não tivessem sagrado benemeritos da patria!

Paranaguá, em nome do gabinete, convidou o Marquez de Caxias para dirigir a guerra: — o governo conferia plenos e amplissimos poderes para o general proceder como melhor entendesse convir ás operações e aos interesses da nação. (3)

Zaccarias, secundando os esforços do collega para inspirar confiança na lealdade do gabinete, dizia com nobre franqueza:

« Si V. Ex. manifesta o pensamento de não poder servir com o gabinete actual, o ministerio, collocando os interesses da nação acima das conveniencias politicas, está disposto a deixar o poder... »

Caxias, comprehendendo o altruismo de semelhante proceder e bem pesando a situação afflictiva do paiz, não vacillou em acceitar a commissão e seguiu para o theatro da guerra.

E' que Zaccarias e Paranaguá, como estadistas, tinham a mesma envergadura moral do velho guerreiro: a patria acima de tudo.

## II

W. Scully redigia e publicava no Rio de Janeiro o jornal inglez *Anglo-Brazilian Times*, que o governo subvencionava com toda reserva, para defender os

---

(1) Presidido pelo conselheiro Francisco José Furtado (1864).

(2) Presidido pelo Marquez de Olinda (1865).

(3) Paranaguá era então ministro da justiça e interino da guerra, mas já estava resolvido que ficaria com esta ultima pasta, tanto que, assumindo-a a 7, referendou o decreto de nomeação do Marquez a 9 de Outubro de 1866.

nossos interesses perante o *publico inglez*, de quem então muito dependiamos em consequencia dos recursos de armas e dinheiro que nos vinha da Inglaterra.

O apoio desse jornal era de real necessidade, porque, dada a situação do Brazil e diante da guerra que nos movia uma parte consideravel da imprensa europeá ao soldo de Lopez, tendo como principaes campeões Elisée Reclus, Du Graty, Benitez, Expelly e Alberdi (1), havia conveniencia publica no auxilio moral que nos prestava o *Anglo-Brazilian Times*, porque seus artigos a nosso favor eram transcriptos em muitos jornaes importantes de Londres e Now-York.

Scully, porém, ou por abuso de confiança, ou para dizer-se independente ou ainda por ignorancia dos nossos *costumes*, entendeu dever traduzir e publicar em seu jornal diversas criticas apaixonadas e injustas que as gazetas do Rio da Prata faziam aos actos do Marquez de Caxias.

Isso bastou para que na imprensa e no proprio parlamento os politicos explorassem o facto com rara habilidade emprestando-lhe um caracter odioso, e o Marquez, crendo na sinceridade dos que lhe enviavam informações da Côrte, ficou tão prevenido que o mais simples acto do ministro da guerra em relação ao exercito, se lhe afigurava um accinte, uma desconsideração á sua autoridade.

Como todos os grandes homens, Caxias tinha immenso orgulho de seu valor e, cioso de suas prerogativas, sentio fundo o que julgava ingratição dos que o queriam desgostar com picardias e *guerra de alfinetes*, depois de o forçar áccitar um posto de sacrificios, acenando com os interesses da patria.

— Vibrava os ultimos golpes no quadrilatero: á quéda de Humaytá, deviam seguir-se as jornadas gloriosas da *dezembrada*. Pikiery, Lomas Valentinas e Angustura iam ser dominadas após Itororó e Avaiky. O velho general devia em breve ordenar abertura da estrada do Chaco para realisar a marcha do flanco mais extraordinaria e feliz deste seculo: ia repetir a

---

(1) Desses escriptores só Alberdi não recebia soldo de Lopez; escrevia contra a triplice alliança porque entendia ser ella prejudicial aos interesses argentinos e á democracia americana. O terrivel pamphletista era um convicto. Sobre sua vida e acção na politica do Rio da Prata, veja-se o magnifico livro do Dr. Martin Garcia Merou: — Juan Bautista Alberdi — Buenos Aires, 1890.

lenda biblica da passagem do Mar Vermelho pelos Israelitas, quando saltasse nas barrancas de Santo Antonio; ia aos 70 annos de idade realisar em Itororó a mesma façanha do jovem Bonaparte em Arcole. Com o ultimo tiro de canhão disparado nas Lomas Valentinias, ia terminar a *grande guerra* com a destruição do maior exercito que tem visto a America do Sul.

Foi em meio dessa empreza colossal — que constitue hoje a pagina mais gloriosa da historia militar do Brasil — que a calunnia e a intriga feriram o alvo... o venerando guerreiro cedeu ao amor proprio offendido, subjugando por momentos o sentimento da patria.

\*  
\*

O coronel João de Souza da Fonseca Costa, chefe de estado-maior do commando em chefe, seguiu do theatro da guerra para o Rio de Janeiro levando despachos reservados ao governo imperial. O general em chefe, allegando molestia, em officio ostensivo, pedia exoneração do cargo e a designação de seu substituto; mas em carta reservada ao ministro da guerra confessava franca e lealmente os motivos que o impelliam abandonar seu posto.

Eis os termos em que se dirigiu ao ministro:

«... Remettendo a V. Ex. o incluso officio, no qual peço minha exoneração do commando em chefe das forças de terra e mar em operações contra o governo do Paraguay, em virtude do encommodos de minha saude, consideravelmente augmentados pelo rigor da estação calmosa que atravessamos, entendo dever na presente carta particular declarar a V. Ex. a verdade inteira *acerca desse passo que muito reflectidamente dei.*

« Os jornaes recebidos da Côrte e minha correspondencia particular me trouxeram a desagradavel noticia de que meu nome tem estado em plena discussão na imprensa, travando-se renhida luta entre os meus gratuitos detractores e aquelles que generosamente se tem apresentado tomando a minha defesa

« A causa objectiva de tão grande cealeuma é (ao menos ostensivamente) o prolongamento da guerra em que estamos empenhados, attribuindo um foliculario inglez, no Rio da Janeiro, á tibiesa, frouxidão e não sei que mais de minha parte, dando-se a *circumstancia notucl* de ser elle acompanhado em suas observações a meu respeito pelo jornal politico que ahi se publica

com a denominação de *Diario do Povo*, o qual *com razão ou sem ella* se diz inspirado por um membro do actual gabinete. (1)

« Extranhou-se, e com razão, que o aventureiro inglez, vivendo á custa de uma consignação pecuniaria sahida dos cofres publicos brasileiros, tivesse a ousada temeridade de fallar pelo modo por que o fez da guerra a que fomos provocados, apreciando a seu talante *ou de quem quer que seja que lhe impôz*, os homens e os factos, e pretendendo exercer impertinente iniciativa na mais grave e melindrosa questão para um paiz constitucional. isto é, continuação ou sahida de gabinetes e exoneração do general em chefe a quem se confiou o commando de todas as forças na presente guerra.

« O gabinete a que V. Ex. pertence, que me confiou a alta missão, e que deve ter sempre presentes á sua memoria todas as circumstancias que precederam e acompanharam esse acto e que sabe que o seu empenho em me fazer partir para o theatro da guerra era tão grande que de mim dependeu sua modificação; o gabinete actual, com quem tenho constantemente entretido a mais franca e leal linguagem, se viu na forçosa necessidade de ordenar que seu orgão official fallasse sobre a questão a meu respeito e este o fez confessando a subvenção que se paga ao foliculario estrangeiro, o fim della, proclamando com maravilhosa ingenuidade que o governo imperial nada tinha que vêr, nenhuma interferencia podia exercer sobre as apreciações que o jornal inglez fizera em referencia á guerra e ao general brasileiro do que ultimamente se occupou.

« As phrases descoradas e estudadamente frias da gazeta official em tão solemne conjunctura e sobre assumpto de tão reconhecida e palmar magnitude *vieram robustecer, senão confirmar, as susceitas, que nestes ultimos tempos nutria*, de que a meu respeito e da guerra que sustentamos não existe no gabinete actual a necessaria e indispensavel solidariedade... (2) Ta-

---

(1) São essas as principaes «razões» que tanto melindraram a Caxias; vê-se bem que o «animo prevenido» exagereu a offensa...

(2) Quando assim se exprimia o Marquez sob o influxo de sentimentos controversos, Paranaguá, ministro da guerra, escrevia:

«... Fomos incansaveis na remessa de recursos de todo o genero de que carecia o exercito e o habilitamos para a victoria



lhado para a luta, eu nunca a provoquei, mas tambem nunca a temi, nem a temo, quando franca e descoberta; tive, porém, sempre grande asco á simulação e a essa pequena guerra chamada de *alfinetes*. »

«Acaba o coronel Agostinho Maria Piquet, que nomeei para interinamente commandar as forças brasileiras em Corrientes, de officiar-me remettendo-me os avisos da repartição a cargo de V. Ex. datados do 4 e 14 do mez de Janeiro. No primeiro desses avisos V. Ex. se dirige directamente a esse meu subalterno, ferindo todas as conveniencias da disciplina e subordinação.

«No aviso de 14 do Janeiro, relativo ao vapor *Pedro II*, permittirá V. Ex. que eu descubra, além da falta de confiança, uma offensa que não posso deixar de repellir com a maior energia. Recorde-se que, quando V. Ex. me officiou a respeito desse vapor, já eu um mez antes, pouco mais ou menos, havia dado minhas ordens sem a menor solicitação da parte do V. Ex. para que fosse elle despedido do serviço, como o foi desde então, dirigindo nesse sentido a competente parte a V. Ex.

«Recebel-a, ficar ao corrente do que eu havia praticado e dirigir-se agora V. Ex. a um meu subalterno para ter noticia, por seu intermedio, acerca do que eu já havia officiado a V. Ex., é querer offender-me gratuitamente e obrigar-me a declarar ainda uma vez que o não tolero e repillo.

«O maior favor que o gabinete actual me pode fazer, Exm. Sr., é accetar quanto antes a minha exoneração, indicando-me *sem perda de tempo* qual o meu successor, afim de tirar-me de uma posição que, á vista do exposto, julgo insupportavel e me não compellir a qualquer acto que della me desembarace por violento que seja.» (1)

---

e completo desagravo da honra nacional. Com este intuito trabalhamos lealmente, dando toda força e prestigio ao general em chefe das forças brasileiras em operações no Paraguay. »

(1) O documento acima appareceu no livro de Suetonio — O Antigo Regimen — publicado especialmente para agradar aos republicanos, pois é bem conhecido o «dono» do pseudonymo...

— Como adiante se verá o original desse documento foi entregue pelo conselheiro Zaccarias ao Imperador, durante a sessão do Conselho de Estado, e depois devolvido ao Marquez de Caxias por intermedio de seu irmão o Conde de Tocantins.

Logo que o Marquez de Paranaguá recebeu e tomou conhecimento dos despachos que lhe entregára o coronel Fonseca Costa, sentidissimo com a injustiça que vinha de ser alvo, dirigiu-se ao Presidente do conselho para este obter de S. M. o Imperador a sua immediata exoneração, como unico meio de lançar solemne desmentido a toda aquella baixa intriga que estava prestes a transformar-se em graves perturbações politicas.

Zaccarias, entretanto, convidou os collegas para uma conferencia, na qual ficou assentado o pedido de demissão collectiva do ministerio, como medida de prudencia para não alterar a marcha da guerra...

S. M. o Imperador, a quem foi presente aquella resolução e documentos que a motivaram, quiz ouvir o Conselho de Estado pleno — que foi logo convocado para o dia 20 de Fevereiro de 1868.

### III

Presentes os conselheiros de Estado Marquez de Olinda, Viscondes de Abactê, Rio Branco, Jequitinhonha, Sapucahy, Bom Retiro, S. Vicente, Muritiba, Inhomerim e Nabuco de Araujo, o presidente do conselho de ministros, pedindo venia a Sua Magestade, exprimiu-se nestes termos<sup>(1)</sup>:

« Senhor. Pelo transporte chegado hontem do sul, o Ministro da guerra recebeu do Marquez de Caxias um officio em que o general pede licença para se retirar allegando molestia, mas recebeu ao mesmo tempo uma carta particular em que o Marquez expõe francamente as verdadeiras razões que o levaram a dar semelhante passo.

« Essas razões se resumem em acreditar o Marquez, á vista dos jornaes e de sua correspondencia particular, que o governo longe de ter nelle a mesma confiança que a principio manifestava, procura por diversos modos lhe tirar a força moral.

« Quando em Outubro do 1866 o governo convidou

(1) Desde aqui começo a transcrever um precioso manuscripto, do proprio punho do ministro da guerra de então, que resume todos os detalhes da memoravel sessão do Conselho de Estado e todos os incidentes da questão até o seu honroso desfecho.

Esse manuscripto me foi offertado com muitos outros documentos importantes pelo venerando Marquez de Paranaguá.

o Marquez de Caxias para ir tomar o commando das forças brasileiras no Paraguay e elle accitou o convite *sem outra condição que não fosse a plena confiança do governo em sua pessoa*, eu declarei-lhe *em conversa* que ao governo parecia tão necessaria a sua presença no Paraguay, que si elle houvesse recusado a commissão e nos parecesse que a recusa provinha *da repugnancia em servir connosco*, estaríamos dispostos a deixar o poder, porque, para nós a questão não era questão de partido e o essencial era acabal-a com honra, estivesse quem estivesse no poder.

« O governo pensa hoje como em 1866 — que a presença do Marquez de Caxias é da maior conveniencia no Paraguay e, pois, que o general inesperadamente mostra-se persuadido, aliás sem razão, de que o governo lho tira a força moral, *o ministerio antes quer se retirar do que usar do direito de pedir a exoneração do general, desfazendo com esta prova de abnegação as suas infundadas apprehensões.*

« De accôrdo com os meus collegas venho, portanto, pedir a Vossa Magestade Imperial a demissão do gabinete, submittendo á apreciação de Vossa Magestade Imperial a carta do Marquez, que peço licença para entregar sem ler. »

Sua Magestade disse que ia tomar em consideração o pedido do gabinete.

Retirou-se o presidente do conselho e o Imperador declarou desejar ouvir o parecer de cada um dos conselheiros de Estado sobre esse assumpto, franqueando-lhes a leitura do officio do Marquez de Caxias e da carta particular que elle dirigiu ao ministro da guerra.

Os conselheiros assim se manifestaram :

Visconde de Abaeté: — disse que não podia deixar de manifestar a surpresa que lhe causára a declaração feita pelo presidente do conselho de ministros.

« O Marechal do exercito, commandante em chefe de todas as forças brasileiras no Paraguay, pelos motivos que expõe em sua carta confidencial, com data de 4 do corrente mez, dirigida ao Sr. ministro de guerra, pediu demissão daquella commissão.

« Recebendo essa carta, entendeu o ministro que devia pedir a Sua Magestade Imperial a dissolução do gabinete e assim o fez.

« A questão sobre que são ouvidos os conselheiros de Estado *é si convém dar ao ministerio a demissão pedida.*

« A surpresa que teve nasce — primeiro da in-

oportunidade do pedido de demissão pelo general Sr. Marquez de Caxias; segundo — de não lhe parecerem plausíveis os motivos allegados para pedir demissão.

« Ninguém melhor reconhece a pericia, os serviços, os sentimentos e as eminentes qualidades do Sr. Marquez de Caxias, como militar e como cidadão; mas como homem não o julga isento de uma allucinação e infelizmente lhe parece que no caso de que se trata S. Ex. foi victima de uma allucinação.

« Corre ha muito tempo a noticia de que nos primeiros dias deste mez deveria haver no Paraguay uma batalha, se não decisiva, ao menos muito importante; não comprehendo, pois, como nas vespersas dessa batalha peça sua demissão o general em chefe que *deve e hade* commandar a acção. Não parecem plausíveis os motivos apresentados.

« E' patente a improcedencia dos factos deduzidos na carta e cita outros bem significativos da plena confiança do gabinete no general.

« A' vista de provas taes de confiança tão claras e tão fortes, o que poderiam valer os factos que tanto impressionaram ao Sr. Marquez de Caxias?

« A dissolução do gabinete, coincidindo com o pedido de demissão feita pelo Sr. Marquez de Caxias, pode prestar-se a commentarios desfavoraveis e perigosos.

« Diz-se que a influencia militar do Sr. Marquez de Caxias tem parecido a muitos razão para dever se chamar ao poder um dos partidos politicos que existem entre nós. Sou o primeiro a não dar o menor credito aos boatos que a tal respeito se tem espalhado. Entretanto si o pedido de demissão feito pelo general trouxesse a dissolução do gabinete e a organização do outro no sentido dos boatos que se tem espalhado, taes boatos apparentemente realisados, tomariam uma força e consistencia que fôra muito difficil se não impossivel desvanecer.

« A organização dos gabinetes, como a sua dissolução, está nos governos de fôrma representativa, sujeito a certas regras e condições; e seria um perigo gravissimo a suspeita, ainda que mal fundada, de se ter feito uma excepção *por causa de influencias militares*.

« O sacrificio do principio de autoridade seria patente neste caso.

« Assim, como conclusão, entendo, que não se deve dar ao ministerio a demissão pedida. »

Visconde de Jequitinhonha: — não acha procedente as razões que o Marquez de Caxias allega para pedir demissão; admira mesmo que taes considerações entrassem na cabeça bem organizada do general e o fizessem dar semelhante passo.

«Tudo isso só pode ser attribuido a um ataque de amor proprio excessivo a que deva ceder a gravidade da situação.

«Não se deve, pois, dar demissão nem ao Marquez de Caxias, nem ao ministerio.»

Marquez de S. Vicente: — entende que o assumpto é de muita gravidade e que na hypothese dada, qualquer das demissões, ou seja a do general Marquez de Caxias, ou a do ministerio, pode trazer serias consequencias.

«Procurando explicar o procedimento do Marquez de Caxias, acredita que as razões allegadas são exactamente as que actuaram em seu espirito e que por não poder julgar os factos por outra forma foi adiante do desejo supposto.

«Entretanto, a se conceder a demissão ao Marquez de Caxias, póde isso, talvez, comprometter a sorte da campanha, alterar os planos que elle tem concebido, trazer novas rivalidades em a nomeação de seu successor, pois não conhece outro general que goze de maior confiança do exercito.

«Por outro lado o ministerio demonstra que o Marquez não tem razão, que, pelo contrario, tem nelle inteira confiança e que o tem auxiliado com todo esforço, que nenhuma culpa tem nesse acto hostile do periodico inglez nem em outros; que, pelo contrario, defendeu o general pela folha official e que o julga tão necessario á frente das forças em operações que prefero dar sua demissão, retirar-se, para que elle continue.

«Este acto é honroso para o ministerio, porque é um acto de abnegação e um serviço que assim entende prestar ao exito da guerra.

«Deverá, porém, ser elle acceito?

«Entendo que não. O serviço publico aconselha que Vossa Magestade Imperial não conceda a demissão pedida pelo Marquez de Caxias, nem pelo ministerio.»

Nabuco de Araujo — não considera justificados os motivos que o general allega para pedir demissão, maximé nas vespervas de uma acção que se annuncia e quando é elle o mais proprio para executar o plano

que traçára; attendendo ao character e aos precedentes do Marquez, acredita haver ali allucinação.

«Seja como fôr, o facto é muito grave ou em relação á guerra ou em relação á politica do paiz; ou o caso se resolva pela demissão do general, ou pela demissão do ministerio.

«No primeiro caso ha a difficuldade da substituição do general e o transtorno ou demora das operações planeçadas.

«No segundo caso, a demissão do ministerio para satisfazer ao general, e para elle se conservar, *torna impossivel qualquer organização que não seja da politica do general*, e assim haverá necessariamente uma mudança politica, por um modo fatal ao systema representativo; por diversas que fossem as intenções do general, *a todos parecerá que a demissão pedida é uma imposição*.

«Nessas condições, o arbitrio mais prudente é o lembrado pelo Sr. Visconde de S. Vicente, isto é, que o ministerio não conceda a demissão pedida, explique os factos a que allude o general e lhe faça sentir que são infundadas as apprehensões que elle tem de que o ministerio não confia nelle: *não ha inconveniente algum nessas explicações do governo*.

«Com effeito, si o governo, como elle diz, tem plena confiança no general, que dezar ha em que o governo manifeste esta verdade, explique os factos e destrua as apparencias?

«Por outro lado, explicados os factos, o general não será tão temerario que tome a responsabilidade de abandonar o commando; deve elle pesar como maior o dever do general do que o capricho do homem politico.»

Visconde do Rio Branco — tanto a demissão do ministerio como a destituição do general em chefe apresenta graves inconvenientes.

«A guerra entrou n'uma phase de operações activas e conducentes ao seu desenlace final.

«A mudança do ministerio que está no segredo de todas as necessidades e conveniencias militares e diplomaticas, que tem por si a dedicação dos actuaes presidentes de provincia, podia causar e muito provavelmente causará uma interrupção prejudicial, já na acção governamental, já na remessa de reforços para o theatro da guerra.

«A retirada do general tem tambem inconvenientes muito sérios, Actualmente o Marquez de Caxias não.

é só o general em chefe das forças do Brasil. elle exerce esse commando em relação a todas as forças alliadas.

«A confiança que esse general brasileiro mereceu dos alliados seria continuada no seu successor, ou levantaria alguma nova pretensão da parte dos alliados?

«Em todo caso é certo que uma mudança de general, no estado em que se acham as operações da guerra, causaria a esta um grande detrimento, porquanto o novo general, ainda que fosse algum dos que lá se acham, precisaria de tempo para proseguir sob sua responsabilidade.

«A causa da crise é o pedido de demissão do general, e este pedido, como se vê da carta particular do Marquez escripta ao Sr. ministro da guerra, como seu collega e amigo, deriva de uma desconfiança.

«Não parece, pois, impossivel que uma abertura franca entre o ministro e o seu delegado dissipe aquella desconfiança e ponha termo a tão lamentavel occorrença.

«E' este o alvitre que julga preferivel.

«O general em suas communicacões officiaes não deu o mais leve motivo de queixa aos senhores ministros; a sua linguagem é qual devera ser e delle se devia esperar.

«As manifestações da carta particular são expressões confidenciaes dirigidas a um collega e amigo que podem ser apagadas por um procedimento do gabinete, sobranceiro a esse incidente e concentaneo com a dignidade do governo.»

Visconde de Inhomerim: — sem entrar na apreciação das razões allegadas pelo Marquez de Caxias para solicitar a demissão, deprehende-se dellas que o mesmo está persuadido de que a plena confiança do ministerio, condição indeclinavel, não existe para elle e consequentemente não podia deixar de dar o passo que deu.

«Si, entretanto, o ministro entende que são infundados os receios do general, então nada mais facil, mais simples e natural do que elle mesmo lhe fazer ver a inconsistencia de suas suspeitas e reiterar-lhe as expressões de confiança que o tranquilisem.»

Marquez de Muritiba: — não parece motivo bastante para a demissão do gabinete a suspeita mais ou menos fundada do general de não manter-lhe o mesmo gabinete aquella completa confiança, tão ne-

cessaria para conservar a força moral no exercito, em todo tempo e principalmente no momento de emprehender operações de guerra decisivas.

«O ministerio pode desvanecel-a explicando ao general os factos que a causaram em ordem a convencer o general do engano em que se acha, restabelecendo-se desse modo a confiança reciproca.»

Visconde do Bom Retiro: — pensa como todos os seus collegas presentes que nas circumstancias em que se acha o paiz, é mui melindrosa e gravissima a questão proposta com relação á guerra, quando por suas estreitas relações com a politica interna.

«E' um grande mal a retirada do general em chefe do theatro da guerra, porque, além de outros motivos, não vê quem na actualidade o possa substituir sem risco para o bom exito das operações.

«Considera ao mesmo tempo um grande mal a demissão do ministerio nesta occasião, em que tudo leva a crêr que estamos nas vespersas de uma batalha decisiva e quando o paiz passa por uma crise assustadora a muitos respeitos.

«Assim si houver um meio de conciliar-se as cousas, de modo que se possa sahir da difficuldade, conservando-se o general em chefe, sem que o ministerio se retire, essa será sem duvida o expediente aconselhado pela prudencia e exigido pelos altos interesses do Estado.

«Acham-se felizmente de accôrdo neste ponto todos os conselheiros que até agora tem examinado a questão.

«Pondo de parte a amizade que o liga ao Marquez de Caxias e só obedecendo a considerações derivadas do dever de exprimir seus sentimentos com inteira franqueza, acompanha o Sr. conselheiro Paranhos (Visconde do Rio Branco) em tudo quanto disse relativamente ao character e distinctas qualidades daquelle general e á pureza de suas intenções.

«Nem a carta dirigida por elle ao Sr. ministro da guerra pode ter outra explicação que não seja a de ter sido arrastado ao passo que deu pelas suspeitas que se apoderaram de seu animo, suspeitas sem duvida injustas, mas aggravadas em consequencia de artigos publicados em um periodico protegido pelo governo, artigos que foram commentados imprudentemente em outros jornaes e é de crêr tambem em cartas particulares escriptas daqui para pessoas do exercito, e que seguramente excitaram ainda mais o melindre do general, levando-o a expandir-se pelo modo porque o fez.



«O ministerio por seu lado magoou-se com taes suspeitas que considera offensivas de seu character e á dignidade e altamente injustas. Viu tambem offendido o seu melindre, mas convencido de que não convinha absolutamente a demissão do general em chefe, no pé em que se acha a guerra, preferiu pedir sua demissão, dando com isto, *é preciso primeiro que tudo ser justo*, uma prova significativa de lealdade para com o mesmo general em chefe.

«Si pois o que apparece é de um lado a suspeita da parte do general de falta de confiança e de lealdade para com elle e do outro uma manifestação tão solemne em contrario, que leva o ministerio a preferir a sua demissão solicitando-a expontanea e immediatamente, a tentar a substituição do mesmo general, razão parece que tem os mesmos conselheiros que pensam que as cousas se podem ainda conciliar de modo que sem quebra de dignidade cheguem a accôrdo um e outro, como imperiosamente exigem as conveniencias publicas.

«Convém notar-se que o general pediu demissão em um officio muito polido e dando como motivo simplesmente o ter-se aggravado o máo estado de sua saude.

«Até aquí nada ha de offensivo, nem de menos respeitoso ao governo. O fundamento que houve para este julgar-se offendido, nasceu da confidencial que veio na mesma occasião do officio, mas essa confidencial é uma carta inteiramente particular, com essa designação expressa no competente logar do papel e terminando com as palavras — *De V. Ex. collega e amigo*.

«Estas palavras principalmente tiram toda a duvida que possa haver sobre a natureza da confidencial. Ora, sendo isto assim a carta não é senão um desabafo particular de uma pessoa que julgou seus brios offendidos por outrem com cuja amisade e absoluta confiança contava e jámais deve ser considerada como tendo sido escripta no propósito deliberado de atacar a dignidade do ministerio da Corôa e de faltar o respeito devido ao governo.

«A' vista disto ainda mais firmemente entende que em presença das criticas circumstancias do paiz, que de todos nós exigem os mais pesados sacrificios, sobretudo com relação á guerra de honra em que nos achamos empenhados e cujo bom exito não deve ser por forma alguma arriscado. — não fica mal ao ministerio, antes procederá de maneira digna de elogio, fazendo apparecer a verdade mediante explicações dadas

tambem em carta particular acerca dos factos que originaram as desconfianças do general em chefe do nosso exercito.»

Marquez de Olinda: — entende que o general e o ministerio não podem mais viver juntos: deve-se conceder demissão a ambos.

---

Sua Magestade o Imperador não se conforma com os pareceres do Conselho:

«Pelo que tenho ouvido é urgente uma decisão. Observou-se que o marechal Marquez de Caxias esperará resposta ao seu pedido para emprehender qualquer acção. A experiencia mostra que nem sempre se guarda segredo. Portanto deseja ouvir ainda os conselheiros de Estado sobre o que vae expôr, para se não ver obrigado a consultal-os de novo.

«Os conselheiros viram o que se passou. O ministerio não propôz alternativa sobre sua demissão ou a do Marquez de Caxias; disse que á vista daquella carta particular do Marquez não podia deixar de pedir demissão, porque julgava mais prejudicial a retirada do general.

«Neste caso pergunta: *qual julga o conselho menor mal: a demissão do ministerio ou do general?* (1)

... (2) O Marquez de Olinda disse «que posta a questão nestes termos absolutos entre o ministerio e o general, parece que o general não deve ser conservado.

«Foram do mesmo parecer os Viscondes de Abaété, de Jequitinhonha, de Sapucahy, de S. Vicente e Bom Retiro, dando o Sr. de S. Vicente como razão principal de seu voto — que nesse caso, sim, poderiam os partidos contrarios allegar que a influencia militar foi quem preponderou.

«O conselheiro Nabuco de Araujo entende que a hypothese é gratuita, porque seria contradição que o ministerio, tendo pedido sua demissão julgando util a conservação do general viesse ao depois podir a demissão desse mesmo general para elle ficar.

«Dada porém a hypothese: seria um precedente funesto para o systema representativo a demissão do ministerio por imposição do general ou para satisfazer

---

(1) Vid. Joaquim Nabuco — Um Estadista do Imperio, tom. III p. 112.

(2) Continuação da memoria — Paranaguá.

ao general, tanto mais que essa demissão deve por força das cousas operar uma mudança de politica, porquanto o motivo de desconfiança que determina a demissão deste ministerio ha de tornar impossivel outra organização que não seja conservadora. Todavia e de presente, no meio dos elementos subversivos que ahi estão accumulados e á vista da anciedade publica pela terminação da guerra — entende que a demissão do ministerio é menor mal.»

— Votam no mesmo sentido, na hypothese de collisão ou alternativa, os conselheiros Muritiba, Rio Branco e Inhomerim.

\* \* \*

Eis o que foi essa memoravel sessão do conselho de Estado pleno, sem duvida a de mais interesse historico e de mais gravidade de quantas houve durante o segundo Imperio.

Quanto ao desfecho da questão, eis como termina o precioso manuscrito a que me tenho referido:

«... O ministro da guerra, que aliás manteve sempre as melhores relações com o Marquez de Caxias, commandante em chefe, devolveu-lhe aquelle documento, embora trouxesse a nota de *particular*, por intermedio do Conde de Tocantins, irmão do Marquez. Este melhor aconselhado e certo da confiança plena e do apoio que nunca lhe faltou, da parte do ministerio, continuou á testa do valente exercito que nos deu tantos dias de gloria no completo desagravo da honra nacional.»



## A MORTE DE UM BRAVO (1)

---

Calaram-se os canhões da esquadra, emudeceram as baterias de Curuzú, após seis horas de vigoroso bombardeio.

Do quartel general do commando em chefe partiu o emocinante signal de *avançar*... os clarins de todas as divisões e brigadas, os tambores de todos os corpos responderam ao toque de *carga*...

E ao clangor dos bellicos instrumentos, dezenove mil homens, em quatro columnas, correram impavidos contra as alterosas linhas de Curupaity.

Serpenteando na vasta planicie, qual terrifica avalanche rolada da montanha, aquella immensa multidão corria a *marche marche* contra cincoenta e oito bocas de fogo e nove mil carabinas trepadas nas fortissimas ameias do baluarte paraguayo.

Imponente espectaculo!

. . . . .  
. . . . .

Subito um relumpago correu na crista do entrincheiramento inimigo; esbranquiçada fita de fumo desdobrou-se celere por sobre aquelle dorso gigantesco, seguindo-se medonho estampido que reboou lugubrememente nas selvas virgens do Gran-Chaco qual trovão cyclope nas convulsões dantescas do una tempestade infernal. E uma abóboda de granadas, assoviando sinistramente no espaço escuro de fumo e pó, saudou os alliados que avançavam a passo de carga, deixando na planicie uma esteira sangrenta de cadaveres e feridos.

Cerrou o fogo!

A's descargas de fuzilaria seguiam-se as descargas de canhões sem o intervallo de um instante e aquelle

---

(1) Publicado em Paris, na «Revista Moderna», tom. II 1898, n. 24, illustrado com o retrato do Conde de Porto Alegre e com a gravura da tomada de Curuzú.

continúo esturgir de obuzes, casando-se com a explosão das bombas, semelhava o rufo pavoroso de immenso e descommunal tambor!...

Em ondas alterosas rebentavam as aguas do rio, açoitadas violentamente pela expansão prodigiosa daquella atmospherá revolta.

Tremia a terra em vibrações extranhas!

. . . . .

O primeiro entrincheiramento da grande fortaleza paraguayá foi tomado sem um tiro, á couce d'armas, á baioneta, no violento empuxo do primeiro arranco.

Mas... quinhentos metros atraz do primeiro, corria o segundo entrincheiramento, mais alteroso, mais formidavel, mais difficil para o assalto.

— Triplice linha de abatizes, precedendo vinte e quatro ordens de *boccas de lobo*, na frente de largo e profundo fôssó, estendia-se ao pé da escarpa de alterosa muralha com trinta e tres palmos de elevação.

Quatro reductos salientes cruzavam fogos mergulhantes com a cortina em zig-zag e os redentes que uniam as selvas impenetraveis da Lagoa Pires á baranca abrupta do rio Paraguay.

Contra esse colosso de argilla, coroado de canhões e carabinas que vomitavam milhares de projectis, avançaram a peito descoberto, armas suspensas, bandeiras desfraldadas, cincoenta e dois batalhões de infantaria.

E ao aspecto imponente dessa carga sem exemplo na America, a guarnição paraguayá deu meia volta o fugiu...

O paúl, os abatizes, as *boccas de lobo*, a fuzilaria, a metralha, os fôssos, o talude ingreme da trincheira, deteve por instantes aquella massa confusa de homens enegrecidos em espessa nuvem de pó... Quarenta brasileiros, pertencentes á columna da extrema esquerda, os mais ageis e resolutos, já estavam dentro da fortaleza paraguayá...

Um ultimo esforço, vinte minutos mais naquelle inferno de lodo e sangue, e a mais estrondosa victoria assignalaria a quéda immediata do famoso quadrilatero.

. . . . .

O signal de *retirada* partiu do quartel general argentino.

Trezentas cornetas repetiram aquellas notas sentidas que echoaram lugubrememente como um pio agorento de funesto presagio...



ficaram de todo descobertas; por alguns pontos mais descarnados via-se arfar os pulmões.

Vivia ainda!

\* \* \*

Francisco Camerino nasceu na Estancia, em Ser-gipe, a 21 de Agosto de 1841.

Poeta distincto, imaginação de fogo, patriota exaltado, sentiu fundo a afronta paraguaya, e, tomando lugar entre os primeiros cidadãos que se agruparam em torno do pendão nacional para a desafronta da patria, correu á fronteira com esses abnegados heróes — hoje olvidados pela geração moderna — que a inspiração do gabinete Furtado chamou *Voluntarios da Patria*.

Exemplo unico nos annaes da porfiada campanha: não se alistou em corpo algum; cumpriu alevantado dever cívico sem entregar-se á pesada disciplina militar.

« ... Não porque a mochila me possa nodoar, mas porque foi alli que comprehendi e conheci em meu genio um que impossivel de supportar o rigor da disciplina; tambem vi que podia ser util ao paiz e prestar á minha nação o serviço ao meu alcance sem a dependencia do Estado. » (1)

Nada percebia dos cofres publicos: os alimentos e a propria munição que gastava nos combates adqueria com os recursos proprios de sua modesta bolsa.

Armado de magnifica carabina, atirando com rara pericia, entrava em fogo na frente do 8.º batalhão de voluntarios, enthusiasmando a soldadesca com o exemplo e com a palavra inspirada do genio.

Ao lado daquelle moço de 23 annos, imberbe quasi, figura extremamente bella e sympathica, que se batia com valor admiravel, que afrontava os perigos com stoica abnegação, os fracos creavam brio, os covardes se retemperavam, dando razão ao poeta:

... Medo tem toda gente.

Saber desfarçar — é ser valento.

\* \* \*

Horrivel espectaculo no hospital de sangue!  
Sangue por toda parte: — fragmentos humanos,  
pernas e braços em repugnantes pilhas, misturavam-se

---

(1) Carta dirigida ao irmão em 23 de Agosto de 1865.

com os corpos mutilados que sahiã sem vida dos bancos das amputações.

Os medicos, os ajudantes, os enfermeiros — braços arregaçados, sudorentes, ensanguentados. se multiplicavam em nobre esforço para attender os feridos que ás centenas, aos milhares (1). carregados em padiólas, em macas, sobre varas, nos capotes, sobre carabinas cruzadas, nos braços dos amigos. não poucos ás costas dos filhos, as proprias mulheres conduzindo os maridos — n'uma procissão lugubre, commovedora, interminavel, á formiga. enquanto do extremo opposto da extensa rainada. fileira sem fim de padiólas transportava os mortos para a valla que os sapadores abriam...

E tudo isso apressadamênte, sob a impressão moral do desastre soffrido. em confusão, n'um concerto pavoroso de gemidos e lamentos, de pragas e maldições, de ais lascinantes. cruzando-se com a vóz grave dos Capuchinhos que entoavam psalmos exhortando os moribundos!

Entretanto, de um extremo ao outro do vasto barracão, correu de bocca em bocca a noticia de que expirava Camerino, fazendo cessar por instantes aquelle indescriptivel alvoroço: — os gemidos cessaram como por encanto, e, n'um respeitoso silencio, quasi todos poderam ouvir as ultimas palavras do jovem sergipano que se finou repetindo a estrophe sentida de *D. Jayme*:

    Ou morre um homem na lida,  
    Feliz, coberto de gloria,  
    Ou surge um homem com vida,  
    Mostrando em cada ferida  
    O hymno de uma victoria.

---

(1) Neste hospital receberam os primeiros curativos 2.520 feridos (1.313 brasileiros e 1.207 argentinos) que em seguida foram transportados pela esquadra para os hospitaes de Corrientes.



## VALOR INDOMAVEL

---

Foi diante dos muros de Paysandú.

A brigada brasileira do general Antonio de Sampaio avançava pelo norte da praça, tomando á baioneta as barricadas oppostas pelo inimigo de quarteirão em quarteirão; cada assotéa, transformada em inexpugnável reducto, exigia uma escalada em regra.

As bombas e a metralha cruzavam-se por toda parte; o sangue corria a jorros, formando póços, escorrendo pelas sargetas das ruas cobertas de mortos e feridos.

Quarenta e duas horas havia decorrido desde o começo do ataque e nesse longo espaço de tempo o estrepito da fuzilaria não cessára um segundo; a cidade, envolvida em espessa nuvem de fumo, parecia presa de um vasto e pavoroso incendio.

A' tenacidade do ataque igualava o heroismo da defeza.

\* \* \*

A confusão era horrivel!

A' medida que iam avançando os batalhões por aquelle dedalo de ruas, viélas estreitas e tortuosas, se cuidava de conduzir os feridos que ficavam na rectaguarda. Havia o perigo da retirada e era necessario salvar esses desgraçados que podiam a cada momento encontrar a morte debaixo das patas dos cavallos, pois os esquadrões de Flores, os corpos da brigada ligeira e os regimentos de Osorio manobravam em todas as direcções a par da infantaria!...

Duas companhias do 3.º batalhão atacavam a *Ancla Dorada*, onde alguns centos de inimigos defendiam com furor o velho casarão crivado de obuzes.

O capitão Francisco Frederico Figueira de Mello, como official mais antigo, dirigia o ataque: — verdadeira escalada.

Um soldado, tranquillamente ajoelhado junto a sua carabina, fazia atadura de lenço; — um golpe de lança lhe atravessára a face direita. a esclerotica saltára e pelo alveo da cornea um jorro de sangue sahia.

*Que fazes ahí, Alexandre. Estás ferido? Vae para ambulancia!* gritou-lhe Figueira de Mello.

*Para ambulancia! Eu para ambulancia, meu capitão?* responde o velho soldado de Moron.

*Vae te curar antes que fiques ahí desmaiado. Estás com a vista perdida, desgraçado!*

E' verdade. meu capitão, mas o *canhoto* ainda en-  
cherga...

E o soldado, prompta a atadura, endireitou-se. tomou da espingarda com gesto energico e correu para a frente antes que Figueira de Mello podesse detel-o.

Um quarto de hora depois a *Ancla Dorada* era tomada. mas a luta continuava nos muros dos quintaes, transformados pelos *blancos* em outras tantas trincheiras!

Uma bala inimiga veio ferir o braço direito de um soldado que se esforçava para trepar um muro...

O soldado rolou por terra. já do lado opposto, onde se brigava corpo a corpo, á baioneta, com os *blancos* entrincheirados atraz de uma pilha de tijollos.

Figueira de Mello corre a levantá-lo...

Ah! é *camcê* meu capitão? Os *gringos* *implicaram* commigo. mas eu me vingó...

*E ainda não estás satisfeito, Alexandre? Vae p'ra ambulancia si ainda podes andar!*

O soldado não responde. mas agarrando a carabina pela bocca e manobrando-a com clava atirou-se no meio da luta, gritando:

Agora, *gringos*, é com o *canhoto*!

\* \* \*

O capitão Figueira de Mello, maravilhado ante tão grande bravura, seguiu o valente caboclo que fazia com a sua clava horrivel destroço no grupo dos *blancos* que lutavam como leões.

Sua primeira victima foi um official: formidavel pancada com a face da coronha esmigalhára o craneo do infeliz... tres victimas seguiram-se á primeira, derubadas pela força herculea do caboclo nortista...

De repente, ferido em pleno peito, cahiu o desgraçado!

O official aproximou-se: horrivel expressão naquelle rosto mutilado. Olhou para o chefe, quiz fallar e uma golphada de sangue sahiu pela bocca...

Suas ultimas palavras resumiram um mundo de felicidade e amor: recordava o regaço materno e a patria querida.

*Minha mãe... Viva o Mossoró!* (1)

\* \* \*

Alexandre Baraúna Mossoró, soldado da 5.<sup>a</sup> companhia do 3.<sup>o</sup> batalhão de infantaria, era natural da maigem cearense do rio Mossoró, onde tinha sua velha mãe a quem servia de arrimo.

Era um caboclo baixo de estatura, physionomia sympathica, excessivamente reconcentrado, obediente, serviçal e muito estimado no corpo onde servia desde 1851, sem commetter uma só transgressão disciplinar.

O asseio de seus uniformes e o trato cuidadoso de seu armamento, mais de uma vez chamára attenção dos chefes que lho dispensavam particular attenção.

Quando o exercito reunia-se em Pirahy-Grande, em Novembro de 1864, foi promovido a *cabo de esquadra* e escolhido para *ordenança effectiva* do commandante em chefe, o general João Propicio.

O caboclo cearense foi logo á barraca do coronel Sampaio se empenhar para ficar sem effeito a sua promoção, confessando ao coronel que assim procedia porque não *nascera para criado de ninguem*, e de tal modo se expressou que Sampaio, tomando vivo interesse por aquella rude e nobre altivez de character, conseguiu do general a nullificação do posto dado ao soldado Mossoró.

\* \* \*

Findo o combate, o general Antonio de Sampaio, informado da tragica morte de Alexandre, foi em pessoa procurar o seu cadaver e, acompanhado por muitos officiaes, assistiu á inhumação, mandando collocar sobre a sepultura tosca cruz de madeira com esta inscripção:

*Respeitae o jazigo de um bravo.*

---

(1) Com o estrepito da luta não se percebeu bem si elle queria dizer que sua mãe «vivia em Mossoró» ou se deu um «viva» ao berço natal.

Depois da capitulação de Montevideo, o general Antonio de Sampaio enviou á mãe de Alexandre 350\$000 em dinheiro, producto de uma subscrição iniciada pelo capitão Figueira de Mello entre os officiaes cearenses da 6.<sup>a</sup> brigada: ultima homenagem prestada á memoria do ignorado heróe de Paysandú. cujo nome, felizmente, pude salvar do olvido.



## A PIRIQUITA

---

Estava ainda escuro quando entrou em forma o 2.º corpo do exercito.

Das trincheiras de Curuzú rompeu vivo fogo de artilharia.

Os canhões do 4.º corpo provisorio, assestados no espaldão construido durante a noite, responderam com vigor.

Duas columnas lançaram-se ao assalto: na esquerda o general Gonçalves Fontes guiava cinco batalhões de infantaria; na direita Albino de Carvalho conduzia seis corpos contra o baluarte paraguayoy.

E esses onze batalhões, rivalisando em audacia e disciplina, a passo de carga, galgaram impetuosamente a alterosa trincheira; no recinto travaram renhida luta á baioneta, a couce d'armas, com a guarnição paraguayaya que defendia com furor a posição que lhe confiara o marechal Solano Lopez.

A 4.ª brigada de caçadores, commandada pelo coronel Agostinho Piquet, obliquou á direita para contornar a esquerda da praça; a chegada desses quatro corpos desmoralizou o inimigo: principiando a fuga, começou a matança...

Em tres quartos de hora o 2.º corpo do exercito, tomando de assalto o forte inimigo, realisou uma das mais ousadas façanhas que registram os annaes dessa porfiada e longa guerra.

Curuzú será sempre o maior florão de gloria para esses *paisanos armados* que o general Conde de Porto Alegre guiou ás plagas inimigas em desafronta da honra nacional.

\* \* \*

No flanco direito da 6.ª companhia do 5.º corpo de caçadores, *um soldado* se distinguira na escalada e na luta á arma branca travada no recinto do forte.

Ainda na meia obscuridade em que principiou o ataque, o coronel Piquet observára por vezes *esse soldado* animar os companheiros e manobrar com precisão a pesada carabina Minié; vira a destresa com que escalára a trincheira guiando o primeiro grupo que por esse lado entrou na fortificação.

Quando começou o intervêro e que as companhias debandaram nessa desordem característica que denuncia a victoria, na qual soldados e officiaes em grupos formados ao acaso, em absoluta promiscuidade de gradações, agem por conta propria no exterminio do inimigo desmoralizado e vencido, o commandante da 4.<sup>a</sup> brigada de caçadores ainda observou o *mesmo soldado* praticar um acto de destresa e sangue frio, quando dirigia o grupo nosso contra outro do inimigo que se retirava combatendo.

Alentado official atirára formidavel golpe de longa e recurvada espada contra um soldado brasileiro, mas o cano da carabina do *companheiro* recebera em cheio a pancada e, por um rapido movimento que faria honra a adestrado esgrimista, embebera no peito do adversario a baioneta triangular...

O coronel chegava junto ao grupo no momento que o soldado, tão opportunamente livre de tal golpe, dizia ao *companheiro*:

*Obrigado, Piriquita!*

O coronel Piquet, intrigado com o extranho apellido em tão bravo soldado, reparou então que ainda mais extranho era o seu fardamento: — blusa azul, *saia encarnada* e chapéo de voluntario... duas bolsas cheias de cartuchos o bórnal a tiracollo, cinturão e patrona completavam o equipamento...

\* \*

Findo o combate foi a *Piriquita* interrogada...

Simple e natural, a sua presença representando o elemento feminino no assalto de Curuzú; protesto solemne ao preconceito social que empresta á mulher incapacidade para as grandes empresas.

Na Tranquera do Loreto embarcou o 2.<sup>o</sup> corpo do exercito nos navios da divisão Torres e Alvim para descer o Paraná até o Passo da Patria.

As mulheres tiveram ordem de acompanhar as bagagens, os fornecedores e a cavallhada que desceram por terra, seguindo á margem corrientina até o ponto de Corrales.

A *Piriquita*, porém, não estava resolvida a separar-se da *seu homem*, e não tendo coragem de soffrer as dores surdas e acabrunhadoras da saudade, enfronhou-se n'um fardamento, embarcando com a brigada no meio da soldadesca que a protegeu no ardil...

Desembarcou em Itapirú, seguiu para Tuyoty com o 5.º de caçadores que entrou em fogo no Boqueirão e no Sance (16 e 18 de Julho), arranjan-do-se por tal forma que a sua presença não foi notada pelos superiores.

Resolvida a occupação de Curuzú, na direita do quadrilatero paraguayo, o Barão de Porto Alegre ordenou que todas as mulheres que já se achavam com o 2.º corpo do exercito seguissem para Corrientes.

A *Piriquita* não teve coragem do cumprir a ordem do quartel general; usou do mesmo estratagemas que tão bons resultados lhe dera na Tranquera do Loreto e lá se foi com o 5.º de caçadores cobrir-se de gloria no assalto de Curuzú.

\* \* \*

Quando o 2.º corpo do exercito marchou de S. Borja para o theatro da guerra no Paraguay, levava um verdadeiro exercito de mulheres acompanhando a sua pesada bagagem e immensa cavahada.

Exercito organizado com paisanos, resentia-se de todos os defeitos inherentes a tropas milicianas,

O Barão de Porto Alegre, encarregado de disciplinar essa massa de *paisanos armados* — que aos reclamos da patria se reuniram em torno do pendão nacional para vingar ultrajantes afrontas do despota paraguayo —, sensatamente tomou a resolução de ir pouco a pouco cortando semelhantes defeitos, á medida que militarisava os corpos — unica maneira, aliás, de evitar as deserções em massa tão communs nos improvisados exercitos da America latina.

Entretanto, a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos e si não fosse o perigo de incutir o desanimo no soldado em momentos de ataques subitos ou de insuccesso em qualquer operação, seria medida de grande alcance pratico lhes dar todas as facilidades para acompanhar o marido á guerra.

Refiro-me, porém, á mulher do soldado: á mulher que, pertencendo ás classes inferiores da sociedade, é capaz dos mais nobres sacrificios, da mais sublime dedicação; á que *marcha a pé*, carregando satisfeita e contente a

metade do equipamento do *seu homem*; á que, depois de percorrer a regulamentar dezena de leguas, vae ainda, no bivac, buscar lenha, preparar a frugal refeição, lavar a roupa e cuidar dos filhos; á que, nas ambulancias e hospitaes de sangue cérca de mil cuidados os desgraçados enfermos que nesse ente dedicado encontram compensação do perdido conforto, nas agruras da vida em campanha. (1)

Essa é a mulher necessaria na guerra e si não houvesse cerca de quatro mil filhas de Eva nos acampamentos de Tuyoty e Curuzú quando invadidos pelo cholera, duplicado seria o numero dos victimados pelo terrível habitante do Ganges.

Porto Alegre assim comprehendeu; levou dois exercitos: só um combatia, o outro ajudava.

---

(1) Testemunhei a fortaleza de animo dessas mulheres, que na minha terra têm o significativo nome de «cunhã de soldado», quando em Abril de 1885 marchei de Bagé para o Caverá com o 17.º batalhão de infantaria.

Muitas vezes, depois de violenta marcha atravez de interminaveis cochilhas, um terço do batalhão ficava prostrado na estrada: jámais vi cahida uma só das 86 mulheres que nos acompanhavam! e ainda mais, quasi sempre, quando os sargentos tomavam alinhamento para acampar, da «aldeia» das mulheres, lá da costa do arroio, já subia esbranquiçado fumo de improvisadas fogueiras, annunciando «boia» aos debilitados estomagos...

Quantas vezes, estendido em minha barraca, exausto, alquebrado de cansaço por forçada marcha de seis, oito e dez leguas, ouvia gemer a viola, na aldeia, ao compasso da qual ellas «sambavam» toda a noite, e no outro dia, quando recommçava a viagem, lá iam as nossas companheiras, carregadas de «apetrechos», na rectguarda da columna, em alegre vozzeria!...





## MORTE DE SPARTANO

---

As bandas marciaes do 2.<sup>o</sup> corpo do exercito já tocavam os hymnos da victoria.

O Barão de Porto Alegre, á frente daquelles paisanos que acabavam de receber o baptismo do fogo, conquistára á baioneta o forte de Curuzú no memoravel dia 3 de Setembro de 1865.

Gonçalves Fontes perseguia os fugitivos paraguayos na direcção de Carupaity; Albino de Carvalho reorganisava os corpos que debandaram durante aquella carga admiravel, sem exemplo em tropas bisonhas, que nos deu a pósse de respeitavel entrincheiramento artilhado com 13 bocças de fogo e guarnecido por 3.500 homens.

Um esforço mais, e o quadrilatero ficaria flanqueado; mas o cansaço das tropas, o numero de feridos e a ignorancia da topographia daquelle intrincado terreno, obrigou o velho soldado de Moron a limitar o feito da dia á tomada do forte avançado da grande fortaleza paraguaya.

Ainda assim foi uma acção digna do soldado brasileiro.

Cumpriram bem os seus deveres os que ali se bateram . . .

\*  
\*

O coronel Astrogildo da Costa, superior de dia, multiplicava-se em assombrosa actividade, providenciando na remoção dos feridos para bordo dos navios da esquadra e auxiliando aos commandantes de divisões e brigadas no restabelecimento da ordem tactica dos corpos, após áquelle combate á arma branca que nos deu não pouca gloria.

Entrava em forma o 2.<sup>o</sup> corpo de caçadores a cavallo, que combatera a pé, armado á infantaria; Agostinho Piquet ordenava a brigada em columna cerrada

de batalhões, obedecendo á ordem do commando em chefe que mandára cessar a perseguição e entrar em formatura todos os corpos para a revista geral.

Nesse momento se divisono um grupo de paraguayos que passava dentro da matta, fugindo na direcção de Curupaity.

Astrogildo, a todo galope, aproxima-se da brigada Piquet e ordena que a 6.<sup>a</sup> companhia do corpo de caçadores estendesse em linha de atiradores com a frente para a matta e fuzilasse o grupo inimigo.

O capitão Julião José Tavares, cumprindo a ordem, estendeu a sua companhia na perpendicular do flanco direito da columna e rompeu cerrado fogo contra aquelles retardatarios que passavam correndo na esperanza de alcançar a trincheira do outro forte.

De repente alentado paraguayos surge da macéga que crescia á esquerda de Curuzú: corria em campo aberto, entre a matta e os atiradores na direcção do rio para umas palhoças situadas na ângulo da rectaguarda de Curuzú: — um grupo de cerca de 60 brasileiros perseguia o paraguayos aos gritos:

- Não atira . . .
- Péga á unha . . .
- Cerca . . . não mata.

Julião Tavares fez suspender o fogo de sua companhia para deixar passar o perseguido e os perseguidores, pois estes procuravam tomar os lados para metter em circulo o fugitivo que voava para as palhoças em medonhas cabriolas . . .

O valente paraguayos, naquella carreira vertiginosa, aproximou-se de um monticulo de areia que se erguia no meio do campo; contornando-o, desapareceu no momento mesmo em que o grupo de brasileiros, completando o cerco, alcançou o local em que mysteriosamente sumiu-se o corpulento guarany.

Todos estacaram perplexos ante a subita desappareição do homem de *chiripá* e camisa vermelha: — cautelosamente avançavam para o monticulo no intuito de agarral-o no *fojo* em que o julgavam mettido.

Subito, horrivel detonação esturgiu no espaço: immensa columna de fumo e areia ergueu-se violentamente do sólo, atirando em todos os sentidos os corpos despedaçados do grupo de brasileiros.

Uma hecatombe!

O paraguayos vendo-se perdido não quiz ficar prisioneiro, embora comprehendesse que não lhe queriam tirar a vida, pois nada mais facil a tantos persegui-

dores que derribal-o a tiro, preferiu morrer dando a morte aos inimigos da patria.

Havia atraz do monticulo, habilmente desfarçada com galhos de arvores, a entrada de um *polvarin* abobadado, onde guardava-se 1.500 libras de polvora:-- penetrar nesse deposito, puchar o isqueiro, chegar a mecha ao explosivo, voar tudo n'um torbilhão espantoso — foi a obra de alguns segundos.

O sólo fendera-se em diversos sentidos; grossos angicos, seculares lapachos, foram arrancados pela raiz e atirados á grande distancia.

Dos sessenta brasileiros foram apenas encontrados alguns braços, algumas pernas longe do lugar do sinistro; a cabeça de um soldado foi cahir a bordo do *Princeza de Joinville*, fundeado a cerca de milha e meia em linha recta!

Dias depois, bandos de urubús denunciavam a presença de carne humana no cimo das arvores altas que circumdam o forte de Curuzú.

E assim morreu um bravo, digno dos heróes da antiga Sparta.



## O TENENTE VASSIMON

---

### I

Desde que romperam as hostilidades entre o Brasil e a Republica do Uruguay, o corpo diplomatico e os chefes das estações navaes europeás no Rio da Prata mostraram decidida sympathia pelo governo *blanco* que dominava a Republica.

Provocava esse sentimento, a politica indefnida do governo brasileiro e a dubiedade de sua acção militar nos primeiros mezes do anno de 1864 — que mais parecia occulta animação ao partido que hasteára a bandeira da revolta, que um formal ajuste de contas entre potencias soberanas.

E ainda mais: o poder de um vasto Imperio contraposto ao de uma fraca Republica, dilacerada e empobrecida pelas guerras civis, a apparencia de *provavel* guerra de conquista, justificada pela tendencia natural das grandes nacionalidades em absorver os pequenos povos visinhos, após esses attrictos de fronteira onde se chocam e se confundem tantos interesses publicos e privados, todas essas razões, que avultavam pela apparencia, alliadas á sympathia que desperta o fraco que luta com o forte, tudo isso, digo, determinava attitude quasi hostile assumida pelos representantes das grandes potencias ante o conflicto brasileiro-uruguayo.

Felizmente, a chegada do conselheiro Paranhos (mais tarde Visconde do Rio Branco) ao theatro dos successos, pôz termo á situação embaraçosa em que se achava a politica brasileira no Rio da Prata.

Os *colorados* foram reconhecidos belligerantes e solememente declarados alliados do Imperio, em sancção ao accôrdo secreto de Santa Lucia, ficando assim definida a attitude do Brasil em face do direito das *gentes*.

*Officialmente* todas as sympathias se voltaram para nós, mas os *sentimentos individuaes* dos agentes euro-

peus continuaram ligados ao governo *blanco*, que *aliás* sabia exploral-os com rara habilidade e maestria admiravel.

## II

Atravez das difficuldades inherentes á falta de *mobilisação* do resumido numero de navios da esquadilha que o governo confiára ao Barão de Tamandaré. o bloqueio dos portos uruguayos ia sendo pouco a pouco estabelecido, mas sem o rigor exigido por esses actos de força.

A impertinencia dos commandantes das estações navaes européas se manifestava a cada passo, agravando a situação e difficultando o objectivo dos brasileiros: ora perturbando a regularidade do bloqueio sob pretexto de que a operação não era feita com sufficiente numero de navios, ora solictiando e *obtendo* a entrada e sahida de barcos mercantes, como deferencia á bandeira amiga a que pertenciam.

Assim, para o Brasil exercer um direito soberano — qual o de exigir do partido politico que dominava a Republica o cumprimento de solemnes tratados. e applicação dos mais comesinhos principios de justiça para os seus nacionaes alli domiciliados, sem levar guerra formal a toda nação uruguayana, cujo maioria a nós se acha vinculada pelos estreitos laços de familia e amizade, — tinham os seus representantes de proceder com extrema prudencia para evitar conflictos com os parcialismos neutros, que por todos os modos procuravam embaraçar a nossa attitude, esquecendo com manifesta injustiça o principio nobre e elevado que guiava a politica brasileira no Rio da Prata — principio que se podia resumir nos moldes da magnanimidade e moderação: exigir da facção exaltada que governa o paiz. garantia para a vida, honra e propriedade de 40.000 brasileiros residentes no territorio oriental.

Entretanto, os acontecimentos se precipitaram após o conflicto da corveta *Jequitinhonha* com o transporte uruguayo *Villa del Salto*: a revolução progredia triumphante e os *blancos* perdiam terreno.

Cerro Largo cahia dominado por um fraco destacamento brasileiro; a Florida, ponto estrategico importante da campanha oriental, rendia-se com armas e bagagem ao valente caudilho *colorado* que pouco a pouco ia dominando o interior da Republica e circumscrevendo o poder de seus antagonistas ás tres praças

fortes de Salto, Paysandú e Montevideo, contra as quaes marchava, atacando-as da periphèria para o centro, com o auxilio das armas do Brasil.

### III

A' medida que o governo *blanco* perdia terreno na luta que imprudentemente provacára contra o partido alliado do Brasil, crescia surdamente animosidade entre a officialidade de nossa esquadilha e a dos navios de guerra europeus.

Sómente os officiaes inglezes faziam excepção nessa regra: mantendo verdadeira neutralidade ante aquelle conflicto sem precedentes nos annos militares. E apesar do rompimento das relações diplomaticas entre as duas potencias, em consequencia da questão Christie, elles cultivavam essa solidariedade ou espirito de classe que, n'um laço de mutua sympathia, liga todos os marinheiros do mundo.

Um acontecimento inesperado veio realçar a correcção da officialidade ingleza e demonstrar claramente a parcialidade e pouco criterio dos italianos, francezes e hespanhóes.

— O general D. Venancio Flores, chefe do exercito *colorado*, depois de tomar a villa do Salto, auxiliado por alguns dos nossos navios, cercou a cidade de Paysandú, enquanto esperava a divisão brasileira do general João Propicio para assaltar esse forte baluarte dos *blancos*.

No intuito de soccorrer a praça sitiada, antes da chegada das forças brasileiras, o governo de Montevideo enviou á marchas forçadas uma columna de 2.500 homens ás ordens do general Juan Saá (o *lança secca*) com o objectivo de bater o exercito de Flores, que então se veria apertado pela columna movel de encontro á guarnição da praça.

Flores, sabendo da aproximação de Saá, resolveu contra-bater o golpe e, de combinação com o vice-almirante Tamandaré, levantou o cerco e avançou rapidamente para o rio Negro ao encontro dos *blancos*, enquanto Tamandaré, bloqueando o porto e hostilizando a cidade, impossibilitava a sahida da guarnição, podendo assim serem batidas as duas forças separadas.

O coronel Leandro Gomez, commandante da praça de Paysandú, valente e exaltadissimo *blanquillo*, resolveu festejar ostensivamente o levantamento do cerco,

certo como estava de que Flores seria batido no Rio Negro, e a praça, soccorrida antes da chegada de João Propício, sustentar-se-hia, repellindo qualquer ataque do lado do rio.

#### IV

Para o grande e sumptuoso banquete com que pretendia solemnizar o *começo da victoria*, Leandro Gomez convidou a officialidade dos navios de guerra europeos surtos no porto. Encorporados, em grande uniforme, compareceram ao *festin de Balthazar* os representantes armados da França, Italia, Hespanha e Inglaterra.

Leandro Gomez, rodeado de seu estado maior e autoridades civis, fazia as honras da recepção, ao som das musicas e das salvas de artilharia.

No vasto salão onde ia ter lugar o banquete, via-se nos lindos trophéus que ladeavam a mesa as cores de todas as bandeiras do mundo; no chão, junto á entrada, *estendida com as honras de capacho*, o aui-verde pavilhão do Brasil recebia supremo ultrage — para que fôra preparada toda aquella soberba encenação . . .

Ninguem hesitou pizar aquella emblema de uma nacionalidade amiga; francezes, italianos e hespanhóes tripudiarão alli, limpando as botas naquelle trapo que representava um Imperio: todos seguiram o exemplo do commandante da canhoneira franceza *Dicidié* que primeiro entrou no salão.

A officialidade ingleza, porém, estacou no vestibulo! . . . E o commandante, dirigindo correcta continencia militar ao grupo de officiaes *blancos*, que recebia os convidados, retirou-se immediatamente com os seus commandados.

Debalde foi levantado o *capacho*; debalde o proprio Leandro Gomez, entre mil desculpas, quiz deter os briosos officiaes da canhoneira *Dottorel* . . .

#### V

A's 6 horas da manhã do dia 5 de Dezembro de 1864, a canhoneira *Parnahyba*, sob o commando interino do 1.º tenente Francisco Antonio Vassimon, tomava posição em frente á cidade de Paysandú, fundeando entre as baterias de terra e a canhoneira *Dicidié*.

No dia seguinte ia começar o bombardeio contra a praça.

Momentos depois atracava á *Parnahyba* a canôa do commandante do vaso francez.

Vinha reclamar contra a *desattenciosa* posição em que fundeára o navio brasileiro, muito estranhando que se interpozesse entre o seu barco e a terra...

Vassimon, polidamente, respondeu que aquelle lugar tinha sido designado pelo seu almirante — *de quem unicamente recebia ordens* — e que, sem elle lh'o ordenar, não levantaria ferro para mudar de ancoradouro.

Então o commandante da *Dicidié*, tomando aspecto arrogante, disse: — *Pois bem, logo que começar o bombardeio, si algum estilhaço tocar o meu navio farei fogo sobre o «Parnahyba». E desde já lhe advirto que toda minha gente é myope...*

— Póde fazel-o a seu salvo. Sr. commandante; nós aqui temos duas baterias: uma para terra e outra para responder-lhe. E posso garantir a V. S. que se ha de dar por satisfeito com a nossa resposta, *porque toda minha gente enxerga perfeitamente...*

A' essa resposta firme e resoluta, o capitão-tenente Mr. Olivier conheceu que se illudira bastante na opinião em que tinha os nossos officiaes: bateu *amigavelmente* no hombro do tenente Vassimon e proferiu estas palavras:

*«Comme vous y allez, mon petit commandant! C'est bien; nous restons bons amis. Mais je vous prie, ne dites pas rien du tout à l'almiral.»*

E o actual vice-almirante da marinha franceza, Mr. Olivier foi acompanhado até o portaló da *Parnahyba* e o guardião apitava á vóz:

Cabos:...





## ELISA LINCH

---

Nefasta a influencia exercida no animo do marechal Solano Lopez pela celebre aventureira Eloise Alice Linch.

Aos planos tenebrosos dessa mulher extraordinaria, dessa hyena engastada n'um corpo de anjo, se attribue, com razào, a maior somma de crueldades praticadas contra o povo, que vivia escravizado sob o ferreo guante do mais atróz despotismo que se conhece na historia americana, tão fertil, aliás, em tyrannias politicas.

Francia. Lopez I. Rozas e Oribe foram, comparativamente, mais humanos, praticaram menos crimes, fizeram correr menos sangue em tantos annos de absoluto dominio, que Solano Lopez durante o curto periodo da guerra que sustentou contra a triplice alliança.

Essa mulher, reverenciada durante o seu fastigio, acatada e cortejada como a mais poderosa rainha, era, naturalmente, odiada por todas as classes sociaes, e um grito unisono de vingança irrompeu de todo povo no dia em que baqueou o tyranno nas margens memoraveis do Aquidaban.

\*  
\*

Elisa Linch, parte integrante do singular governo que afinal extinguiu-se envolto com a maldição de quatro povos, foi aprisionada em Cerro Corá como *individuo perigoso* ás novas instituições plantadas na Republica, que cumpria expellir do paiz a todo custo, a despeito mesmo das interpretações desfavoraveis que se fizesse no estrangeiro sobre esse acto violento, apparentemente contrario ao sagrado direito de locomoção.

Chegando a Assumpção nos primeiros dias de Abril de 1870, as autoridades brasileiras recolheram-n'a a bordo do transporte de guerra *Princeza de Joinville*, para evitar provavel desacato por parte desse povo em que cada individuo tinha uma vingança a tirar,

A principio era tratada friamente e com certo desprezo pela officialidade do navio, que compartilhava da prevenção e animosidade que existia contra a terrivel aventureira, cuja vida cheia de crimes e infamias despertava o mesmo sentimento de asco e horror que inspira a presença de vonenosa serpente...

A astuciosa ingleza, porém, revestindo-se do papel sempre sympathico de perseguida victima do destino, fingindo admiravelmente a resignação que na desgraca é o apanagio das almas nobres, pondo em acção todos os requintes da arte eminentemente feminina da dissimulação, com maneiras affaveis e insinuantes, soube em breve predispor os animos e pouco a pouco foi sendo admittida nas reuniões da camara dos officiaes, na praça d'armas.

O conselheiro Paranhos, astuto como todo politico, que previa o partido que podia tirar de tal mulher para aprofundar a politica tenebrosa de Lopez, naquello tempo quasi ignorada, lisongeava-a, vindo diariamente visital-a a bordo, tratando-a com particular consideração e carinho. A' custa de muito trabalho o *diplomacia*, deixando entrever a possibilidade de vir ella residir no Rio de Janeiro, gosando os *favores* de altos personagens, conseguiu arrancar da manhosa prisioneira revelações de alta importancia para esclarecimento de *certos actos* das potencias neutras em relação á guerra que acabava de findar. (1)

(1) O—The Standart—periodico inglez que se publicava em Buenos Aires, disse o seguinte:

... Dizem que Miss Lopez entretém amiudada correspondencia com Lord Palmerston, «o lord cupido de outros tempos»... que é um dos mais furibundos amantes do «sexo» que tem apparecido neste mundo. Não ha muito, apesar dos seus 50 annos, introduziu elle a desordem n'um casal!...

„Mas Lopez nesse caso fazia «vista grossa», certo de que á tão grande distancia só pôde haver uma união mystica...

„Sabe-se ao certo que Miss Lopez e Lord Palmerston não se fallam senão em politica e isto é ainda uma prova de amor que a interessante ingleza dá ao seu presidencial amante.

„D'aqui vem que com todo fundamento se attribue a «Lord Cupido» uma parte activa na declaração da guerra ao Brasil...

„A Inglaterra jámais esquece o que considera «injuria»; a victoria moral alcançada pelo Brasil na questão Christie, foi uma «injuria» inflingida ao orgulho inglez. Era preciso tirar desforra. Qual e como será?... disse o poderoso ministro:—Uma luta com o Paraguay; posso auxiliar-o ás occultas e vingome... Muito bem, depressa uma carta á Miss Lopez.

„Eis ahi como a nova Helena accende o facho da guerra entre os Estados!

„Em que mãos estão os destinos dos Imperios!...“

Excessivamente vaidosa, a ingleza se julgou então personagem de alto valor moral ante as considerações de que era alvo por parte do mais poderoso dos representantes da triplice alliança, pouco a pouco foi se animando a tirar a mascara e, afinal, insolente e orgulhosa, mostrou-se tal qual era e o profundo despeito que a dominava...

Soberana, gosára a embriagadora sensação das culminancias sociaes; depois, sorte adversa confundiu-lhe o orgulho no pó da igualdade: hontem o capitolio, hoje a rocha tarpeia (1)...

\* \* \*

Certo dia, reunida no tombadilho a officialidade do *Princeza de Joinville*, conversavam sobre a marcha que levára a guerra, as immensas desgraças que pesavam sobre o povo paraguayo, commentando-se a série de circumstancias desaproveitadas pelo marechal Lopez, que vieram pesar na balança politico-militar para a victoria completa alcançada pela triplice alliança.

A Linch emittiu sua opinião:

«S. Ex. o Sr. Presidente (*sempre assim tratava o ex-amante*) teria mudado a face da guerra a seu favor, após a passagem de Humaytá, si, como devia, tomasse o meu conselho.»

Como? perguntaram em côro os officiaes.

«Muito simplesmente: comprando o Delphin, cuja probidade nos era conhecida... Tres a quatro mil onças de ouro e a fuga garantida chegaria... e assim S. Ex. o Sr. Presidente teria os encouraçados precisos para destruir a esquadra brasileira...»

O capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, indignado, repelliu em termos asperos semelhante arrojo e tão amargas verdades lançou ao rosto da audaciosa ingleza que a obrigou a retirar-se chorando... talvez as primoiras

---

(1) *La Situacion* — jornal diario da Assumpção, em seu numero de 23 de Setembro de 1870, traz o seguinte epigramma:

No hace un año todavia  
que éra imposible pedir  
una mirada siquiera  
á la hermosissima Linch...

Por treinta pesos hoy en dia  
— graças al fecundo Orion —  
si puede gosar con ella  
a toda satisfacion...

lagrimas que rolassem pelas faces impudicas da ex-soberana do Paraguay.

\* \*

Formosa, intelligente, perfeitamente educada, a Elisa Linch.

Casára com um joven official de um regimento francez e com elle seguira para a Argelia. (1)

Mezes depois entretinha relações amorosas com o coronel do mesmo regimento; mas tendo este contrahido matrimonio com uma filha do governador da colonia, a Linch entregou-se a um russo que desfructava immensa fortuna viajando pelo mundo e ao acaso devia o achar-se no calido clima argeliano.

Destacado o marido para fóra do lugar onde tinha quartel o regimento, passou ella a viver publicamente com o amante, até que, voltando o esposo e encontrando-a em escandaloso adulterio, propôz acção de divorcio, separando-se della para sempre.

O russo em breve deixou-a tambem...

Passando á Inglaterra entregou-se a um opulento lord, com quem viajou por toda Europa até que foi pelo mesmo abandonado em Paris em castigo de algumas falcatruas que praticára durante a viagem de recreio,...

Em 1862 vivia em Paris.

Solano Lopez viu-a pela primeira vez no Campo de Marte (funesto presagio) quando assistia a uma revista passada pelo imperador Napoleão III.

---

(1) E' essa a versão mais corrente entre nós sobre o passado de Elisa Linch. (Vid. Leite Castro — «Dice. Hist.-Geogr. das Campanhas de Uruguay e Paraguay».)

Entretanto em um curiosissimo folheto que, entre outras obras de grande valor historico, acaba de me offerecer o illustre Dr. Itiberé da Cunha, nosso ministro em Assumpção, lê-se a p. 19:

„... Y que Madama Linch era casada no cabe dudarlo desde que ella misma lo confiessa en 16 de Noviembre de 1875, al declarar, bajo su firma, que en 3 de Junio de 1850 se casó en Inglaterra, a la edad de 15 años, con Mr. Cuatrefages...“

O folheto em que se lê tão interessante revelação, tem o seguinte titulo, que bem mostra os assaltos que soffreu a Fazenda publica do Paraguay por parte dos „herdeiros“ de seu tyranno:

„Reclamacion temeraria | Las pretendidas 3.105 leguas | de | Terras Publicas en el Paraguay | de | Madama Linch y de sus subrogantes | consideradas ante la Razon y el derecho |...etc... Assuncion. Typ. de La Nacion. 1888.—in 4.º de 35 p. en 2 cols.

Oito dias depois era sua amante, passando em seguida para o Paraguay.

Habitando luxuoso palacio em Assumpção, era visitada por tudo que havia de mais selecto na sociedade paraguaya que lhe tributava homenagens proprias de uma soberana.

\* \* \*

Um antecedente curioso, que talvez explique a consideração que mereceu do ministro brasileiro, quando prisioneira . . .

Em Março de 1869, o conselheiro Paranhos foi residir no palacio do marechal Lopez, na capital paraguaya, então occupado pelas tropas brasileiras.

Por acaso encontrou elle sobre uma secretaria riquissimo timpano que o creado informou ser o que usára a Linch em sua alcova.

Paranhos collocou-o em seu gabinete de trabalho para com elle chamar os fannulos a seu serviço.

Naturalmente alguns desses creados, que dias depois fugaram para o acampamento do dictador, informaram do occorrido, e a ingleza, coquette como sempre, achou naquelle acaso uma grande honra e quiz pagar fineza com fineza.

Entre os despojos roubados em Matto Grosso pelo general Vicente Barrios, veiu um retrato do conselheiro Paranhos — lythographado no Imperial Instituto Artistico do Rio de Janeiro para a *Galeria de Homens Illustres*, uma das obras bem importantes que se tem publicado no Brasil.

Linch tratou de obtel-o a todo custo e o collocou em seu quarto de dormir na magnifica quinta de Patino-Cué, onde foi mais tarde encontrado pelos nossos officiaes.

Excentricidade ingleza em materia de campanhas . . . (1)

---

(1) O conselheiro Paranhos foi victima da mordacidade de muitos, em consequencia de suas relações com a Linch, tanto que em pleno Senado do Imperio, na sessão do dia 5 de Setembro de 1870, elle julgou dever-se justificar assim.

Sr. Paranhos (ministro dos negocios estrangeiros): . . . Sr. Presidente, o nobre senador perguntou-me si eu, achando-me no cargo de ministro dos negocios estrangeiros, tambem seria de opinião que se prohibisse o desembarque de Mad. Linch no Rio de Janeiro. Eis aqui uma das perguntas, Sr. Presidente, que tomei a liberdade de chamar maliciosas . . .

O Sr. Zaccarias — Não uzei de malicia; declaro . . .

O Sr. Paranhos — ... porque realmente não é um ponto muito importante para que seja liquidado no Senado. O nobre senador, não sabendo como explicar o facto que lhe pareceu repugnante ou injustificavel, disse-nos que talvez o desembarque fosse vedado em consequencia da larga conferencia que eu já havia tido com essa senhora, e pareceu-me que o nobre senador notára que eu em uma communicação official a denominasse „prisioneira“.

Sr. Presidente, o facto dessa longa conversação que o nobre senador descreveu com sorriso mui significativo... não é exacto. Eu estive a bordo do navio chefe brasileiro, onde se achava essa senhora com outros prisioneiros; fallei com ella, tive mesmo intenção de proceder a um interrogatorio. Estavam presentes muitas outras pessoas levadas pela curiosidade, do que resultou que não houvesse tempo para pedir declarações á Mad. Linch. Depois persuadi-me de que taes declarações não podiam trazer luz alguma para a historia nem para averiguação de factos que fossem de interesse immediato. Renunciei, portanto, ao intento de pedir declarações á Mad. Linch. A conferencia, pois, a que alludiu o nobre senador, que, segundo disseram, foi conferencia larga...

O Sr. Jobim — De duas horas...

Outro Sr. senador — Para vêr os archivos...

O Sr. Paranhos — ... expansiva, não teve lugar. Não é certo que eu visse o archivo (riso) que comsigo por ventura conduzisse Mad. Linch; nem sei que ella o tivesse. O mais importante a respeito dos archivos de Lopez tinha cahido em nosso poder desde a tomada de Perebuy; não precisavamos mesmo de revelações da Linch, altamente suspeita em tudo quanto for relativo á guerra do Paraguay e á memoria ou reputação do ex-dictador Lopez. O desembarque não foi permittido: as opiniões podem divergir a este respeito, mas é provavel que a permissão tambem levantasse censuras.

Mad. Linch estava em condições especiaes. E' crença geral, que não averigui si bem ou mal fundadas, que ella muito concorreu para a prolongação da guerra e para os actos de crueldade que praticou o ex-dictador: ha muitos depoimentos contra ella nesse sentido.

Ora, nós tinhamos declarado Lopez incompativel: si nunca quizemos tratar com elle, nem ouvir-lhe proposições do paz, que interesse haveria para que permittissemos a satisfação desse desejo de Mad. Linch que esteve sempre ligada ao ex-dictador, que, segundo a crença geral, foi motora de muitas crueldades, que se tornou notavel tambem pelas demonstrações de odio ao Brasil?

Me parece que o governo imperial, prohibindo o desembarque dessa senhora quando ella regressava do theatro de taes façanhas, praticou um acto de dignidade, levou-se de um sentimento que podia ser exagerado, mas certamente era muito nobre.“



# PASSAGEM DE HUMAYTÁ

Quadro original de DE MARTINO (1)

Reprodução de LUIZ CUNHA

---

Memoria escripta a pedido do pintor Luiz Cunha  
para a exposição inaugural do novo quadro.

## I

### RESUMO HISTORICO

A fortaleza do Humaytá, considerada praça forte de primeira ordem, foi reputada inexpugnável pelas

---

(1) Edoardo De Martino, o celebre pintor de marinhas que tão assinalada deixou a sua passagem pelo Brasil, chegava em 1869 á cidade do Rio Grande, baldio de recursos, após sua deserção militar da estação naval italiana no Rio da Prata, em consequencia de ter repellido á bala injuriosa afronta de um official superior; desgostoso, não quiz esperar o veredictum de um conselho de guerra. Hoje, millionario, com universal reputação firmada, vive na Inglaterra gosando o immenso prestigio artistico que soube conquistar á força de talento e trabalho.

Obtendo aqui algum auxilio de particulares, pintou o magnifico quadro «Passagem de Humaytá», o seu primeiro trabalho no Brasil, que vendeu por 1:000\$000 á Camara Municipal.

Conservado o quadro sem o menor cuidado até 1895, um funcionario municipal entendeu dever limpá-lo e arranjar qualquer ingrediente que o preservasse das moscas e da poeira: lavou-a com potassa e estendeu sobre a téla grossa camada de cólla á guisa de verniz!... isso em pleno inverno, na estação humida. Quando veio o verão, o calor contrahiu a cólla e a esplendida téla, estallando em todos os sentidos, inutilisou-se completamente!

O intendente municipal, Dr. Manoel Ignacio de Lacerda Werneck, encarregou então o pintor Luiz Cunha de reproduzir o original: o trabalho está feito o melhor que é possível esperar de uma cópia, não possuo, porém, os tons e as côres do primitivo quadro com as nuances só proprias do pincel de De Martino.

Sobre a destruida téla, que não soubemos conservar, eis como se exprime Vittorio Vecchy:

... E gloria nostra che le dure battaglie sui fiumi siano ricordati sur tela dal pittore Edoardo De Martino da Sorrento,

sumidades militares da epocha, notadamente o almirante Mouchez que a visitou alguns annos antes de declarada a guerra, quando ainda se achavam incompletas suas obras complementares.

Edificada na parte concava de grande curva do rio Paraguay, apresentava perfeita figura de gigantesca ferradura, n'um canal de oitocentos metros de largo e com o desenvolvimento de sete e meio kilometros.

Montava 180 canhões em quatorze baterias para o lado do rio.

Proximo ao angulo S da fortaleza, em oito metros acima do nivel maximo das aguas, erguia-se a celebre bateria de *Londres*, casamatada, com dezoito canhões de 80 calibres; seguiam-se: a da *Cadena*, á barbeta, com dezesseis peças; a de *Ambóro* prolongava-se para o N. com dez; a da *Concha*, com quatorze; a de *Humaytá*, com duas de 120 calibres; *Muestrança*, com uma; *Taquary*, com seis; *Coimbra*, com tres; *Commandancia*, com cinco; *Octava*, com onze; *Cambrone*, com doze; *Umbú*, com onze.

Do lado de terra, trinta e seis boccas de fogo de 32 e 68 guarneciam o sector denominado — *Division del Sur* — e quarenta e quatro, a maior parte de 68, cobriam o sector *Division del Este*.

Toda artilharia do lado do rio podia em dado momento convergir o fogo para o ponto mais estreito do canal, onde triplice linha de *cadêas de fragata*, cóchadas com duplo fôrro de cabos de arame, o atravessava obliquamente, apoiado em pontões de ferro.

Um navio, detido por essa fortissima corrente, des-governado pela reveza das aguas, sem manobra possivel em consequencia da estreiteza do canal que não offerecia espaço para virar ainda mesmo empregando as helices. — estaria irremediavelmente perdido sob acção de 100 boccas de fogo de grosso calibre, por mais poderosa que fosse a couraça que o revestisse.

## II

Resolvido pelo marechal Marquez de Caxias, commandante em chefe de todas as forças brasileiras, o

un tempo sotto-tenente de vacello nell'armata italiana ed ora meritamente considerato come il migliore penello marinista vivente.»

— Vid. — *Storia Generale della Marina Militare*. — Firenze 1892.



forçamento das temerosas baterias afim de completar o cerco da praça com a occupação da parte superior do rio e operar contra as linhas de recursos do inimigo. o vice-almirante Barão de Inhauma (1) entregou ao capitão de mar e guerra Delphin Carlos de Carvalho (2) uma divisão de couraçados para levar a effeito o ousado commettimento.

No porto Elisiario organisou-se a expedição com os seguintes navios:

*Barroso* — Capitão-tenente Arthur Silveira da Motta. (3)

*Bahia* — Capitão de fragata Guilherme José Pereira dos Santos. (4)

*Tamandaré* — Capitão-tenente Augusto Cezar Pires de Miranda. (5)

*Pará* — 1.º tenente Custodio José do Mello. (6)

*Rio Grande* — 1.º tenente Antonio Joaquim. (7)

*Alagôas* — 1.º tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity. (8)

Para proteger a operação e durante ella bombardear as fortificações do inimigo, seguiram os couraçados:

*Lima Barros*, com o pavilhão do chefe José Maria Rodrigues, e o *Silvado*, que deram fundo em frente á bateria de *Londres*, para batel-a e metralhar todo o espaço alcançado pelos seus canhões: o primeiro propositalmente oncalhou de prôa e o ultimo amarrrou-se ás arvores da margem para maior estabilidade dos fogos.

Em linha, junto á costa do Gran-Chaco, postaram-se o *Colombo* e o *Cabral*. O *Brasil*, com o pavilhão do commando em chefe, collocou-se a meio do rio, no

---

(1) Mais tarde almirante e visconde. Depois de destruir todas as fortalezas paraguayas, retirou-se do theatro da guerra, fallecendo ao chegar no Rio de Janeiro a 8 de Março de 1869.

(2) Por esse feito foi agraciado com o titulo de Barão da Passagem. Falleceu no posto de almirante a 20 de Maio de 1896.

(3) Agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay. Hoje assigna-se Arthur de Jaceguay. E' um dos poucos sobreviventes desse feito glorioso e um dos profissionaes mais competentes da nossa marinha.

(4) Falleceu no naufragio da lancha «Pimentel», no rio Paraná, a 1.º de Novembro de 1868.

(5) Falleceu de molestias adquiridas nessa campanha.

(6) Hoje almirante e desgraçadamente no quadro effectivo da armada!... Adquiriu tristissima celebridade chefiando a revolta de uma parte da esquadra nacional em 1893.

(7) Falleceu no combate de abordagem que sustentou o monitor «Alagôas», de seu commando, a 9 de Agosto de 1868 no Tagy.

(8) Hoje almirante.

lugar de maior perigo e ponto de convergencia para a metade dos canhões da praça.

No porto Elisiario o couraçado *Mariz e Barros* ficou guardando o hospital de sangue e os depositos.

Na Lagoa Pires, o capitão de mar e guerra Affonso Lima, com as canhoneiras *Iguatemy*, *Mearim*, bombardeira *Pedro Affonso* e chata *Mercedes*, tomou posição conveniente para bater de revéz as baterias contrarias.

Diante do forte Curupaity, o contr'almirante Torres e Alvim postou-se com as canhoneiras *Magé*, *Belmonte*, *Beberibe*, *Ipyranga*, *Araguay*, *Prinzeza de Joinville*, bombardeira *Forte de Coimbra* e chata *Cuevas*, com ordem de bombardeal-o vigorosamente logo que o inimigo presentisse a aproximação dos couraçados.

### III

A' meia noite de 19 de Fevereiro de 1868 suspendeu toda a esquadra e a expedição do capitão de mar e guerra Dolphim de Carvalho navegou rio acima.

O *Bahia*, governando mal, encalhou no Chaco, e, desembaraçado após grande trabalho, aproximou-se do navio almirante: o pratico do rio manifestou receio de investir assim o estreito canal; a resposta do Barão de Inhauma foi breve e concisa:

— Siga! . . .

O *Barroso*, com o monitor *Alagôas* abóssado por B B, tomou a dianteira; o *Bahia* com o *Pará* navegaram na rectaguarda da linha.

A's 3 horas da madrugada a esquadrilla investiu o canal fortificado.

O inimigo, apercebido do nosso movimento pelos signaes de foguetes atirados de Curupaity, rompeu o fogo: toda a esquadra respondeu.

### IV

Simultaneamente com a operação naval, moveu-se todo o exercito alliado contra as linhas do quadrilatero, abrangendo o circulo da acção um raio de doze leguas geographicas.

Ao serem ouvidos os primeiros tiros da esquadra, o 2º corpo do exercito, ao mando do marechal Argollo Ferrão, avançou de Tuyoty contra os sectores de Rojas, Sauce e Espinilho; o exercito argentino, sob o com-

mando do general Gelly y Obes. auxiliado pelas tropas uruguayas do general Enrique Castro, atacou o Angulo e o Passo Canôa; o 3.<sup>o</sup> corpo do exército, guiado pelo marechal Osorio, sahiu de Tuyó-Cué contra o sector de Passo-Pocú.

O general Andrade Neves, á frente de uma divisão de 7.000 homens das tres armas, atacou o forte *Estabelecimento*, obra avançada de Humaytá, defendido por 2.000 homens, 15 bocças de fogo e dois navios no rio que lho protegiam os flancos.

## V

« De repente », diz o almirante, « grandes fogueiras illuminaram o Chaco em frente ao canal, recrudescer a furia do inimigo e a atmospherá tornou-se uma abóboda de ferro e fogo: *na minha longa vida militar nunca vi espectáculo tão grandioso.*

« A's 4 horas um foguete lançado além das cadêas, annunciou-me ter o primeiro grupo dos nossos navios transposto esse passo.

« O enthusiasmo com que este signal foi recebido pelas guarnições da esquadra, é indescriptivel.

« Outro foguete depois o terceiro mais tarde, deram-me a conhecer que a victoriosa 3.<sup>a</sup> divisão demandava já novos perigos, tendo vencido os primeiros, reputados insuperaveis.

« Vejo, porém, vir aguas abaixo um monitor.

« Era o *Alagôas*, que, cortados por balas inimigas os cabos do seu reboque, quando já havia ultrapassado as cadêas, fôra obrigado a separar-se de seu chefe e vinha receber ordens á esquadra.

« Ordenei-lhe que dêsse fundo.

« Mas seu commandante, 1.<sup>o</sup> tenente Antonio Joaquim Cordovil Maurity, ouviu tanto a minha ordem como Nelson viu em Copenhagen pelo olho cêgo o signal de retirada que lhe fez Parker: seguiu rio acima e lá foi em demanda do sua divisão.

« Arrojos como este só os pratica um verdadeiro bravo; deixei-o seguir seu bello destino.

« Deus protego actos tão nobres.

. . . . .

« O fogo do Humaytá cobria o fraco monitor; ia amanhecer, elle ficaria exposto a irremediavel e infallivel ruina; um novo foguete annunciou-me a sua passagem.

« Estava ganha uma grande victoria, estava resolvido um difficil problema: a marinha brasileira tinha-se elevado á altura das mais importantes.

« O prestigio de Humaytá esvaecera-se como em 15 de Agosto esvaecera-se o de Curupaity; o memoravel 19 de Fevereiro ia registrar não só uma victoria, mas ainda um acto da mais insigne bravura: o feito do 1.º tenente Maurity. »

## VI

### MOMENTO HISTORICO

O quadro representa a parte *S* da fortaleza, deixando vêr nitidamente a casamata da bateria de *Londres*; um pouco confusa como que cobertas por nuvens de fumo, se avistam as da *Cadena*, *Ambóro* e *Concha* e os diversos aquartelamentos situados atraz e um pouco ao longo.

O couraçado *Brasil*, fundeado a meio canal, bombardeia as quatro baterias paraguayas que lhes ficam ao alcance; o *Cabral* e o *Colombo*, protegidos pelas sombras da densissima matta do Chaco, batem todo o espaço fortificado desde a bateria de *Londres* até o extremo *S* da praça.

Os couraçados *Lima Barros* e *Silvado*, postados junto á alterosa barranca da margem esquerda, em vantajosa posição, cobrem de granadas a parte da fortaleza comprehendida entre as baterias *Concha*, *Humaytá*, *Maestrança*, *Taquary*, *Coimbra* e *Cambrene*, ficando ao alcance de seus poderosos canhões a igreja de S. Carlos, os aquartelamentos de infantaria, o quartel general e os depositos de viveres da 1.ª divisão.

Montando a península do Chaco, em frente á bateria da *Cadena*, vê-se o couraçado *Tamandaré* e o monitor *Pará* transpondo o local de maior perigo, onde a reveza das aguas maior acção exerce sobre o flanco do navio que sóbe, em consequencia da direcção curvilinea da corrente.

Entre o navio almirante e o ponto em que se vê fundeado o *Lima Barros*, apparece bem visivel o monitor *Alagôas*, illuminado pelo clarão da fogueira do Chaco, enfrentando aguas acima o fogo convergente dos 18 canhões da bateria de *Londres*: é o episodio mais interessante da passagem de Humaytá, realisado com tanta felicidade que os contemporaneos o igua-

laram ás grandes empresas de Nelson, Hamelin e Farragut. (1)

O clarão que se nota no horisonte, no fundo, é produzido pelo fogo dos 80 canhões paraguayos, oppostos aos exercitos alliados, respondendo ao bombardeio das 160 boccas de fogo que manobravam desde Tuyoty até o forte do Estabelecimento.

No momento da acção funcionavam 589 peças de artilharia e cerca de 50.000 fuzis; as aguas do rio agitavam-se em ondas de altura nunca vista alli; o ribombo dos canhões era ouvido em Itapirú, Passo da Patria e Corrientes.

«... O horisonte em toda a vasta extensão occupada pela nossa linha permaneceu desde então como que illuminado sinistramente pelas chammas de um vasto incendio.

«As bombas, as balas razas, as granadas, os foguetes, os tiros de fuzil se entremecavam e se succediam de tal forma, que não havia o intervallo de um momento nem o ropousar de um instante.»

---

(1) O episodio do «Alagôas», vae com os annos se transformando em exagerada lenda, com grave prejuizo da verdade historica. O proprio almirante exagerou o facto.

A verdade é esta: O monitor passou ainda protegido pelo escuro da madrugada, graças as suas pequenas dimensões que permittiram navegar, no primeiro ramo da curva, encostado ás barrancas da margem esquerda, e, depois de transportar as correntes, bem encostado ao Chaco envolto nas sombras da matta. Duas vezes sómente esteve exposto: quando enfrentou a bateria de «Londres» e quando, atravessando obliquamente o canal em frente da «Cadena», passou para a margem direita— nesta sujeito a grave perigo, porque podia receber fogo pelos flancos e pela pópa.

O mais que se conta é lenda: não houve abordagem nem o navio passou com dia claro.

## O MARQUEZ DE TAMANDARÉ

---

Carta dirigida ao *Diario do Rio Grande*, que a publicou no dia seguinte ao do fallecimento do almirante Tamandaré.

Transcripta na *Revista da Academia Cearense*, tom. III.

Curiosa e bem interessante a *origem* do titulo nobiliarchicho do legendario marinheiro hontem fallecido no Rio de Janeiro.

Facto pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que tem escripto sobre o glorioso almirante, cuja biographia, cheia de lances heroicos, de actos de nobre valor e accendrado patriotismo, abrange a historia da marinha militar do Brasil desde a independencia até hoje, mereco ser lembrado para que os seus conterrancos conheçam como o illustre rio-grandense conquistou esse titulo que o collocava nas culminancias da hierarchia nobiliarchica do passado regimen, e, ainda mais, a *razão* porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agradecer o eminente cidadão que, aos 13 annos de idade, aspirante ainda, mereceu de lord Cockrane as memoraveis phrases pronunciadas em presença de D. Pedro I — o fundador do Imperio:

— *Magestade, aquella senhor será o Nelson brasileiro.*

Acontecimentos bem distinctos, aparentemente sem connexão, deram *causa* o *origem* á concessão desse titulo, o mais elevado que no segundo Imperio usou um official da nossa marinha de guerra.

\*

A 24 de Agosto de 1848 sahia do porto de Liverpool, em viagem de experiencia, o vapor *D. Affonso*, sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa.

Levava a seu bordo, além de outras pessoas, a princeza D. Francisca, seu esposo o principe de Join-

ville, os Duques de Aumale, o embaixador brasileiro junto á côrte de Londres e o chefe de esquadra Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroso espectáculo se apresentou aos olhos attonitos dos passageiros do *D. Affonso*:

Alterosa galera, mareando a todo panno, ardia em chammas . . .

No convéz da *Ocean Monarc* se distinguia grande numero de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte se refugiava no castello de prôa, no gurupés e até no pica-peixe.

A galera, com todo panno largo, demorava a sete milhas a barlavento (oeste) do navio brasileiro; pouco a pouco, porém, fôra virando, até alcançar a bolina: pondo a prôa ao vento, fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata e as chammas que subiam ao céu envoltas em espesso e negro fumo, alastravam a coberta envolvendo o aparelho e massame que, desprendendo-se das alturas com horrído fragor, levantavam nuvens de fagulhas do braseiro, ou grandes columnas d'agua nos flancos do navio.

Medonho espectáculo!

A situação daquella desgraçada gente era desesperadora: alguns momentos mais e o fogo destruiria os ultimos pontos de refugio onde tantos infelizes esperavam a mais tremenda das catastrophes.

Salve-os, por Deus, commandante. Salve-os! . . . exclamava sem cessar a princeza de Joinville.

E o commandante brasileiro, sem se arreceiar do perigo que corria o seu navio, cujos paiões estavam attestados de polvora e explosivos de todo genero, navegou a todo vapor para o logar do horrível sinistro.

Quatro escaleres cahiram ao mar. Do primeiro, partiu um marinheiro (1) levando preso á cintura o merlim de forte espia; nadou corajosamente, com força herculea, por entre immensa quantidade de mastaréos, cabos, velas e milhares de destroços que fluctuavam enredados em volta do barco incendiado e, dando volta á espia nas amarras do *Ocean Monarc*, estabeleceu o salvador cabo de *vae-vem*.

---

(1) Joaquim de Sant'Anna Gaioso era o valente marinheiro que praticou essa façanha. Natural de Acarahú, desde a mais tenra idade teve como escola pratica os cinco páos da jangada cearense, d'onde sahem os melhores marinheiros do Brasil.

Cento e sessenta pessoas foram salvas pelos esca-  
leres brasileiros, cujas guarnições, lutando com o vaga-  
lhão que lhes batia os flancos, difficilmente poderam  
conter a soffreguidão de tantos desgraçados que, á uma,  
queriam abandonar aquelle immenso braseiro perdido na  
solidão do oceano.

Dois dias depois, formada a guarnição do *D. Affonso*,  
o commandante Marques Lisboa ordenava a leitura de  
um officio do embaixador brasileiro, communicando que  
o Duque de Aumale enviava 100 libras sterlinas para  
• os bravos marinheiros que tão relevante serviço ha-  
viam prestado á humanidade . . . »

E quando o chefe daquelle punhado de valentes  
recordava a situação dos infelizes naufragos, que se  
viam abandonados, sem recursos, orphãos a maior  
parte mendigando a caridade publica, um marinheiro  
adiantou-se e disse:

*Senhor Commandante, nós cedemos o dinheiro aos  
naufragos da galera . . .*

*Sim, cedemos, cedemos,* respondeu em côro a ma-  
rujada.

E assim, os marinheiros do Brasil *cederam* ás victi-  
mas do *Monarcha do Oceano* o ouro com que a liberali-  
dade do principe quiz gratificar tão nobre dedicação  
e coragem demonstrada na horrivel catastrophe da  
galera ingleza.

Ao commandante do *D. Affonso* offoreceu S. M.  
Britannica riquissimo chronometro de ouro, cravejado  
de custosos brilhantes, com esta inscripção:

Presented  
By the  
British Government  
to  
Captain Joaquim Marques Lisboa  
of the steam frigate  
AFFONSO  
of the Brazilian Imperial Navy  
In Testimony of Their Admiration  
Of The Gallantry And Humanity  
Displayed By Him  
In Rescuing Many British Subjects  
From The Burning Wreck  
Of The Ship  
Ocean Monarch  
August  
1848



No dia 6 de Março de 1850, o posto semaphorico do Morro do Castello assignalava um navio em grande perigo fóra da barra do Rio de Janeiro.

Era a não portugueza *Vasco da Gama* que, colhida na vespera por medonha tempestade, fundeára a poucas milhas do pharol da Raza totalmente desarvorada, batida ainda por alterosos vagalhões do sudoeste.

O vapor *D. Affonso*, ainda sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, suspendeu do *poço* em soccorro da galera portugueza, ás 11 horas da manhã.

Ao meio dia fazia a primeira tentativa para passar o virador, mas o escaler que se arreiou mal se desprende das talhas, foi emborcado por um vagalhão, salvando-se a custo os tripolantes.

Amainando um pouco o vento, Marques Lisboa tentou audaz manobra para passar o cabo de reboque ao vaso portuguez — unica, aliás, naquella situação que podia dar bom resultado, mas revestida de immenso perigo de abalroamento e consequente perda dos dois navios em vista da immensa agitação do mar.

Fazendo ala o larga para se collocar pelo travéz da *Vasco da Gama*, que proava ao vento, o *D. Affonso* avançou resolutamente a toda força, e pouco depois, moderando a marcha, se prolongava borda á borda, tão de perto quanto permittiam as guinadas do navio:— possante marinheiro, do castello, atirou o chicote de merlim com tanta felicidade que momentos depois o virador era colhido, ao som da *lupa*, pelos tripolantes da não portugueza.

A perigosa manobra fóra coroada do mais feliz exito.

Eram 4 horas da tarde; ás 6, immensa multidão de curiosos apinhada no cáes, ao longo do littoral, assistia enthusiasmada, commovida, á entrada da alterosa não rebocada pelo *chipper D. Affonso*.

### III

Vinte e cinco milhas ao SSO do Cabo de Santo Agostinho, na latitude sul de 8° 42' 35", extensa solução de continuidade no grande recife que corre ao longo da costa de Pernambuco, constitue a entrada do porto de Tamandaré, o melhor ancoradouro daquelles paragens, pertencente hoje ao municipio do Rio Formoso.

Em frente á barra ergue-se a grande fortaleza de Tamandaré, construída pelos hollandezes, n'uma excellente posição para a defesa do porto, á margem do ribeiro do seu nome.

E' um polygono, systema Vauban, com 113 palmos por face nos baluartes; os flancos, com 45, são perpendiculares ás cortinas que apresentam 220 de frente. As linhas de defesa fixas são dirigidas a um sexto de angulo dos flancos, offerecendo assim a maxima difficuldade para a escalada e o maximo effeito para o cruzamento de fogos.<sup>(1)</sup>

\* \* \*

A 21 de Novembro de 1859 dava fundo no porto de Tamandaré a divisão naval do chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa, composta da fragata *Amazonas*, corveta *Paraense* e canhoneira *Belmonte*, que comboiava o paquete *Apa*, á cujo bordo iam SS. MM. Imperiaes em viagem de recreio pelas provincias do norte do Imperio.

Desembarcando o Sr. D. Pedro II, examinou de-tidamente a grande fortificação em cujas arruinadas muralhas ainda se viam vestigios da época gloriosa e memoravel do dominio hollandez no Brasil.

Relembrando alguns feitos da epica luta de sessenta annos, occorridos nesse historico local, referio Marques Lisboa ao Imperador que na defesa dessas ameias perdera um irmão, o Major Marques Lisbôa, cujos restos mortaes ainda jaziam no pequeno cemiterio da villa e que, aproveitando tão propicio momento, pedia licença para transportar em seu navio para o jazigo da familia, no Rio de Janeiro, aquellas cinzas tão caras ao seu coração.

D. Pedro, sempre grande, sempre propenso ás nobres e generosas acções, sensibilizado por aquella manifestação de fraternal amisade, não só accedeu ao desejo do almirante, como assestio a exhumação dos ossos e o acompanhou até a bordo do *Apa*, onde arvorava a sua imperial insignia,

\* \* \*

---

(1) Hoje, quasi abandonado, ameaçando ruinas, para nada serve ante a artilharia moderna. Só a posição é aproveitavel para um forte blindado.

Em seu tempo foi uma fortaleza de primeira ordem.

Manoel Marques Lisboa, por alcunha *Pitanga*, que posteriormente usava como appellido *official*, tomou parte na guerra da Independencia, bateu-se com valor em Pirajá (8 de Novembro de 1822 o 7 de Janeiro de 1823) ás ordens do General Pedro Labatut.

A alcunha *Pitanga*, fôra dada pela celebre heroína da *Independencia* D. Maria Quitéria de Jesus, (1) porque, durante o cerco da cidade de S. Salvador, tinha por habito se approximar diariamente das linhas portuguezas, que não cessavam de lhe fazer fogo, emquanto elle tranquillamente comia os fructos de umas *pitangueiras* situadas nas proximidades da praça — que então estava cercada pelas tropas brasileiras do tenente coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque. (2)

Expellidas da Bahia ás tropas lusitanas do general Ignacio Madeira, seguiu o major *Pitanga* para Pernambuco, commandando o 2.º batalhão de caçadores (golla e canhão azul).

Pouco depois rebentava ali a revolução de 1824, a principio sem objectivo politico, mas pouco depois transformada nessa desastrosa guerra civil de que resultou a ephemera e gloriosa *Confederação do Equador*, monumento de audacia, valor e patriotismo, que tanto sangue generoso fez escorrer dos patibulos de Pernambuco, Parahyba e Ceará.

Ábraçando o partido do presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrada, o Major *Pitanga* foi incumbido da defesa do importante ponto de Tamandaré afim de evitar o desembarque das forças imperiaes nesse facil e seguro ancoradouro.

A 8 de Junho de 1824 o major Pitanga á frente

---

(1) D. Maria Quitéria alistou-se como «soldado» no exercito libertador, distinguindo-se sempre nos combates pelo heroismo, indomavel coragem e força physica pouco commum — qualidades que alliava á conducta digna de uma senhora da mais fina educação.

Mais de uma vez, empunhando a bandeira do nascente Imperio, estimulava no mais alto grado o brio dos soldados que a adoravam. O Imperador D. Pedro I, na Bahia, tirou de seu proprio fardão a insignia do Cruzeiro e collocou-a no peito da jovem heroína, que recebia assim do monarcha a sagração do seu patriotico valor.

O decreto n. . . . de 20 de Agosto de 1823 concedeu-lhe as honras, o soldo e gratificações do posto de alferes do exercito.

My lady M. Graham, em sua interessante obra — *Journal of a Voyage to Brazil* (Londres, 1824) nos dá o retrato da heroína e bem curiosos pormenores de sua vida.

(2) Mais tarde Visconde de Pirajá.

de seus caçadores desalojou de Tamandaré uma força contraria, tomando-lhe muita munição, viveres e á tiros de peça obrigou a fuga o brigue *Bahia* que auxiliára a defesa do porto.

Constando no quartel general das forças imperiaes que os rebeldes haviam occupado o forte de Tamandaré, uma expedição, destacada do corpo de exercito, que em onze vasos de guerra vindos da Bahia, desembarcou a 18 de Agosto em Macció, ás ordens do general Francisco de Lima e Silva, seguiu da Barra Grande para retomal-o o que realison a 2 de Setembro seguinte. (1)

Logo aos primeiros tiros cahio mortalmente ferido o major *Pitanga* que poucos momentos sobreviveu a victoria dos contrarios.

#### IV

-

De regresso ao Rio de Janeiro, na primeira reunião do ministerio, D. Pedro II lembrou ao conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz (2) a concessão de um titulo ao chefe do esquadra Marques Lisboa, justificando-o não só com os serviços prestados desde a sua primeira praça, como os desta viagem, lembrando os casos do *Ocean Monarc* e *Vasco da Gama*, pelos quaes merecera significativas manifestações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Paes Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agracial-o com um baronato no Rio Grande do Sul, de onde era filho, mas D. Pedro, ainda impressionado pelo episodio do major Pitanga, mandou lavrar o decreto concedendo-lhe o titulo de *Barão de Tamandaré*, em homenagem, dizia, á memoria do irmão, veterano da independencia, morto nas ameias do velho forte pernambucano. (3)

---

(1) Nesse encontro foi gravemente ferido o tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob Niemeyer, mais tarde um dos membros da «Commissão Militar» encarregada das celebres devassas sobre a Confederação do Equador, que tantos patriotas enviou ao patibulo.

(2) Presidente do conselho de ministros do gabinete de 10 de Agosto de 1859.

(3) Uma das maiores preocupações do grande Imperador, era «unificar» os brasileiros, isto é, fazel-os esquecer senti-

Eis por que serie de circumstancias Joaquim Marques Lisboa, o *Nelson brasileiro*, teve um titulo nobiliarchico de *origem* verdadeiramente republicana.

---

mentos bairrísticos, para lembrar-lhes unicamente que a patria commun era o Brasil.

Hoje está solapada a grande obra do velho monarcha: brasileiros degenerados exploram a ignorancia do povo pregando a necessidade das «pequenas patrias», no que, infelizmente, são ajudados pela maldita «federação» que cedo demais ha de subdividir o Brasil em «republicuetas» sem o menor prestigio perante o mundo.



## UMA BALA HISTORICA

---

Existe em meu poder a bala que victimou o legendario Barão do Triumpho — o Murat da cavallaria brasileira.

E, como esse pedaço de mineral, fundido ao acaso, roubasse ao Brasil um dos seus mais valentes generaes, fazendo tombar para a eternidade o *bravo dos bravos* (1), mereço que se recorde detalhadamente a sua historia.

Dolorosos pensamentos occorrem ao espirito, despertando amargas reflexões sobre a misera contingencia da humanidade, quando, no silencio do meu gabinete, contemplo essa porção minima de chumbo de que se serviu o destino para cortar a existencia de um vulto da estatura de Andrade Neves, acostumado a ignea atmospheria das batalhas, cujo nome, aureolado por um arrojo sem par, fazia tremer as massas inimigas a quem combatia sempre vencendo.

---

A's 3 horas da madrugada de 21 de Dezembro de 1868, Andrade Neves penetrava no potreiro Marmoré, á frente de sua divisão, para contornar o inimigo acastellado nas celebres linhas das Lomas Valentinas.

O ataque, iniciado ás 6 horas da manhã, tornára-se tremendo, combatendo-se com furor. O inimigo, desenvolvendo extraordinaria bravura, defendia palmo a palmo os seus ultimos entrincheiramentos: a mortandade era medonha.

As granadas fendiam os ares em todas as direcções e o estrepito continuo da fuzilaria demonstrava a energia daquella luta bem poucas vezes igualada.

A's 6 horas da tarde a columna da esquerda, ás ordens do general Jacintho Machado, tomava de assalto a primeira linha dos entrincheiramentos paraguayos,

---

(1) Como o qualificou o marechal Marquez de Caxias, na ordem do dia em que noticiou ao exercito o seu passamento.

mantendo-se na posição conquistada até o dia 28, a despeito dos ingentes esforços empregados para re-conquistal-as.

A's 6  $\frac{1}{2}$  horas da tarde, Andrade Neves recebia grave ferimento: uma bala inimiga quebrando-lhe o osso do tornozelo, engravou-se nos ossos posteriores do pé direito. Esmagado quasi esse membro, a ferida parecia ter sido produzida pelo choque de um estilhaço de bomba, e os medicos, conhecendo a extrema gravidade de semelhante fractura, em um corpo já debilitado por uma febre continua, não quizeram sujeital-o a um exame por demais doloroso, nem abreviar existencia tão preciosa com uma amputação de resultados problematicos.

Transportado para o antigo palacio do marechal Lopez, depois que as nossas tropas se apossaram de Assumpção, ali falleceu na manhã de 6 de Janeiro de 1869.

Quando em 1873 o corpo do illustre rio-grandense veio para o Brasil, deu-se em Porto Alegre o seguinte facto que veio demonstrar a verdadeira causa de sua morte, geralmente admittida como consequencia de febre pernicioso.

Na occasião de mudar-se os restos mortaes para outro caixão, *cahin d'entre os ossos do pé direito* esse projectil que me foi confiado pelo general José Joaquim de Andrade Neves, filho do illustre Barão do Triumpho.

Juntamente com o projectil o illustre herdeiro de tão glorioso nome confiou-me uma sobrecarta com os seguintes dizeres:

« Provincia do Sul — Porto Alegre.

« Dentro deste sobr'Esripto acharão hum papel  
« q. foi posto dentro d'hua Garrafa e sepultado com  
« o Corpo do General Barão do Triumpho, na Ca-  
« pital da Republica do Paraguay, a 26 de Janeiro  
« d'1869. Andrade Neves foi ferido a 21 de De-  
« zembro d'1868; derão-n'o morto de Febre; mas,  
« na Exumação de seus Restos Mortaes, achou-se  
« n'hum pé huma balla de Chumbo feita a martello  
« — d'adarme 17! . . . Esta balla de peso 8 oitavas  
« acompanha este.

18  $\frac{29}{4}$  73

P. C. »

O papel a que se refere o documento acima, tem os seguintes dizeres já quasi apagados:

« Aqui Jazem os restos mortaes do Barão do  
« Triumpho, fallecido a 6 de Janeiro de 1869 e  
« sepultou-se a 7 do mesmo mez. »

Paraguay.

Barão do Triumpho.

Fallecêo a 6 de Janeiro de 1869

Este papel foi posto dentro  
d'hua Garrafa e sepultado  
com o B. do Triumpho para  
maior signal.

Tirado no dia 5 de Julho de 1872  
para seguir para a provincia do  
Sul onde nasceo.

Chegou a Porto Alegre a 24 de Abril  
de 1873 e seguiu para Rio Pardo a 26  
do mesmo mez.

*P. C.*

Nestes documentos, escriptos com tres caracteres de letra differentes, existe divergencia quanto á data da inhumação do cadaver: foi realmente dado á sepultura a 7 de Janeiro de 1869.

---

O volume relativamente consideravel do projectil, que é feito de ferro coberto com uma camada de chumbo batido a martello ou para melhor adherir áquelle metal, ou para entrar com mais facilidade na alma da carabina, com o diametro de 17<sup>m m</sup> e o peso de cincoenta e tres grammas, justifica o erro dos medicos em admittir que o esmagamento dos ossos fosse consequencia de um estilhaço de bomba.

Na verdade, quem poderia então admittir que um projectil de carabina, geralmente de chumbo, pudesse produzir semelhante fractura, e ainda mais, attenta as armas então em uso, que possuísse força de penetração bastante para atravessar a tação da bota e os ossos anteriores até alojar-se entre os da parte posterior do pé?

Hoje temos explicação do facto com o modo e os meios porque os paraguayos fabricavam os projectis de carabina na penultima phase da guerra.

Com effeito, tornando-se extremamente escassos no Paraguay todos os artigos de procedencia estrangeira, em consequencia do rigoroso bloqueio estabelecido pelos alliados, o marechal Solano Lopez, com a assombrosa energia que o caracterizou nessa guerra



singular, arrancou elementos extraordinarios do proprio paiz, e com os recursos de seu genio inventivo, pôde crear o que não existia, prolongando a luta até encontrar a morte na sua ultima trincheira, nos confins do paiz.

Os metaes quasi desapareceram e até os sinos das igrejas desceram das torres para os fornos dos arsenaes. E este facto, que passaria despercebido em qualquer outro paiz, assumia especial gravidade no Paraguay, onde o espirito do povo, eminentemente religioso o profundamente ignorante, era capaz de todos os excessos pela conservação das velhas tradições jesuiticas. dá ideia tambem da situação desesperada em que se viu aquella nação heroica e ao mesmo tempo da tremenda oppressão da dictadura de Lopez que com a sua indomavel energia conseguiu abafar todas as resistencias, vencer todos obstaculos, realisando impossiveis.

O chumbo quasi desapareceu do anno de 1868 em diante, mas o ferro o substituiu em quasi todas as applicações. E os arsenaes fundiram com esse metal muitos milhões de projectis de carabina com que foi prolongada a luta.

Esta circumstancia explica tambem o facto da especial gravidade de que se revestiram todas as fracturas produzidas por armas de fogo no ultimo periodo da guerra.

Os pesados projectis de ferro fundido deviam prejudicar o alcance do tiro e, pelo attrito, destruir as estrias das carabinas, mas é incontestavel que havia toda propabilidade de inutilisar para sempre a quem fosse chocado por uma dessas bolas capeadas de chumbo.

---

A escacez dos artigos de procedencia estrangeira deu ensejo para o desenvolvimento do genio inventivo dos paraguayos que, como disse, arrancaram elementos de guerra do proprio paiz, tirando partido de tudo.

O papel tornou-se tão raro que os archivos da Republica foram revolvidos e *todas as meias folhas em branco* retiradas para o serviço da secretaria do marechal Lopez.

Escolheu-se em todo o exercito os sargentos e mesmo officiaes subalternos que tinham a *lettra mais miuda* e essa faculdade tornou-se um titulo de recom-

mendação para quem a possuísse: Silvestre Aveiro, o terrível executor das sentenças de Lopez, não teve, a principio, outra recommendação.

O meu mallogrado amigo, o general Francisco Manoel da Cunha Junior, possuia um curioso documento que comprova o estado desesperado a que chegou o Paraguay com a falta de manufacturas estrangeiras.

E' um mappa das fortificações de Curupaity, desenhado sobre *papel de cigarro*, cujas folhas minúsculas foram cuidadosamente emendadas até alcançar o tamanho de 1.<sup>m</sup>20 × 0.<sup>m</sup>80! (1)

O desenho é um tanto grosseiro, mas perfeitamente exacto em seus detalhes: representando o espaço comprehendido entre a casa de Lopez (*mayoria*), em Passo Pocú, até as trincheiras de Curupaity, junto ao rio Paraguay.

Os canhões de grosso calibre estão figurados a lapis encarnado e as peças de campanha, bem como as fogueteiras, á tinta preta; os bosques, as linhas de abatizes e as bocas de lobo a lapis azul; os paiões, caminhos de serviço, bem como as diversas legendas explicativas, escripta a letra de mão, á tinta preta já bastante desmaiada pela acção do tempo.

Este curioso documento foi encontrado no bolso de um official paraguayo, provavelmente do estado maior de Lopez, morto na tomada do Sauce a 21 de Março de 1868.

\*

Para guardar a bala que roubou a vida ao notavel *carullariano* rio-grandense, (2) mandei fazer uma co-

---

(1) Quando o general Cunha Junior veio ao Rio Grande do Sul tratar de pôr termo á guerra civil, trouxe-me esse curioso mappa.

Devolvi-o mais tarde por intermedio do general João Telles em sua ultima viagem ao Rio do Janeiro, constando-me que está quasi inutilisado por se ter quebrado o vidro do quadro que o emoldurava.

Possúo, porém, nitida copia photographica que representa perfeitamente todas as emendas do «papel de cigarro» e todas as dobras do papel.

(2) Não é hyperbole. Andrade Neves era tão adestrado em equitação que, montando em um potro «bagonal» (recem-domado, espantadiço e arisco) mandava sujeitar o animal, enquanto collocava duas moedas de cobre em cada sapata do estribo pousando sobre ellas a ponta da bota: depois de mil corcóvos cabriolas e carreiras, ao parar o potro offegante e domado, lá estavam as duas moedas no mesmo lugar!

lumna de bronze, aproveitando para isso um fragmento de canhão paraguayo que obtive do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

A columna, de ordem *corinthia*, inéde 0.<sup>m</sup> 16 de alto por 0.<sup>m</sup> 10 de diametro na base do pedestal: sobre o capitel, em cavidade apropriada, descança o projectil.

Na face superior do primeiro batente, na base, tem a seguinte inscripção:

*Esta columna sustenta a bala que matou  
o General José Joaquim de Andrade Neves  
(Barão do Triumpho)  
na batalha das Lomas Valentinas a  
21 de Dezembro de 1868.*

No ultimo friso do pedestal, onde assenta o fuste:

*J. Arthur Montenegro. inv.*

e na borda do primeiro batente da base

*Feita nas officinas da Southern Brazilian Rio Grande  
do Sul Railway.*

Confiei a execução do plano ao habil moldador James Andrew, pertencendo todo trabalho de gravura ao meu companheiro de trabalho naquella estrada de ferro Carl Wilhelm Ewald, distincto engenheiro russo ha muito domiciliado no Brasil.



## Ó MARECHAL SOLANO LOPEZ

---

Passa como facto provado ter tido o marechal Solano Lopez grandes conhecimentos scientificos e vastissima erudição.

Entre outros, Silvano de Godoi em suas *Mono-graphias Historicas*, Chrisostomo Centurion em suas *Memorias*, e Elisée Reclus em artigos na *Revue des Deux Mondes*, não se cansaram de bater nesse thema, citando factos, apontando occasiões em que Lopez provou a saciedade ser o espirito mais culto dos homens ds seu tempo na America do Sul.

Centurion entre muitas puerilidades, affirma até que Lopez *inventou* o vocabulo — *Concio* — accrescentando (tom. II p. 15 das *Reminiscencias Historicas*):

« Esta palabra no trae el Diccionario, y és una « invencion de Lopez, y significa — *consciente!* »

Entretanto, pelos detalhes que tenho colhido da vida intima do dictador, pela analyse fria e imparcial de todos os seus actos relativos á politica internacional e sobre tudo pelo modo brutal por que governou o paiz, julgo-o muito *superficial*, dispondo apenas de algumas *tinturas* de civilidade, adquerida em suas viagens ao exterior e com o contacto dos raros diplomatas que em seu tempo foram ao Paraguay: no mais era grosseiro, brutal, orgulhoso e de uma vaidade sem limites. (1)

O seguinte episodio contado pelo cirurgião George Frederic Masterman em suas memorias (2), convence de que o meu juizo sobre o grande despota americano é de todo fundado.

\* \* \*

---

(1) O meu distincto amigo, coronel José Clementino Soto, director geral das Penitenciarias da Republica Argentina, tem em preparo estudo muito completo sobre a individualidade de Solano Lopez — que, a meu pedido, vae dedicar ao Instituto Historico Brasileiro.

(2) *Seven Eventful in Paraguay*.—London 1870, p. 123.

Durante o cerco de Humaytá, o marechal lembrou-se de arranjar um — *passa-tempo* — para si e para os seus officiaes, com o fim de vencer o tédio e monotonia dos longos dias que succediam-se sem outro acontecimento mais que algum combate no qual as suas tropas eram invariavelmente batidas.

Eis o que diz Masterman :

« . . . Pensei demorar-me sómente uma semana na fortaleza, porém fui detido durante tres por uma razão tão absurda que não a posso recordar sem rir-me.

O presidente Lopez mandou vir de Paris uma caixa com *vistas* semelhantes ás que se vêem nas feiras da Inglaterra, porém em escala maior, acompanhadas de uma *lanterna magica*.

Chegaram sem avaria pouco antes do bloqueio dos rios, porém, desgraçadamente para mim, extraviaram-se as *instruções* sobre o modo de usal-as.

Assim é que S. Ex. ordenou ao capitão (agora tenente-coronel) Thompson e a mim que as montassemos. *pondo-as em exhibição*.

Não gostamos de semelhante tarefa, mas tivemos de nos resignar senão . . .

Quando tudo estava prompto, Lopez, acompanhado do bispo e de tres ou quatro generaes, percorreu o recinto da *Exposicion* (como chamava) as som das musicas marciaes e seguido por nós que eramos os *cicerones*.

Tivemos muita difficuldade em conter o riso: a tal ponto chegavam as *falsas ideias* e pueril encanto da nosso roliço patrão, que punha-se nas pontas dos pés para contemplar nos vidros de augmento a — *Bahia de Napoles á luz da lua* (*The Bay of Napoles by moonlight*) — ou a um — *Caçador d'África combatendo com dez arabes* (*Chasseurs d'Afrique engaging ten Arabs at once*.)

A *giringonça* era mais risivel ainda: cerrava-se com uma cortina de ganga a extremidade de um sa-guão que unia dois alpendres e a outra com um bi-ombo: a *machina* estava collocada n'este ultimo, em cuja frente estendia-se uma ordem de cadeiras em semi-circulo para *El Famoso* e seu sequito, enquanto que os soldados, para quem se armára a *Exposicion*, deviam contentar-se em ficar do lado de fóra.

Muitos dos quadros representavam as batalhas feridas na ultima guerra franco-italiana, mas eu e Thompson tomamos a liberdade de baptisal-os a nosso gosto, como por exemplo:

— *Batalha de Copenhagem entre os Persas e Hol-landezes.*

Ah! que horroroso combate foi aquelle, dizia Lopez ao bispo, fazendo-se de entendido.

— *O Campo de Trafalgar depois da batalha: os mamelucos levando os feridos.*

Que humanidade christã, Excellentissimo Senhor, murmurou o bispo...

Seguimos com a farça:

— *Tomada de Moscov na ultima carga de Magenta.* disse Thompson com voz pouco segura, dando-me ao mesmo tempo um beliscão na perna, por baixo da meza.

— *A morte do general Ordeues no momento da victoria* —, foi o titulo do quadro seguinte que soava pomposamente em hespanhol e com o qual concluia-se a primeira série.

Sucederam-se a estes os quadros comicos com o *titulo* dos quaes o bispo quasi nos perdeu. O biombo reflectia luz sufficiente para poder se vêr atravez da ganga as *sacudidelas* que eramos obrigados a fazer para conter o riso, mettendo o lenço na bocca.

Não nos atreviamos a soltar a gargalhada, mas era difficillimo conter-nos. Thompson, muito sanguineo, quasi morre de convulsões, sobre tudo ao ver em uma das vistas o nariz de um anão tomar gradualmente dimensões colossaes.

A diversão teria sido magnificamente famosa para uma ou duas noites, porém trabalhamos tão *acertadamente* que recebemos ordem de continuar com a diversão até novo aviso — *y la cosa no era broma*...

Fiquei doente poucos dias depois, obtendo então licença para voltar á capital.

Por esse tempo Lopez não permittia que *pessoa alguma* dissesse graças em sua presença e muito menos rir-se, pois ambas *as cousas* constituíam um desacato á sua pessoa. »

Masterman, um dos mais graduados cirurgiões do exercito paraguay, tinha a seu cargo os hospitaes de Assumpção, n'essa occasião repletos de convalescentes e feridos dos combates de Maio a Dezembro de 1866; como auxiliares em tão afanoso serviço, tinha apenas *oito praticantes*, que, quando muito, seriam bons enfermeiros: pois bem, no Paraguay, durante a sabia administração de Lopez, arredava-se um medico da cabeceira de milhares de enfermos para encarregal-o da manobra de um cosmorama proprio de ciganos ambulantes!

## HOSPITAL FLUCTUANTE

---

Carta dirigida á redacção d'A *Republica* do Ceará, em 11 de Junho de 1898.

Sr. Redactor.

Noticiando *A Republica* de hontem o equipamento do hospital fluctuante *Solac*, da marinha militar dos Estados Unidos, para servir na actual guerra entre essa potencia e a Hespanha, accrescenta:

«... E' o primeiro navio *no seu genero* na historia das operações navaes.»

Permitta, meu caro confrade, que reivindique para o Brasil a prioridade do invento, pelo menos nas campanhas navaes feridas na America, pois tenho á vista a celebre obra de Vittorio Vecchio — *Storia Generale della Marina Militare (Firenze 1892)* e nenhuma referencia encontro sobre tal assumpto antes da nossa luta com o Paraguay.

Durante a campanha de 1864—1870, tivemos diversos hospitaes fluctuantes, entre os quaes cito de memoria — o *Onze de Junho*, *Eponina*, *D. Francisca* e *Annicota*, além de outros que foram se armando á medida que progrediam as operações.

O primeiro hospital fluctuante que tivemos foi o *Onze de Junho*.

Esse navio, antigo vapor argentino *Iniciador*, que se empregava no trafego de passageiros entre Buenos Aires e Montevideo, foi comprado pelo vice-almirante Tamandaré, juntamente com o *Tramandahy* (antigo *Fra*), para armal-os em guerra e compor a esquadilha que, sob o commando do chefe Barbosa da Lomba, devia transpor o *Salto Chico* no rio Uruguay e ajudar o cerco da villa de Uruguayana, então occupada pela columna paraguayá do tenente-coronel Estigarribia, onde não podiam chegar os vasos da esquadra em consequencia do seu grande calado.

Com magnificas accomodações, serviu algum tempo de *navio almirante*, e o nosso legendario Tamandaré,

içando o seu pavilhão em tal navio, honrava a data que hoje commemoramos, da grande batalha naval de Riachuelo, travada ha 33 annos precisos.

A 5 de Março de 1866 o *Onze de Junho* foi incorporado á esquadra de operações no Paraná e Paraguay, transformado em *hospital de sangue*, com todas as installações necessarias a tão importante serviço.

Dirigiram os trabalhos medicos nesse hospital, onde se praticaram as mais importantes operações chirurgicas em toda campanha, os Drs. João José Damasio e Pedro Autran da Matta Albuquerque.

A ideia de transformar o *Onze de Junho* em hospital fluctuante, pertence ao benemerito conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, nosso ministro no Rio da Prata, o qual, tomando parte activissima nos conselhos de generaes durante todo o trabalhoso periodo de organização, sempre lembrava medidas humanitarias tendentes a minorar os horrores da guerra — medidas que escapavam aos responsaveis pelos successos propriamente militares que se viam absorvidos pelos graves problemas tactico-estrategicos, na espantosa confusão dos primeiros mezes da campanha de invasão em que *tudo* estava por fazer.

Portanto, ao nosso eminente patricio conselheiro Francisco Octaviano cabe a gloria de tão util *invenção*, pois é certo que si não existissem os tres hospitaes fluctuantes *Onze de Junho*, *Eponina* e *D. Francisca*, após os sangrentes combates da Confluencia, Estero Bellaco, Tuyoty, Cruzú, Curupaity, Boqueirão e Sauce, nos quaes tivemos mais de 15.000 homens feridos, que receberam os primeiros curativos ali junto ás barrancas do rio Paraguay, sendo depois commodamente transportados para os hospitaes de Corrientes — muito mais avultado seria o numero de mortos, como facilmente se comprehende em una epocha em que a cirurgia e a anteseptia estavam tão atrazadas.

E taes foram as vantagens collidas com esse systema, que o governo sueco, impressionado pelo relatório do tenente Alfredo Lindback (que assistiu ás operações da nossa esquadra), mandou construir um navio expressamente para esse fim, segundo os planos do mesmo tenente e do corpo medico naval.

A Suecia foi, pois, a segunda potencia que armou hospitaes fluctuantes.



E já que tratei dos nossos hospitaes fluctuantes, permitta recordar aqui a commovente historia do *Eponina*:

A colonia brasileira residente em Buenos Aires, por meio de subscrição, comprou o vapor *Portená* que, como os outros acima mencionados, empregava-se no trafego de passageiros entre a capital argentina e Montevidéo.

Deram-lhe o nome de *Eponina*, em honra á esposa do conselheiro Francisco Octaviano, e o offereceram ao governo brasileiro para o serviço da guerra.

Logo que começaram os combates do anno de 1866, esse vapor foi empregado no transporte dos feridos para os hospitaes de Corrientes, Buenos Aires e Montevidéo, e a seu bordo falleceu em viagem, além de outros, o nosso conterraneo general Antonio de Sampaio, ferido na batalha de Tuyoty, quando era transportado para o nosso magnifico hospital central de Buenos Aires.

A 6 de Janeiro 1867 foi esse navio totalmente destruido por violento incendio, cuja causa jámais pode ser averiguada.

Achava-se atracado á barranca de Curuzú, servindo de hospital de sangue e cheio de feridos e doentes, quando occorreu o sinistro.

De cerca de duzentos enfermos, nenhum pode ser salvo: toda tripolação pereceu!

Logo que arvorou o signal de *fogo a bordo*, toda a esquadra suspendeu para soccorrel-o, mas as chammas o envolveram tão rapidamente que foram impraticuos os desesperados esforços feitos para salvar os desgraçados enfermos; tornou-se necessario mettê-lo a pique, porque estava transformado em medonho brazeiro.

Nunca se pode averiguar tambem o numero das victimas, pois apenas boiaram onze cadáveres.

Eis o que lhe posso dizer, de momento, sobre os nossos hospitaes fluctuantes.

Ceará, 11 de Junho de 1898.



# APPENDICE

---

## ASSUMPTOS MILITARES (1)

---

### I

No *Correio Mercantil* de 17. lemos um artigo do Sr. J. Arthur Montenegro sobre assumptos militares e ficamos pasmos *diante de uma nota* que acompanha aquelle artigo.

O Sr. Montenegro *condemna a ordem para a formatura de infantaria no combate.*(2)

E' simplesmente irrisoria semelhante ideia na epocha actual.

Hoje que a artilharia tem chegado a um aperfeiçoamento admiravel, tanto em precisão como em alcance do tiro, a que ficaria reduzida a infantaria, apresentando-se em combate *em columna cerrada?*(3)

O Sr. Montenegro está perfeitamente errado em dois factos que cita ali.

No primeiro diz que no combate de *Sarrebruck* (4) os allemães perderam em dez minutos 1600 homens. Está enganado.

O combate de Sarrebruck feriu-se a 2 de Agosto e não a 18, como diz o Sr. Montenegro. O combate foi resolvido a 31 de Julho em um conselho composto dos generaes Frossard, de Fally e presidido pelo marechal Mac Mahon.

O general Frossard commandava a força que operou e esta força era composta da divisão *Bataille*, toda de infantaria e formada do 12.º batalhão de caçadores, 8.º, 23.º, 66.º e 67.º regimentos de infantaria, tendo mais duas baterias de artilharia calibre 4 e uma ba-

---

(1) Como disse em a nota da pag. 4 — este artigo é da penna do major do corpo de engenheiros do exercito J... D... M., segundo me informou um amigo commum.

(2) O gripho é meu: attenda-se bem sobre semelhante proposição...

(3) Ibid.

(4) Ibid.

teria de metralhadores e uma companhia de engenheiros.

A divisão Bataillo tinha como apoio, no flanco direito e á retaguarda a brigada Micheler da divisão Leveaucouper, de infantaria, e no flanco esquerdo outra brigada, tambem de infantaria, a brigada Valazi, da divisão Vargé.

As outras brigadas destas duas ultimas divisões ficaram nos acampamentos.

A guarnição de Sarrebruck compunha-se de um batalhão do regimento n. 40 de fuzileiros de Hohenzollern e de tres esquadrões do regimento n. 7 de uhlanos do Rheno.

Esta força era commandada pelo tenente-coronel de Pestel, tinha como apoio na retaguarda os dois outros batalhões do regimento n. 40, um esquadrão do 9.º de hussards e uma bateria ligeira. Toda a força allemã estava sob as ordens do general Gneisenau, que tinha ordem de retirar-se sobre Lebach, caso fosse atacado por força superior a d'elle.

Deixamos de narrar as peripicias do combate: limitaremos-nos a dizer que: — o general francez começou o movimento ás 9 horas e  $\frac{3}{4}$  da manhã e que á 1 hora da tarde o general allemão, seguindo as instrucções que tinha, começou a retirada, indo acampar no dia 3 pela manhã em Hilschbach.

As perdas foram para os allemães de: 4 officiaes feridos e 8 soldados mortos. 64 ditos feridos e 7 extraviados; para os francezes: 2 officiaes mortos, 4 feridos, 9 soldados mortos e 71 feridos.

Vê-se, portanto, que não só nunca esteve presente nenhuma 5.ª divisão prussiana, como tambem que os allemães nunca tiveram 1.600 homens cortados pela cavallaria franceza, á espada.

*Erra o Sr. Montenegro* quando diz que os allemães só empregaram a ordem dispersa em Sarrebruck.

O exercito allemão nunca abandonou *os taes atiradores e o seu cortejo de reforço e apoio*.

Até hoje o exercito allemão adopta o que o Sr. Montenegro condemna. O principe de Württemberg, tratando da tomada de Bourget em 30 de Outubro de 1870, diz — « as columnas dos flancos enviaram para a frente pelotões *em atiradores* que ganhavam terreno em acelerado deitando-se depois. Atraz seguiam igualmente as *reservas e apoios* tambem em acelerado e em pequenos grupos ».

Esta citação que acabamos de fazer, o Sr. Monte-

negro encontra na seguinte obra — *Essai historique sur la tactique de l'infanterie, par le Capitain Jérôme* —, obra publicada em Paris em 1875.

Tratando ainda da tomada de Bourget, diz a obra acima citada — *a ordem dispersa estava pois demonstrada pela experiencia*.

O regulamento de 20 de Junho de 1874 para o serviço dos exercitos allemães, trata no art. 464, sobre os atiradores: — A descripção do combate de Sarrebruck, o Sr. Montenegro encontra com todos os detalhes na — *Histoire générale de la guerre Franco-alleman, par le commandant Rosselet*.

Foi igualmente infeliz o Sr. Montenegro na citação que fez do *negocio* do 30.º batalhão, no Passo Fundo.<sup>(1)</sup>

Este batalhão marchava apressadamente, *em marcha de estrada*<sup>(2)</sup>, quando foi, de surpresa, atacado por cavallaria.

Quem viu as marchas das forças durante a revolução, sabe que na infantaria — a marcha de estrada não tinha a menor regularidade.<sup>(3)</sup> Imagine-se o que não seria essa marcha feita apressadamente. Conhecemos bem de perto o 30.º batalhão e sabemos como elle marchava.

*Podemos garantir que quando foi atacado não tinha uma unica de suas fracções que pudesse unir rapidamente*<sup>(4)</sup>. Se as marchas de costado são sempre perigosas, esse perigo torna-se duplo nas condições em que foi sorprendido o 30.º Não estavamos lá, mas testemunhas oculares garantem-nos o que acima dissemos.

Esperavamos com anciedade a obra do Sr. Montenegro, mas em vista do que elle diz sobre Sarrebruck e Passo Fundo, não temos pressa.

Bagé, 19 de Julho de 1896.

*Um official de infantaria.*

## II

Sr. Redactor.

O elevado apreço e a gratidão que consagro á sociedade rio-grandense — de quem muito tenho merecido — me impellem, Sr. Redactor, a enviar ás columnas

(1) O grifho é meu para melhor chamar attenção do leitor.

(2) *Ibid.*

(3) Attenda-se bem a esta proposição.

(4) *Ibid.*

de seu jornal as linhas que se seguem em resposta ao artigo — *Assumptos Militares*, no qual illustrado e erudito escriptor contesta dois factos historicos mencionados na « carta aberta » que publiquei a 17 do corrente.

Esboçando apenas o modo por que considero a ordem dispersa no *campo de batalha*, não condemnei *in limine* essa formatura, mesmo porque não conheço outra melhor para assaltar trincheiras ou tomar posições *firmas* occupadas pelo inimigo que não disponha de cavallaria. E si o meu censor desejar conhecer as razões por que demonstro ser partidario convicto da *ordem cerrada e em linha*, como ordem inicial de combate, desfivete a mascara e provoque discussão para tão momentoso assumpto.

Questões dessa ordem, á que se prendem tão elevados interesses, que tão de perto se relaciona com a gloria e com a integridade da patria, não se discentem atravez da viscira negra do anonymato.

Tive a honra de pertencer ás fileiras do exercito: conservo bem gratas recordações dos bellos dias da juventude em que servi á minha patria e o muito que prezo a nobre classe a que pertenci durante dez annos, me faz lamentar que um de seus membros, talvez um antigo companheiro de barraca, não tenha a hombridade de envolver com a sua assignatura o projectil com que tentou ferir o humilde e bem obscuro nome do autor destas linhas.

— *O cocca nocentum concilia, o semper timulum scelus . . .*

Eu não condemnei nem condemno a *ordem para a formatura da infantaria em combate*(1), porque sem *ordem* nunca se combateu em exercito algum do mundo, nem mesmo no tempo em que os *hasturios* de Roma, da antiquissima Roma, lutavam braço a braço, armados de *pilum* e escudos.

Disse, e julgo que o publico assim comprehendeu, que condemno a *ordem dispersa* em campo raso na America do Sul, onde por muito tempo ainda a cavallaria terá preponderancia tactica no campo de batalha.

Tambem nunca affirmei que a infantaria devesse atacar artilharia em *columna cerrada*, nem isso, feliz-

(1) Palavras textuaes do meu censor.

mente, se pode deprehender da *nota* que mereceu a honra de tão elevada critica; seria um contrasenso que, permitta o meu illustrado contendor, jamais manifestaria estando de posse das faculdades mentaes...

\* \* \*

Continúo a asseverar que no combate de Saarbrücken, ferido a 6 de Agosto de 1870, a 5.<sup>a</sup> divisão prussiana perdeu em dez minutos 1600 homens cortados pelos couraceiros da divisão Frossard, quando, guiada pelo general Steinmetz em pessoa, *avançava em atiradores* com o seu cortejo de reforço e apoio contra as baterias francezas postadas nas collinas de Spicheren.

O meu censor enganou-se *redondamente* quando diz que esse ataque foi iniciado pelos francezes, depois do conselho de generaes presidido pelo marechal Mac Mahon (31 de Julho).

Confunde sim a tomada de Saarbrücken, que teve lugar no dia 2 com a batalha travada a 6 entre essa cidade e a do Forbach — a que me referi em a nota que lhe mereceu tão sério reparo.

Essa batalha ficou com o nome da cidade *retomada pelos allemães* nesse dia e tambem com a de Spicheren, porque as collinas desse nome constituiram a chave das posições francezas, onde estava o centro apoiado em reductos (no Rothe Berg), mas é certo que se travaram dois combates bem distinctos: o primeiro das 6 até ás 11 horas da manhã, entre o rio Saar e a cidade de onde os francezes foram desalojados, e o segundo do meio dia ás 7 horas da tarde, entre Forbach e Spicheren, no qual Frossard se viu obrigado a desoccupar as alturas e a se retirar pela estrada de Saint-Avold.

A 5.<sup>a</sup> divisão do 1.<sup>o</sup> corpo, depois de transpor o Saar ás 10 horas, avançou para as celebres collinas onde os francezes detinham sob fogos convergentes a divisão do general Kamecke; logo que chegou ao alcance da metralha Steinmetz, mandou-a tomar de flanco as alturas occupadas pelos francezes, e na occasião em que a extensa linha de atiradores enfrentava Stiering-Vendel foi alcançada pela cavallaria. E nessa luta de infantes dispersos e cavalleiros unidos, cahiu o general François, um dos mais esperançosos officiaes prussianos, e com elle 1.600 mortos e feridos.

Nesses dois combates que se chamaram — batalha de Spicheren — «...le perditte fuoron maggiore da

parte dell'attacco che daquella della difesa. I prussiani perdero 4.871 homini, i franceze 4.078; significante pero fue il numero de prigionieri non feriti che gia que vennero tolti al nemico». (1)

\*  
\*

Na vitrine da *Livreria Americana* deixo por oito dias em exposiçào, aberta na pagina 143. a — *Historia da Guerra Franco-Allemã*(2), moldada pelo relatorio do estado maior prussiano, para que o publico possa ajuizar entre o que eu assevero e o que contesta o meu erudito censor.

\*  
\*

Empraso o distincto *official de infanteria*, que tão correctamente se apresenta em terreno historico, para, com a responsabilidade de seu nome e do elevado posto que occupa no corpo de engenheiros do exercito, vir provar que o exercito allemão em todo o decurso da guerra de 1870—71 empregou depois de Spiecheren(3) a *ordem dispersa em campo raso como ordem inicial de combate*.

Caso não o faça, permita que o humilde autor destas linhas estampe o seu nome nas columnas deste jornal e ponha em duvida os seus conhecimentos profissionais.

\*  
\*  
\*

Quanto ao *negocio*(4) do 30.º de infanteria, em cujas fileiras contei amigos de infancia e companheiros de

(1) Vid. Conte Helmuth von Moltke — *Storia della Guerra de 1870—71*, pag. 21. (Ed. Fratelli Treves, Milão 1891.)

(2) Ed. de Laemmert.

(3) O mais curioso de tudo isso é que o proprio autor que o articulista chamou em seu apoio, o principe Augusto de Württemberg, teve occasião de experimentar o valor da ordem dispersa diante do inimigo. Commandando a Guarda Real na batalha de Mars-la-Tour, avançou sobre Dancourt com extensa linha de atiradores cobrindo a sua divisào... sendo repellido por forte carga de arrebatada massa de cavallaria. Quem tomou tão boa «sumanta», depois das ordens terminantes que expedira o Quartel General, não preconisa de certo a ordem dispersa como ordem inicial de combate, nem isso se pode deduzir do trecho citado pelo articulista. O principe se refere á tomada de Bourget, posição defendida por trincheiras e barricadas, contra as quaes — até eu que não tive a honra de descobrir a polvora — só avançaria em atiradores.

(4) Textual no artigo do meu censor. O vocabulo «negocio» sôu dolorosamente em meus ouvidos...



fadigas, limitar-me-hei em dizer que distincto e bravo official, um dos poucos sobreviventes dessa luta, asseverou-me ter sido o batalhão tomado de surpresa pela cavallaria quando, *em atiradores*, avançava com o inimigo á vista contra as suas posições no combate do Passo Fundo. (1)

E o facto do meu censor confessar em seu luminoso artigo que durante a revolução *a marcha de estrada* (2) *não tinha a menor regularidade*, mais vem me convencer de que tenho carradas de razão em condemnar a *ordem dispersa*, seja em atiradores na frente do inimigo ou seja em marcha contra as suas posições.

Eu, commandando qualquer força, jamais consentiria que os meus soldados marchassem sem formatura e disso dei prova quando em 1886. *simple sargento em tempo de paz*, conservei constantemente em rigorosa formatura a minha companhia, na marcha de 120 leguas que realiso u o 17.º batalhão de infantaria de Bagé para o Caverá o vice-versa — de que podem dar testemunho todos os companheiros de então e particularmente o meu chefe immediato Dr. João José Pereira Parobé (3) que, militarmente, conservava-se dia e noite no posto que lhe assignalava a ordenança.

Quem fizer o contrario, em qualquer marcha e em qualquer tempo; só pode esperar a indisciplina ou a sorte do 30.º em Passo Fundo.

Uma explicação bem necessaria:

Me coube a sorte de não mais pertencer ao exercito quando travou-se essa luta de irmãos contra irmãos; não tomei, portanto, parte alguma nos acontecimentos e, confesso, fugia até de lêr nos jornaes essas noticias que ainda hoje me enchem a alma de profunda tristeza.

E como me repugna tratar dessa guerra desastrosa de que foi theatro o Rio Grande do Sul, de que, máo grado meu, só incidentalmente tratei, prefiro que de mim se forme o mais desfavoravel juizo como *rabis-*

---

(1) Hoje posso dizer o nome desse official: é o actual tenente José Coelho Maciel, que na occasião fiscalisava o 30.º

(2) «Marcha de estrada», technia que ainda não vi inserta em regulamentos militares, mas que provavelmente é parte do «progresso» que o exercito tem feito nestes ultimos tempos...

(3) Actualmente secretario dos negocios das obras publicas do Estado do Rio Grande do Sul.

*cador de chronica*, a entrar em discussão sobre tão pungente assumpto.

\* \* \*

O ultimo topico do escripto a que respondo, semelha a temerosa inscripção que Dante collocou á porta do seu *Inferno*:

*Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.*

Mas, como dizia outra inscripção, a que encimava a bella fachada do *finado* Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro:

*... Aqui só vale a gloria do trabalho.*

sinto profundamente ter perdido tão erudito freguez para um exemplar do *livreco* que preparo sobre a Campanha do Paraguay e só acho lenitivo para tamanha perda lembrando-me que posso ainda encontrar quem compre os restantes,

**J. Arthur Montenegro.**

